

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA – UFSB

Campus Jorge Amado – CJA

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais - PPGER

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS GONÇALVES

**CONTRIBUIÇÕES DE CHEIKH ANTA DIOP PARA A HISTORIOGRAFIA DA
CIÊNCIA E A FILOSOFIA AFRICANA: proposta de manual complementar ao livro
didático de Filosofia para professores do 1º ao 4º ano do Ensino Médio.**

Itabuna – BA

Novembro – 2019

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS GONÇALVES

**CONTRIBUIÇÕES DE CHEIKH ANTA DIOP PARA A HISTORIOGRAFIA DA
CIÊNCIA E A FILOSOFIA AFRICANA: proposta de manual complementar ao livro
didático de Filosofia para professores do 1º ao 4º ano do Ensino Médio**

Memorial dissertativo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Dra. Francismary Alves da Silva

Co-orientador: Dr. Renato Nogueira

Itabuna-BA
Novembro – 2019

FICHA CATALOGRÁFICA

**Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

G635c Gonçalves, Antonio Carlos dos Santos, 1970-

Contribuições de Cheikh Anta Diop para a historiografia da ciência e a filosofia africana : proposta de manual complementar ao livro didático de filosofia para professores do 1º ao 4º ano do ensino médio / Antonio Carlos dos Santos Gonçalves. – Itabuna : UFSB, 2019. - 120f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais, 2019.

Orientador: Francismery Alves da Silva

1. Diop, Cheikh Anta, 1923-1986. 2. Filosofia africana. 3. Ciência - Historiografia. I. Título.

CDD – 199.6

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922

FOLHA DE AVALIAÇÃO

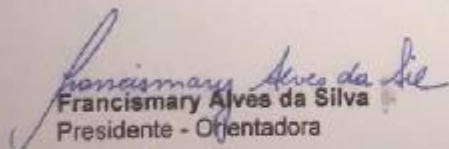
GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - PPGER
MESTRADO PROFISSIONAL

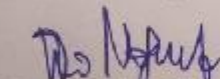
ATA DE DEFESA

Aos onze dias do mês de dezembro do ano 2019, às 9 horas, na Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, realizou-se a prova de Defesa de produto final, intitulado "CONTRIBUIÇÕES DE CHEIKH ANTA DIOP PARA HISTORIOGRAFIA DA CIÊNCIA E PARA FILOSOFIA AFRICANA: proposta de manual complementar ao livro didático de Filosofia para professores do 1º ao 4º ano do Ensino Médio", de autoria do candidato **ANTONIO CARLOS DOS SANTOS GONÇALVES**, discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais - PPGER / CJA / UFSB, em nível de Mestrado. A Comissão Examinadora esteve constituída pelas/os professores/as: Professora Doutora Francismary Alves da Silva (PPGER/UFSB), Orientadora-Presidente; Professor Doutor Renato Nogueira (UFRJ), Co-Orientador; Professor Doutor Flávio Gonçalves dos Santos (UESC), titular; Professora Doutora Laila Brichta (UESC), titular; e Professor Doutor Bas'ilele Malomalo (UNILAB), suplente. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o candidato foi APROVADO pela Comissão Examinadora. Foi concedido um prazo de 30 dias para que o candidato entregue o trabalho em sua redação definitiva na Secretaria Acadêmica e na Biblioteca do Campus. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão.

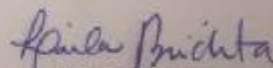
Parecer da Comissão Examinadora:

Trabalho defendido possui relevância e mérito, sendo assim faz jus a outorga do título de mestre a partir da incorporação das sugestões da banca.


Francismary Alves da Silva
Presidente - Orientadora


Renato Nogueira
Co-Orientador


Flávio Gonçalves dos Santos
Titular


Laila Brichta
Titular


Bas'ilele Malomalo
suplente

Dedicatória

Este trabalho eu dedico aos pesquisadores Théophile Obenga da San Francisco State University, Jacques Depelchin da Universidade de Dar es Salaam, Colin Major Darch da Universidade do Cabo, Babacar Sall da Universidade Cheikh Anta Diop, Cheikh M'Mbacké Diop do Centro de Pesquisas Nucleares de Saclay e Yoporeka Somet da Universidade Cheikh Anta Diop, os quais trabalham pela manutenção da memória do polímata senegalês Cheikh Anta Diop.

Agradecimento

Agradeço a todos os professores e professoras do IFBA Eunápolis, UFSB, UESC, UFRRJ e UNILAB que direta e indiretamente contribuíram para minha formação.

“A futura filosofia do mundo deve então levar em conta os grandes sistemas especulativos de toda a humanidade [...] Portanto, há uma necessidade urgente de ganhar alguma familiaridade com as tradições da filosofia africana desde os tempos remotos até a era contemporânea”.

Théophile Obenga (2004)

Resumo

A construção de um manual complementar ao livro didático de filosofia, para professores do 1º ao 4º ano do Ensino Médio surgiu da necessidade de abordarmos a Filosofia Africana como estratégia para refletirmos sobre o racismo no ensino das relações étnico-raciais no IFBA de Eunápolis. O racismo é um tema presente na ementa da disciplina de Filosofia discutida nos quatro anos do ensino médio\técnico, porém, o livro didático não aborda tal temática e, os professores da disciplina do Instituto se esforçam para buscarem textos complementares ao cumprimento das ementas. Muito embora não tenhamos trabalhado com textos de filósofos africanos em nossa formação, nos esforçamos para apresentar tal literatura, colocando-nos três problemas: 1– Escolher um livro didático que aborde a Filosofia Africana; 2– Incorporar na ementa dos cursos do IFBA Eunápolis bibliografia de filósofos africanos o que, implica em elaborar um manual didático complementar e; 3– Ministrando curso sobre Filosofia Africana para os futuros professores, licenciandos da UESC. Ao longo dos anos 2018 e 2019 executamos o projeto-intervenção em ambiente formal de ensino-aprendizagem, respondendo aos problemas aqui levantados e, chegamos à conclusão de que, as contribuições dos filósofos africanos são silenciadas e, em especial a de Cheikh Anta Diop pela polêmica e reconhecida abordagem da historiografia da ciência e da filosofia. Adotamos a metodologia de Intervenção Direta proposta por Élie Bajard, por esta se adequar tanto à formação de professores, quanto à construção da escrita, aliada ao método afroperspectivista proposto por Renato Noguera, que propõe uma releitura da historiografia da ciência e filosofia a partir dos africanos. Apresentamos a memória da proposta de construção do manual complementar dividido em quatro capítulos, com sugestões de atividades, questões reflexivas, vídeos e textos para leitura.

Palavras-chave: Cheikh Anta Diop; Filosofia Africana; Historiografia da Ciência.

Résumé

La construction d'un manuel supplémentaire au manuel de philosophie destiné aux enseignants des classes de lycée découle de la nécessité de considérer la philosophie africaine comme une stratégie de réflexion sur le racisme dans l'enseignement des relations entre ethnies et races à l'IFBA d'Eunapolis. Le racisme est un thème présent dans le menu de la discipline en philosophie abordé au cours des quatre années du lycée. Le manuel ne traite pas d'un tel thème et les enseignants de la discipline de l'institut s'efforcent de rechercher des textes complémentaires pour se conformer au menu. Bien que nous n'ayons pas travaillé avec des textes de philosophes africains, nous efforçons de présenter une telle littérature, posant trois problèmes: 1 - Choisir un manuel qui aborde la philosophie africaine; 2 - Incorporer dans la liste de cours IFBA Eunapolis des philosophes africains, ce qui implique l'élaboration d'un manuel didactique complémentaire et; 3 - Donner un cours de philosophie africaine aux futurs étudiants de premier cycle de l'UESC. Au cours des années 2018 et 2019, nous avons mené le projet d'intervention dans un véritable environnement d'enseignement et d'apprentissage formel aux problèmes soulevés ici. Nous sommes parvenus à la conclusion que les contributions des philosophes africains étaient réduites au silence, notamment celle de Cheikh Anta Diop, par l'approche controversée et reconnue de l'historiographie des sciences et de la philosophie. Nous avons adopté la méthodologie d'Intervention directe proposée par Élie Bajard car elle convient à la fois à la formation des enseignants et à la construction de l'écriture, alliée à la méthode afroperspectiviste proposée par Renato Noguera qui propose une relecture de l'historiographie de la science et de la philosophie africaines. Nous présentons la mémoire de la proposition de construire le manuel complémentaire divisé en quatre chapitres, avec des suggestions d'activités, des questions de réflexion, des vidéos et des textes à lire.

Mots-clés: Cheikh Anta Diop; Philosophie africaine; Historiographie de la science.

Sumário

1. Lista de anexos-----	11
2. Apresentação do Memorial-----	12
2.1 Ações realizadas ao longo de 2017-----	17
2.2 Ações realizadas ao longo de 2018-----	18
2.3 Ações realizadas ao longo de 2019-----	19
3. Procedimentos metodológicos da pesquisa de intervenção direta-----	20
3.1 Executando a Primeira Etapa-----	21
3.2 Executando a Segunda Etapa-----	26
3.3 Executando a Terceira Etapa-----	28
4. Considerações preliminares sobre as opções conceituais do produto final-----	30
4.1 Cheikh Anta Diop e a historiografia da ciência e filosofia africana-----	33
4.2. Egito Antigo artéria da ciência -----	37
4.3 Egito Antigo: artéria da filosofia-----	43
5. Manual complementar de filosofia africana-----	45
5.1 Capítulo 1 A oralidade em Platão e a tradição oral em Hampâté Bâ-----	47
5.2 Capítulo 2 A escrita egípcia e Aristóteles de Alexandria-----	54
5.3 Capítulo 3 Sartre e o racismo como questão filosófica universal-----	59
5.4 Capítulo 4 A filosofia e a ciência em afroperspectiva-----	62
6. Exercício filosófico: Formação docente em tempos de pós-verdade -----	65
7. Considerações Finais-----	70
8. Referências bibliográficas-----	71
9. Anexos-----	76

1. Lista de Anexos

Anexo I Ementa da disciplina de Filosofia do 1º ano do IFBA;
Anexo II Ementa da disciplina de Filosofia do 2º ano do IFBA;
Anexo III Ementa da disciplina de Filosofia do 3º ano do IFBA;
Anexo IV Ementa da disciplina de Filosofia do 4º ano do IFBA;
Anexo V Livro Didático Antigo PNLD 2011-2014\2015-2018;
Anexo VI Guerreiros Massai (2010, p. 118);
Anexo VII Pedra de Roseta (2010, p. 131);
Anexo VIII Crianças refugiadas no Chade – África (2010, p. 302);
Anexo IX Colar de ouro e vidro de Tutankamon (2010, p. 348);
Anexo X Livro Didático Escolhido no PNLD 2019-2022;
Anexo XI Ata de defesa do I Seminário Processual;
Anexo XII Ata de defesa do II Seminário Processual;
Anexo XIII Ata de defesa do III Seminário Processual;
Anexo XIV Certificado de apresentação de comunicação oral no X Copene – UFU;
Anexo XV Certificado de participação de minicurso no X Copene – UFU;
Anexo XVI Artigo publicado na Revista ODEERE – UESB;
Anexo XVII Carta Convite \ Edital \ Cartaz do Minicurso de 40 horas na UESC;
Anexo XVIII Carta de Aceite de Trabalho no II Copene Nordeste na UFPB;
Anexo XIX Certificado de participação no II Seminário Regional do PPGER\UFSB;
Anexo XX Certificado de apresentação de Relato de Experiência na UFSB;
Anexo XXI Folder do Minicurso sobre Filosofia Africana;
Anexo XXII Certificado de apresentação na 30ª ANPUH – Nacional na UFPE;
Anexo XXIII Foto da minha apresentação na 30ª ANPUH – Nacional na UFPE;
Anexo XXIV Questões do ENEM 2009-2018 selecionadas pelos professores.

2. Apresentação do Memorial

A nossa epígrafe é a justificativa deste trabalho. Precisamos ganhar familiaridade com as tradições da filosofia africana desde o Egito Antigo¹ até a era contemporânea. Nessa perspectiva, apresentamos neste Memorial de Defesa os passos da Execução do Projeto de Pesquisa-Intervenção, que teve como objetivos: a inserção de conteúdos da Filosofia Africana no processo de ensino-aprendizagem na Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) do 1º ao 4º anos no curso Médio\Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *campus* Eunápolis; avançar na articulação com a Ementa da disciplina de Filosofia e o Currículo do Curso; bem como, gerar um produto final intitulado manual complementar ao livro didático para auxiliar os professores e as professoras de Filosofia, com ênfase na filosofia africana e na historiografia da ciência.

O *locus* dessa prática foi, inicialmente, o IFBA e, posteriormente, a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC em Ilhéus, ambos no estado da Bahia. Foram gerados cinco produtos: a) Diagnóstico e Intervenção com os alunos do IFBA; b) Inclusão na Ementa de Filosofia dos filósofos e conteúdos sobre a Filosofia Africana; c) Curso de Extensão na UESC com os futuros professores de Filosofia; d) Adequação da Ementa ao Currículo do IFBA com o aporte do novo Livro Didático (PNLD 2019-2022); e) Proposta de Manual Complementar ao Livro Didático de Filosofia.

A pesquisa-intervenção resultante da vinculação entre a prática docente tanto no IFBA quanto na UESC, contribuíram para a ampliação do conjunto de reflexões promovidas pelas leituras sobre as relações étnico-raciais e sobre o ensino de Filosofia. Ao perceber que a Filosofia ministrada no IFBA excluía o aporte das contribuições da Filosofia

¹ Neste trabalho entende-se como Egito Antigo a 18ª Dinastia, período compreendido entre os séculos XVI e XIV A.E.C. e essa é a nossa baliza cronológica. Concentramos essa pesquisa em dois personagens históricos desse período: a Faraó Hatchepsut e o Faraó Tutankhamon. A primeira, justifica-se pelo estudo do conceito filosófico “Maat” (verdade-justiça-equilíbrio), cuja importância se agrega ao próprio nome da Faraó (Maatkarê) que discutiremos adiante e, a segunda, por representar a introdução do monoteísmo religioso no Egito Antigo, cujo conceito filosófico de “amor”, substantivo masculino que representava (fertilidade-nascimento-princípio primordial) representava a maior das virtudes a serem perseguidas, embora condenado por Aristóteles e abandonado pela filosofia clássica, por se enquadrar nas paixões, considerada um vício que também discutiremos adiante, aqui está o que denominamos de baliza epistemológica. Com relação à baliza espacial, estamos falando da antiga região denominada de Kemet (terra negra, fértil, natal), localizada as margens do Vale do Rio Nilo, entre o Cairo, atual capital, e a Núbia, atualmente compartilhada pelo Sudão, no norte da África.

Africana, percebemos que era necessário repensar os fazeres no âmbito institucional e propor uma intervenção capaz de contribuir para os estudos deste campo em disputa.

A realidade no IFBA em 2016, quando do início das atividades como professor substituto de Filosofia, foi marcada por alunos pouco motivados para o aprendizado da Filosofia, para os quais era uma disciplina “entediante” e, com um currículo que priorizava as disciplinas técnico-científicas em detrimento das humanas. Identificamos ali uma “camisa de força” epistemológica e a ausência de aproximações dialógicas com outras formas de construção do conhecimento.

Outro aspecto verificado foi, a ausência da filosofia africana tanto na Ementa da Disciplina, quanto no livro didático adotado, este último, material essencial ao aprendizado dos estudantes, que servia também como aporte teórico aos professores. Como falar sobre a construção do pensamento africano se este foi silenciado na instituição e na Ementa da disciplina? Como ensinar o que não está presente no livro didático utilizado pelos estudantes e professores?

Para enfrentar essas duas adversidades, a saber: a construção do pensamento africano na Ementa de Filosofia e a abordagem da filosofia africana no Livro Didático, somadas à motivação dos estudantes e à valorização das ciências humanas na instituição, sugerimos aos estudantes a realização de uma pesquisa sobre as contribuições do Egito Antigo para a humanidade, com ênfase na historiografia da ciência e da filosofia africana. Os resultados dessas pesquisas foram apresentados na Semana da Consciência Negra de 2017, no auditório da instituição.

Com essa iniciativa, incorporamos as temáticas e os teóricos africanos na Ementa de Filosofia. Com relação ao livro didático disponibilizado para os estudantes, que não contemplava as temáticas concernentes à Filosofia Africana, reunimos livros e selecionamos textos para serem trabalhados, até que acontecesse a escolha do Livro Didático pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2019-2022). Dessa forma, reunimos um conjunto de materiais para a composição do Manual Complementar ao Livro Didático de Filosofia² que pode ser utilizado pelo

² Para fins de contextualização do trabalho aqui desenvolvido e do produto apresentado, chamamos de manual uma série de capítulos separados, que poderiam ser separatas, posto tratar-se de conteúdos finalizados em si, e que podem/visam contribuir de modo a complementar o material didático já disponibilizado aos estudantes e professores do 1º ao 4º ano do ensino médio/técnico.

professor\professora do 1º ao 4º ano do Ensino Médio ou Técnico, produto final deste projeto-intervenção.

A pesquisa aqui apresentada também reúne um leque de contribuições de filósofos africanos que questionaram a hegemonia do pensamento ocidental, propiciando a diversidade do conhecimento, bem como, propõe a elaboração de um material complementar ao livro didático utilizado na instituição que, objetiva dar visibilidade ao debate sobre os fundamentos epistemológicos que agregam as perspectivas da herança intelectual africana (ré)significando o ensino de Filosofia no IFBA, *campus* Eunápolis.

A relevância deste projeto-intervenção acentua-se no avanço dos ganhos deflagrados a partir da implantação da Lei nº 10.639/2003, bem como no ensino da Filosofia. São grandes os obstáculos ao amadurecimento do ensino desta disciplina, pois apenas foi incorporada ao rol das disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio por meio da Lei nº 11.684 em 2 de junho de 2008. Na oportunidade, destacamos que os conteúdos de Filosofia aqui abordados foram recentemente revistos pela legislação brasileira em vigor.

Em nossa experiência profissional verificamos que, se a desejada aplicação da Lei nº 10.639/2003 deparou-se com diversas barreiras ao serem trabalhadas a história e a cultura africana e afro-brasileira como componente curricular obrigatório da Educação Básica, estas barreiras parecem ampliadas quando se trata do ensino de Filosofia. Assim, neste projeto-intervenção atuamos no campo do Ensino de Filosofia Africana, com ênfase na ciência, como estratégia a ser incorporada ao currículo no IFBA/Eunápolis.

No Brasil a bibliografia específica sobre o Ensino da Filosofia Africana ainda é pequena. A partir da Lei nº 10.639/2003, foram feitas reflexões fundamentais sobre: a educação e as relações étnico-raciais; a cultura africana; a história da África e o pensamento africano; contudo, ainda carecemos de avanços quando se trata de materiais didáticos disponíveis ao trabalho sobre filosofia e ciência africana.

As pesquisas e publicações acadêmicas nas Universidades foram ampliadas. Por outro lado, os resultados dessas pesquisas raramente chegam ao interior das escolas da rede pública da Educação Básica. A pesquisadora brasileira Petronilha Beatriz da Silva registra que “o desafio maior está em incorporar o saber africano no corpo de saberes e, que cabe, à universidade, preservar, divulgar, assumir como referências para novos estudos” (SILVA,

2003, p.46). Certamente permanece o grande desafio de fazer com que essa produção seja difundida na Educação Básica.

Destacamos também as reflexões de Nilma Lino Gomes ao afirmar que “descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar” (GOMES, 2012, p.102). É importante ressaltar que para descolonizar os currículos é necessária uma ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira e, é nessa direção que segue nosso projeto-intervenção.

A implantação da Lei nº 10.639/2003 favoreceu o desenvolvimento dos estudos e a problematização do ensino da Filosofia Africana, também provocou a divulgação do pensamento, dos intelectuais e filósofos africanos e diaspóricos. Wanderson Flor Nascimento (2012) sinaliza a necessidade de “pluralizar as vozes” no Ensino de Filosofia e significativamente ele identifica, entre os conteúdos indicados pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM/2006), aqueles que permitem uma aproximação com as filosofias africanas e afro-brasileiras.

Entre os conteúdos indicados por Wanderson Nascimento figuram: Filosofia e conhecimento, Filosofia e ciência, e definição de Filosofia, nos quais este projeto-intervenção está inserido. Ressalto aqui a importante estratégia deste autor, professor da Universidade de Brasília (UnB), para a difusão do conhecimento filosófico africano e diaspórico, quando o mesmo desenvolveu um *site*³ que, disponibiliza atualmente 38 textos de autoria de intelectuais e filósofos africanos e 61 de autores diaspóricos.

Apesar das dificuldades com a tradução e o acesso aos textos e livros de filósofos africanos, classificação e sistematização do pensamento africano, bem como a identificação de correntes e tradições filosóficas africanas, segundo a sugestão da professora Adilbênia Machado, poderíamos começar estudando as correntes filosóficas conhecidas como: Etnofilosofia, Sagacidade Filosófica, Filosofia Nacionalista Ideológica ou Política, Filosofia Profissional, Filosofia Literária/Artística ou Poética e Hermenêutica (MACHADO, 2012, p. 18). Por outro lado, essas correntes apontadas pela professora não contemplam nitidamente, a nosso ver, a relação entre a Filosofia Africana e a ciência, sobre a qual concentramos nossos esforços no presente projeto-intervenção, como estratégia

³ Disponível em: <<https://filosofia-africana.weebly.com>>. Acesso em: 18 de novembro de 2019.

fundamental para o ensino na Educação Básica, Técnica e Tecnológica no IFBA de Eunápolis.

Dito isto, definimos nosso aporte teórico centrado no cientista e filósofo senegalês Cheikh Anta Diop por este representar a ruptura com a historiografia de base hegeliana tanto para ciência, quanto para a filosofia. Desde a reivindicação do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1830) até à realização do Simpósio do Cairo (1974), transcorreram 144 anos de hegemonia de uma historiografia de base hegeliana que excluía qualquer possibilidade de construção de um pensamento genuinamente africano, até que Diop apresentou sua pesquisa, incorporada pelos integrantes da banca internacional de avaliação da UNESCO.

A partir deste evento, Diop foi convidado pela UNESCO para integrar o Comitê Científico Internacional. Ele contribuiu com os oito volumes da coletânea “História Geral da África”, publicada em 2010, com tradução em língua portuguesa pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), obra indispensável para a realização de qualquer projeto relacionado à historiografia africana.

Conforme o projeto apresentado, em 2017, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino das Relações Étnico-Raciais da UFSB tínhamos como metas:

- a)** Inserção dos conteúdos de filósofos africanos na ementa da disciplina de Filosofia no IFBA de Eunápolis;
- b)** Motivação dos estudantes do IFBA de Eunápolis para o estudo e para a pesquisa da Filosofia Africana com ênfase na ciência;
- c)** Produção de um Manual Complementar de Filosofia Africana;
- d)** Difusão dos conhecimentos de filósofos africanos e da diáspora na instituição;
- e)** Incorporação das referências bibliográficas e temáticas da Filosofia Africana na Ementa e no Currículo dos Cursos Técnicos Integrados do IFBA de Eunápolis.

Alcançar tais metas contribui para o avanço da aplicação da Lei nº 10.639/2003 na Educação Básica, Técnica e Tecnológica – EBTT nesta instituição. Diante disso, estabelecemos nosso projeto com vistas à contribuição de profissionais que já atuam na área, para que, através das trocas intercambiadas e dialógicas pudessemos ter êxito em

nosso trabalho, o que foi propiciado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER-UFSB). As discussões com estudantes e pesquisadores, bem como, professores convidados, representantes de instituições nacionais e internacionais possibilitaram a ampliação significativa dessa pesquisa-intervenção. Aqui ressaltamos o comprometimento e a responsabilidade institucional tanto do PPGER quanto da UFSB.

Adotamos o método de “intervenção direta” proposto por Élie Bajard (2002) por três motivos: porque se trata de uma intervenção compartilhada envolvendo professores e estudantes; porque as três etapas propostas pelo método (imitação, aplicação e identificação) se adequam ao projeto pesquisa-intervenção proposto; e porque esse método prevê um produto, como resultado da intervenção, o manual complementar de filosofia e ciência que, foi proposto a partir da perspectiva africana conforme metodologia indicada por Renato Noguera (2014).

2.1 Ações realizadas ao longo de 2017

O ano de 2017 foi voltado aos créditos necessários pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais / PPGER. O cumprimento dos créditos, por meio das disciplinas ofertadas pelo Programa, contribuiu para ampliação bibliográfica, consolidação de conceitos e troca de experiências no fazer didático, a saber:

□ **Políticas Públicas e Relações Raciais** – Foram trabalhados os textos da escritora afro-americana Bell Hooks, dentre outros, e assistimos ao vídeo “O perigo de uma história única” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que chamaram atenção para o matriarcado e o papel do feminino na produção do conhecimento, algo que faltava ser abordado em nossa pesquisa;

□ **Imperialismos e Descolonizações** – Foram apresentados, dentre outros, os textos do sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, que muito contribuiu para nossa abordagem geopolítica do conhecimento incorporada pelos estudantes do IFBA;

□ **O Livro e suas potências: linguagens, materialidades e dispositivos pedagógicos** – Foi fundamental conhecermos outras experiências de utilização do livro enquanto dispositivo vivo para novas abordagens, contribuindo para a formatação do “manual complementar” que apresentamos a seguir;

□ **Filosofia Africana** – Tivemos contato com diversos professores que trabalham com essa disciplina na UNILAB, UnB, UFBA, dentre outras instituições, suas abordagens e críticas. Fizemos a leitura e discussão da obra “Na casa de meu pai” do filósofo e escritor ganês Kwame Appiah, dentre outros. Essa abordagem foi replicada no curso de 40h ministrado na UESC como parte do projeto-intervenção, no qual comparamos com a obra “Civilización y barbarie”, do filósofo e escritor senegalês Cheikh Anta Diop;

□ **Fundamentos dos Processos de Ensino-Aprendizagem nas Relações Étnico-Raciais** – Componente Curricular que muito contribuiu para consolidação de nossa proposta de Manual Complementar de Filosofia Africana como instrumento no combate ao racismo;

Com relação às disciplinas de **Orientações e Práticas de Pesquisa I, II, III e IV; Estágio-Residência II e, os Seminários Processuais de Qualificação**, foram momentos de orientação, relato das práticas, troca de experiências com a participação de pesquisadoras e pesquisadores da América Latina que contribuíram para nos situarmos no nosso trabalho em nível continental.

2.2 Ações realizadas ao longo de 2018

Após a apresentação de nossa proposta nos Seminários Processuais de Qualificação, conforme **anexos (XI, XII e XIII)**, nos quais ouvimos as contribuições, muitas delas acatadas em nosso trabalho, seguimos para apresentação de trabalho através de comunicação oral em outros espaços formais de educação:

□ Apresentação de comunicação oral intitulada “A filosofia única e o ensino das relações étnico-raciais”, conforme **anexo (XIV)**, no X COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado em Uberlândia – MG, entre os dias 12 e 17 de outubro de

2018. Na oportunidade, participei do Minicurso intitulado “Filosofia Africana: correntes, perspectivas para descolonização e potencialização do viver desde o feminino”, conforme **anexo (XV)**, ministrado pela professora Dra. Adilbênia Freire Machado;

□ Publicação de Resenha da obra “Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo”, de Rodrigo Marcos de Jesus na Revista ODEERE do PPGREC\UESB ISSN 2525-4715, v.3, número 6, julho-dezembro de 2018, conforme **anexo (XVI)**.

2.3 Ações realizadas ao longo de 2019

□ Apresentação da proposta do Curso Livre de Extensão de 40h, realizado nas dependências da UESC, intitulado “História da Filosofia em afroperspectiva: diálogos comparativos de uma antropologia filosófica africana”, que foi aprovado em Edital Específico, conforme **anexo (XVII)**, e ministrado entre os dias 11 de abril e 30 de agosto de 2019. Ministrar este curso sobre Filosofia Africana para os licenciandos em filosofia da UESC contribuiu para que pudesse perceber as implicações de cada conceito trabalhado no curso.

□ Aprovação do trabalho “O que a filosofia tem a dizer sobre o racismo antinegro?” no II COPENE Nordeste, realizado entre os dias 29 e 31 de maio de 2019 em João Pessoa–PB, conforme carta de aceite, **anexo (XVIII)**. Contudo, o trabalho não foi apresentado em virtude da incompatibilidade da data de realização deste evento que conflitava com o II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais do PPGER\UFSB, conforme **anexo (XIX)**, no qual, estive envolvido: na coordenação, ornamentação, transporte e, apresentação de Relato de Experiência intitulado “Práticas afrofilosóficas no contexto de formação de professores”, conforme **anexo (XX)**. Nesse mesmo evento também acompanhei a apresentação de trabalho de alunos do curso livre da UESC que versavam sobre a obra de Cheikh Anta Diop e Frantz Fanon. Além disso, ministrei o curso intitulado “Filosofia: do universo eurocêntrico à pluriversalidade epistêmica” conforme **anexo (XXI)**, em substituição ao meu colega de programa Maurício de Novais Reis que não pode realizar tal atividade.

□ Apresentação de comunicação oral intitulada “Cheikh Anta Diop e a historiografia da ciência e da filosofia africana”, conforme certificado **anexo (XXII)** e foto **anexo (XXIII)**, no 30º Simpósio Nacional de História – ANPUH-Brasil, realizado em Recife – PE entre os dias 15 e 19 de julho de 2019.

3. Procedimentos metodológicos da pesquisa de intervenção direta

Os procedimentos foram divididos em três etapas, seguindo as orientações metodológicas de Bajard e Noguera nas três etapas propostas:

Etapa I – imitação: momento de reprodução do conhecimento da Filosofia Africana pelo professor que é imitado pelo estudante ao produzirem juntos. Foi o momento de ação diagnóstica utilizando o livro didático antigo e reformulação de questões que resultou, ao final, na escolha dos conteúdos filosóficos abordados nessa Proposta de Manual Complementar ao Livro Didático de Filosofia para Professores do Ensino Médio\Técnico do 1º ao 4º ano.

Na **etapa II – aplicação:** momento de teste das teorias e hipóteses na aplicação dos conteúdos sugeridos no Manual Complementar ao Livro Didático, produto final desta pesquisa. Percebemos sua interface e possibilidade de diálogo com a Ementa da disciplina de Filosofia dos cursos Integrados do IFBA de Eunápolis. Nesse momento, foi sugerida uma reunião de área com a participação de outros professores das disciplinas de humanidades, a saber: sociologia, história e filosofia. Conseguimos incorporar na Ementa, temáticas como o racismo, crítica à filosofia ocidental, epistemicídio, resistência na África, extermínio da juventude negra, preconceito no Brasil, bem como referências bibliográficas, a exemplo de Renato Noguera, Kwame Appiah, Frantz Fanon, Chimamanda Adichie e Elisa Nascimento. Essa ação serviu de indicativo para incorporação, no Currículo do IFBA de Eunápolis, de sugestões a serem incorporadas ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2019-2022). A relevância tanto da abordagem das temáticas aqui

sugeridas quanto dos autores, se deveu às questões previamente selecionadas pelos professores utilizando os cadernos de História, Filosofia e Sociologia do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) aplicados nos últimos dez anos (2009 e 2018) conforme **anexo (XXIV)**.

Naquele momento queríamos saber se os conteúdos trabalhados em sala de aula acrescidos pelas temáticas complementares ao manual didático estavam condizentes com o que estava sendo cobrado pelo Exame e sob quais aspectos eles estavam sendo abordados. Descobrimos que aproximadamente 10% das questões presentes nos cadernos de História, Filosofia e Sociologia diziam respeito ao que estavam sendo trabalhados em sala de aula servindo como balizador de nossa continuidade.

Na **etapa III – identificação**: momento em que, na condição de professor, extraímos da prática observações e objetivos subjacentes à construção do conhecimento. Foi o momento de avaliação dos conteúdos aplicados aos estudantes com o auxílio do Manual Complementar ao Livro Didático em situação real de ensino-aprendizagem, ou seja, para cada ano trabalhamos uma temática.

No primeiro ano investigamos as evidências do comprometimento dos gregos com o conhecimento egípcio antigo e o papel da escrita e da oralidade para a tradição africana; no segundo ano, pesquisamos o papel da escrita egípcia antiga para a humanidade e a Biblioteca de Alexandria; no terceiro ano, analisamos textos filosóficos que abordam reflexões sobre o racismo e o epistemicídio e; no quarto ano, trabalhamos com a historiografia da ciência e da filosofia africana em Diop, dentro da abordagem afroperspectivista segundo orientação de Renato Nogueira.

3.1 Executando a Primeira Etapa

Reprodução do conhecimento utilizando o livro didático; Ação diagnóstica utilizando o livro didático; Reformulação de novos conteúdos a partir do livro didático.

Inicialmente, o livro didático utilizado como base foi “Fundamentos de Filosofia” de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes em sua primeira edição, editado pela Saraiva em 2010, conforme **anexo (V)**. Esta obra de formato enciclopédico trabalha na lógica de um

Currículo engessado que não permite diálogos com textos novos de filósofos africanos, contudo, este era o livro utilizado pelos estudantes e pelo professor, e que deveria ser trabalhado.

Para termos uma ideia desse distanciamento, relatamos aqui algumas evidências na aplicação do método de intervenção direta proposto por Élie Bajard, aliado ao perspectivismo africano de Renato Nogueira, para análise e estudo de quatro casos presentes no Livro Didático supramencionado que, das 368 páginas contidas nesse volume único, a África só é mencionada quatro vezes, casos descritos abaixo.

No **Primeiro Caso**, quando os autores abordam a questão cultural, na página 118, apresentam uma imagem dos Massai reunidos em volta de um *laptop* que está sendo utilizado por um dos membros desse grupo, conforme **anexo (VI)**. Abaixo dessa imagem segue a seguinte questão: “O que estaria pensando esse grupo de africanos de etnia massai diante desse inusitado equipamento da assim dita civilização?” E ao lado da imagem, uma caixa de texto que exalta as características gerais de uma cultura, através de seus elementos, conforme o pensamento do arqueólogo norte-americano Robert Braidwood que afirma: “Assim, quando falo da antiga cultura egípcia, refiro-me a todo o conjunto de entendimentos, crenças e conhecimentos pertencentes aos antigos egípcios”.

No **Segundo Caso**, quando os autores estão abordando aspectos e sujeitos da linguagem na página 131, comparam um “Leitor de livros eletrônicos (*e-books*).” Com a Pedra de Roseta “bloco de granito com inscrições de um mesmo texto escrito em hieróglifos, egípcio demótico (popular, cotidiano) e grego clássico”. Conforme **anexo (VII)** acrescido do texto que segue enfatizando que “a linguagem constitui um instrumento natural poderoso que filtra e confere sentido a nossas experiências”.

No **Terceiro Caso**, em nota de rodapé na página 302, quando os autores abordam o conceito de Ética Discursiva a partir do pensamento do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, em oposição a uma Ética Prática do filósofo australiano Peter Singer, foi utilizada imagem de crianças negras refugiadas no Chade, África, em foto de 2009, conforme **anexo (VIII)**. O texto diz: “Em termos de uma ética prática [...] devemos considerar as consequências tanto do que fazemos como do que decidimos não fazer”.

E, no **Quarto Caso**, na página 348, quando se trabalha a Arte como expressão criativa da sensibilidade, os autores apresentam o colar de ouro utilizado pelo faraó

Tutankamon e, mais uma vez, em nota de rodapé, é exaltada a “beleza” desse artefato de 250 peças de vidro, que compõem a asa da águia conforme **anexo (IX)**, em detrimento do contributo de múltiplas habilidades da civilização egípcia para humanidade e\ou explicação do significado desta águia para cultura egípcia antiga. O texto ainda diz: “Desde os tempos pré-históricos, o ser humano constrói no mundo suas próprias coisas, demonstrando maior ou menor habilidade para isso”.

Utilizamos os quatro estudos de casos supracitados para exemplificar como o método de “intervenção direta”, proposto por Élie Bajard, aliado à metodologia afroperspectivista de Renato Noguera podem ampliar nossas observações de análise diagnóstica e, a partir dela, reformularmos as questões referentes a cada caso, gerando novos conteúdos que podem figurar\integrar nossa proposta de Manual Complementar de Filosofia Africana.

No **Primeiro Caso** percebemos que a imagem dos Massai foi colocada propositalmente para chamar atenção sobre a possível impossibilidade cultural dos mesmos em lidarem com as tecnologias. Perguntamos: Por que em vez de questionarmos sobre “o que estaria pensando esse grupo de africanos” não reformulamos a pergunta para: Como os Massai utilizam a tecnologia para proteger seu território contra os invasores? No mínimo conferiríamos poder a essa prática cultural. E, se em vez de afirmarem “quando falo da antiga cultura egípcia, refiro-me a todo o conjunto de entendimentos, crenças e conhecimentos pertencentes aos antigos egípcios” perguntássemos: Quais as contribuições do Egito Antigo para o Ocidente?

No **Segundo Caso** percebemos que não há uma explicação do significado da Pedra de Roseta para a Filosofia Ocidental. Poderíamos perguntar: A Pedra de Roseta é um artefato do Antigo Egito ou Grego? Qual a sua relação com a cidade de Roseta, na província egípcia de Al-Buhaira, local onde foi descoberta pelo exército de Napoleão em 1799, com datação aproximada de 196 A.E.C. Então que civilização fez a tradução? Qual o sentido e o valor da linguagem não escrita para as comunidades ágrafas na África de nossos dias? Para tanto, sugerimos a leitura do texto “A tradição viva” do pensador malinês Amadou Hampaté Bâ (2010).

No **Terceiro Caso** segundo os dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF - há mais de 30 milhões de crianças deslocadas à força na atualidade, por causa de

conflitos na África, do que em qualquer outro momento histórico, desde a Segunda Guerra Mundial. Acontece que, precisamos explicar as origens desses conflitos e os seus reais interesses dentro de uma perspectiva ética africana e sua geopolítica.

Acrescentamos perguntas que o professor poderá direcionar para a turma. A abordagem de uma ética racional aristotélica que qualifica o amor como paixão e, a paixão como afecção da alma, mais próximo dos vícios que das virtudes e, sendo a virtude o caminho para se alcançar a felicidade, o bem maior, perguntamos: devemos adotar uma ética racional aristotélica frente ao amor egípcio? Essa ética aristotélica que despreza o amor seria capaz de representar o equilíbrio entre as pessoas, reparar a justiça, a verdade e a sabedoria, tal qual o conceito egípcio de “maat”?

Na esteira dessas reflexões sugerimos que os professores, juntamente com os estudantes, investigassem o conceito de “epistemicídio” a partir da utilização desse conceito presente na tese de doutorado da filósofa Sueli Carneiro (2005).

Sugerimos uma atividade complementar: comparar os textos que julgamos auxiliar o professor no que diz respeito à Ética, presente no Livro II “Ética a Nicômaco” de Aristóteles, identificando o conceito de “paixões” aristotélico e comparando com o conceito egípcio de “maat” na obra “O ensino de Filosofia e a Lei 10.639” de Renato Nogueira (2014).

Ao final, teremos ampliado o conceito de Ética, em uma perspectiva africana, não melhor ou pior que a abordagem grega, mas diferente de uma Ética Discursiva de Jurgen Habermas, bem como, de uma Ética Prática de Peter Singer que, se assemelha ao existencialismo sartreano que abordaremos a seguir.

No **Quarto Caso** poderíamos começar explicando quem foi Tutankhamon, faraó da décima oitava dinastia, durante o período da história egípcia antiga, conhecido como Império Novo. A datação obtida por carbono 14, sugere que pode ter começado entre 1570 e 1544 A.E.C. Bem como deveríamos aproveitar a oportunidade para revelar o papel de Hatchepsut Maatka-re), nome da faraó que governou o Egito entre 1479-1457 A.E.C. como a primeira mulher a ocupar tal cargo no Egito Antigo, da XVIII dinastia, cujo reinado de vinte e dois anos correspondeu a uma era de prosperidade econômica e de paz.

Ou seja, a XVIII dinastia foi marcada pelo apogeu da civilização egípcia em todas as áreas, na ciência, na metalurgia, na educação, na agricultura, na medicina, na filosofia, entre outras. Temos aqui três perguntas que o professor poderá direcionar para turma:

1 – Por que só abordar a Arte como expressão criativa de sensibilidade da civilização egípcia antiga em seu momento de apogeu?

2 – Por que é possível adotar (Antes da Era Comum) A.E.C. como nomenclatura temporal válida em substituição ao termo a.C. (antes de Cristo) comumente usado?

3 – Por que o termo “maat” é incorporado ao nome da primeira Faraó do Egito Antigo?

Na esteira dessas reflexões sugerimos que os professores juntamente com os estudantes investigassem o processo de utilização do carbono 14 para a datação de longos períodos, fazendo interdisciplinaridade com as áreas de química e física, buscando entender sua utilização e validade para a arqueologia e paleontologia. Essa atividade aproximará o professor e a turma dos conhecimentos do físico-químico Cheikh Anta Diop e de suas pesquisas utilizando o radiocarbono. Também sugerimos uma atividade comparativa a partir da indicação dos textos abaixo que julgamos auxiliar o professor no que diz respeito ao Egito Antigo.

1 – Ler o romance “Faraona de Tebas: Hatchepsut a filha do Sol” (1991) de Francis Fèvre, nele, tanto o professor quanto os estudantes encontrarão as respostas para a terceira questão e sua relação com o primeiro caso analisado;

2 – Ler a obra “O ensino de Filosofia e a Lei 10.639” (2014) e observar a justificativa de Renato Nogueira para proceder a alteração na nomenclatura temporal a.C. para A.E.C.;

3 – Ler a obra “Civilização e Barbárie” (2015), de Cheikh Anta Diop, para entender o que representou a XVIII dinastia para os egípcios e seu apogeu, bem como entender a demonstração do uso do radiocarbono utilizado por este físico-químico nuclear para a identificação da cor da pele das múmias dos faraós do antigo Egito.

Cumprimos, até agora, a primeira Etapa do método de intervenção direta proposto por Élie Bajard relacionando esse método à metodologia afroperspectivista de Renato Nogueira. Chegamos ao êxito de nossa experiência junto aos estudantes do 1º ao 4º ano que

inicialmente se sentiram surpresos ao contarem com dois professores na mesma sala de aula, falando sobre o mesmo assunto com perspectivas diferentes. O que aconteceu nessa experiência entre dois professores, um de física e outros de filosofia, poderia parecer desconfortável para muitos profissionais da educação, contudo, o conflito de ideias e experiências se tornou uma atividade prazerosa, dinâmica e proveitosa. Assim, os estudantes perceberam que a fragmentação do conhecimento não fazia parte da produção de saberes filosóficos no mundo antigo.

3.2 Executando a Segunda Etapa

O momento de teste das teorias e hipóteses na escolha e aplicação dos conteúdos que serviram de base para este Manual Complementar ao Livro Didático partiu da sugestão da área de humanidades, composta por professores de História, Filosofia e Sociologia. Sugestão ocorrida em reunião do dia 13 de agosto de 2018, das 14 às 17h, nas dependências do IFBA, *campus* Eunápolis, a partir da solicitação de análise das questões do ENEM nos últimos dez anos para a composição de um Manual Didático de Filosofia Africana a pedido do professor Antonio Gonçalves que, por fazer parte de uma demanda espontânea para efeito acadêmico, não constou em ata de reunião institucional.

Decidimos, nessa reunião, alinhar nossa proposta temática ao que se cobrava dos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para tanto, foi sugerido que cada professor das disciplinas de História, Filosofia e Sociologia selecionassem questões referentes ao racismo no Brasil, Lei nº 10.639/2003 e demais instrumentos legais, questões relacionadas à África, ao Egito Antigo, aos autores africanos e suas abordagens presentes nas questões disponibilizadas nos cadernos de cada disciplina nos últimos dez anos (2009-2018).

Essa triagem foi gentilmente realizada pelos colegas e, na segunda reunião extraordinária, realizada no dia 10 de setembro de 2018, das 14 às 17h, foram apresentados os resultados de 10 questões de História e 17 de Filosofia e Sociologia, totalizando 27 questões. Essa ação, realizada pelos colegas pela primeira vez na instituição, foi balizadora para testarmos os conhecimentos dos estudantes quando expostos a essas 27 questões.

Percebemos a interface de possibilidades de diálogos com a Ementa das disciplinas envolvidas. Dessa forma, conseguimos incorporar temáticas como: o racismo, crítica à filosofia ocidental, epistemicídio, decolonialidade e resistência na África, extermínio da juventude negra, preconceito racial no Brasil, bem como, referências bibliográficas a exemplo de Renato Nogueira, Kwame Appiah, Frantz Fanon, Chimamanda Adichie e Elisa Nascimento.

Essa ação serviu também de indicativo para incorporação de conteúdos no Currículo do IFBA de Eunápolis, através de sugestões para o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2019-2022), nesta instituição. Nossa urgência na abordagem das temáticas aqui sugeridas bem como dos autores, se deveu às questões previamente selecionadas pelos professores utilizando os cadernos de História, Filosofia e Sociologia do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aplicados nos últimos dez anos (2009 e 2018).

Naquele momento queríamos saber se os conteúdos trabalhados em sala de aula acrescidos pelas temáticas sugeridas eram compatíveis com o que se cobrava dos estudantes no ENEM. Até porque, nosso manual didático deveria estar condizente com o que estava sendo solicitado e sob quais aspectos eles estavam sendo abordados.

Analisando tais questões do ENEM, descobrimos que aproximadamente 10% das questões presentes nos cadernos do ENEM de História, Filosofia e Sociologia diziam respeito ao que estava sendo trabalhado em sala de aula. Tal fato apontava para a necessidade de novas abordagens e outras temáticas evidenciadas nas questões do ENEM, são elas:

- ☐ A escravidão no Egito;
- ☐ Os faraós e os ritos fúnebres;
- ☐ Cultura Tupinambá;
- ☐ A Lei 10.639\2003 e seus avanços;
- ☐ Identidade afro-brasileira;
- ☐ A África exótica e cultural;
- ☐ O pronunciamento de Desmond Tutu na África do Sul;
- ☐ Valores africanos e a experiência histórica brasileira;
- ☐ O Parecer CNE\CP 3\2004 como prática de valorização identitária;
- ☐ O papel da Frente Negra Brasileira – FNB;

- ☐ O equívoco na censura das cotas raciais no Brasil;
- ☐ Greve negra no principal porto da África Ocidental Francesa;
- ☐ Partilha da África entre os europeus;
- ☐ Os vadios da capoeira e o Código Penal de 1890;
- ☐ Charge que ironiza a condição econômica do negro pós-abolição;
- ☐ Poema “Voz do sangue” de Agostinho Neto e sua luta por independência dos países africanos;
- ☐ Participação da África na Segunda Guerra Mundial e o determinismo biológico;
- ☐ O mito da Democracia Racial no Brasil;
- ☐ Divergências ideológicas entre o Movimento Negro Unificado – MNU e o Teatro Experimental Negro;
- ☐ Candomblé no Brasil: fruto da migração forçada;
- ☐ O papel de Tombuctu no Mali do século XIV;
- ☐ A luta contra o racismo no Brasil;
- ☐ Frantz Fanon e a valorização dos traços culturais africanos;
- ☐ O ato de 1955 nos EUA e a participação de Rosa Parks e Martin Luther King;
- ☐ Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes: desigualdades no Brasil; e
- ☐ Os europeus na África: armas, germes e aço.

3.3 Executando a Terceira Etapa

Nesse momento, na condição de professor, extrai de minha prática observações e objetivos subjacentes à construção do conhecimento. Foi o momento de avaliação dos conteúdos aplicados aos estudantes com o auxílio do Manual Complementar ao Livro Didático em situação real de ensino-aprendizagem, ou seja, para cada ano, trabalhamos uma temática.

A sugestão para os estudantes de uma pesquisa sobre as contribuições do Egito Antigo para humanidade, com ênfase na filosofia e na ciência africana foi acatada e realizada com êxito pelos alunos do 1º ao 4º ano. Essa pesquisa realizada inicialmente pelos

estudantes com a minha participação serviu como roteiro para a elaboração do Manual Complementar de Filosofia Africana cujos “capítulos” apresentaremos ao final.

No primeiro ano investigamos as evidências do comprometimento dos gregos com o conhecimento egípcio antigo e o papel da escrita e da oralidade para a tradição africana. Foi apresentada aos estudantes a proposta de pesquisarmos a partir das obras de Platão e Aristóteles, por serem referências obrigatórias para o primeiro ano do ensino médio/técnico, ao fazerem parte do rol de autores da Filosofia Antiga ou introdução aos estudos filosóficos, portanto, adequadas para serem trabalhadas nesse período, conforme a ementa da disciplina indica.

Uma questão motivadora foi colocada para problematizar a pesquisa: Geralmente acusam os africanos de serem ágrafos (cidadãos sem escrita), e por isso, não possuem história, filosofia e ciência. Poderíamos considerar procedente essa afirmação? O resultado dessa pesquisa representa os esforços desses estudantes e deste professor em responder a esta questão, questão que também coloca professores em dúvida por não encontrarem respostas consensuais. Nesse sentido, foi proposto como título do primeiro capítulo da proposta de manual didático complementar de filosofia “A oralidade em Platão e a tradição oral em Hampâté-Bâ” que apresentaremos posteriormente quando falarmos do Manual, nosso produto final.

No segundo ano, pesquisamos sobre o papel da escrita egípcia antiga para humanidade e a Biblioteca de Alexandria. Sugerimos aos estudantes uma pesquisa na qual fosse comprovada a importância da escrita egípcia para humanidade, ressaltado o papel da Biblioteca de Alexandria. Uma questão motivadora foi colocada para problematizar a pesquisa: Por que queimaram os livros das bibliotecas antigas? Podemos confirmar essa ação? Com base na pesquisa dos estudantes foi composto o segundo capítulo do manual complementar intitulado: “A escrita egípcia e Aristóteles de Alexandria”.

No terceiro ano, analisamos textos filosóficos que abordam reflexões sobre o racismo e o epistemicídio. Foi solicitada uma pesquisa na qual fosse apresentada reflexões sobre o racismo. Uma questão motivadora foi colocada para problematizar a pesquisa: Por que o racismo não foi considerado pelos filósofos ocidentais como uma questão universal? Sartre é uma exceção. Também com base na pesquisa dos estudantes foi composto o

terceiro capítulo do manual intitulado: Sartre e o Racismo: uma questão filosófica universal.

Por fim, no quarto ano trabalhamos com a historiografia da ciência e filosofia africana propriamente dita, dentro da abordagem afroperceptivista proposta por Renato Noguera. Foi solicitada uma pesquisa na qual fosse apresentada a afroperspectividade em Renato Noguera. Duas questões motivadoras foram colocadas para problematizar a pesquisa: Por que a perspectiva africana de produção do conhecimento não é comumente aceita? Podemos constatar essa afirmação em Noguera?

Com base na pesquisa dos estudantes foi composto o quarto capítulo do manual intitulado: “A Filosofia e a Ciência Africana em Afroperspectiva”. Foi nesse momento que chegamos à conclusão de que as contribuições dos filósofos africanos são silenciadas e, em especial a de Cheikh Anta Diop, pela polêmica e reconhecida abordagem da historiografia da ciência e da filosofia africana.

Todas essas pesquisas foram apresentadas na Semana da Consciência Negra, ocorrida no mês de novembro de 2018, no auditório da instituição. Com essa iniciativa foram incorporadas as temáticas e os referenciais africanos na Ementa de Filosofia para os 1º, 2º, 3º e 4º anos conforme **anexos (I, II, III e IV)**.

Com relação ao livro didático disponibilizado para os estudantes, que não contemplavam as temáticas concernentes à Filosofia Africana, conforme **anexo (X)**, em reunião da área escolhemos a obra: “Reflexões: filosofia e cotidiano” de José Antonio Vasconcelos para o quadriênio 2019-2022, conforme o Plano Nacional para aquisição do Livro Didático PNLD. Adotamos como critério para a escolha do livro didático de Filosofia no IFBA de Eunápolis a abordagem dos temas trabalhados no Seminário e pesquisados pelos estudantes, sendo esta obra, a que mais se aproximou das temáticas trabalhadas.

4. Considerações preliminares sobre as opções conceituais do produto final

Segundo o filósofo Yoporeka Somet, Hegel considerou os intelectuais negros incapazes de construir um sistema de conhecimento que pudesse ser considerado filosófico. Somet ressalta que Hegel “em uma série de cursos realizados na Alemanha entre 1830 e 1831, sobre o que denominou História da Filosofia Universal, reivindicou a origem grega da filosofia e também da ciência a partir da racionalidade”. E registra nas palavras do

filósofo alemão: “Entre os gregos nós nos sentimos na nossa casa, nos encontramos no terreno do espírito e se a origem nacional e as diversidades das línguas podem ser perseguidas [...] a verdadeira renascença do espírito, deve ser procurada primeiramente na Grécia”. (SOMET, 2011, p. 30). Por último, Somet destaca o fato de Hegel chamar o Egito de “país das maravilhas”, separando-o da África e relacionando-o ao Oriente, pois para o filósofo alemão “a África propriamente dita” era o resto do continente.

A racionalidade ocidental é amplamente discutida na bibliografia. Munanga cita Diop ao afirmar que: “se o negro na civilização egípcia, da qual é mestre, inventou matemática, geometria, metalurgia [...] a ciência e a racionalidade não são exclusividades dos brancos. Os negros, como todas as raças, contribuíram continuamente, para seu desenvolvimento” (MUNANGA, 1988, p. 272).

Argumentos diversos foram formulados por filósofos contemporâneos em África como Diop, Appiah, Mudimbe, Mbembe, Obenga, Somet, dentre outros que compõem o conjunto de filósofos utilizados na elaboração do Manual Complementar de Filosofia e Ciência Africana, produto final deste projeto-intervenção. Diop (1974) ao analisar o artefato arqueológico denominado “Paleta de Narmer”, instrumento do cerimonial egípcio com inscrições que representam a unificação do Alto e Baixo Egito, nos fornece pistas que contradizem os argumentos de uma África dividida e sem escrita.

Sobre o reconhecimento da ciência, escrita e racionalidade egípcia, Machado e Loras citam o filósofo Obenga, quando o mesmo aborda o sentido da Filosofia egípcia e anuncia o termo *rekhet* que significa, segundo o filósofo, “palavra bem-feita ou palavra bonita, fala bem esculpida e cuidadosamente talhada. Assim, *rekhet* – ou ‘arte da palavra perfeita’, isto é, uma combinação de filosofia e ética – se preocupava com a conduta certa, justa.” (MACHADO e LORAS, 2017, p. 34). Conforme este entendimento não haveria como ter ciência desconectada da justiça, preocupação com o humano no Egito Antigo.

Essa discussão é também abordada pelo filósofo Mbembe, que aponta para “a centralidade do corpo no cálculo da sujeição política explica a importância dada, ao longo do século XIX, pelas teorias da regeneração física, moral e política dos negros e, mais tarde, dos judeus” (MBEMBE, 2001, p. 178). O que nos sugere uma estratégia de “diferença ontológica” construída no Iluminismo ao tempo que lançavam as luzes sobre a Europa obscurecia as contribuições do continente africano para a humanidade.

É importante observar, ao refletir sobre a Filosofia Africana e a ciência, as considerações de Appiah no que se refere à concepção e relação entre a Filosofia Africana e a ciência. Ao discutir a Etnofilosofia e seus críticos, este filósofo faz uma crítica a Hountondji ao relatar a afirmação de Althusser de que a Filosofia “só foi observada em lugares onde há também o que é chamado ciência ou ciências – no sentido estrito de disciplina teórica, isto é, ideativa e demonstrativa, e não um agregado de resultados empíricos” (APPIAH, 1997, p. 152). O filósofo chama a atenção para o questionamento de Hountondji de que seguindo essa assertiva, “nunca teremos na África uma filosofia no sentido estrito, enquanto não houvermos produzido uma história da ciência” (APPIAH, 1997, p. 152).

Mulundwe e Tshahwa discutem que a “filosofia africana nasce desde o dia em que os africanos como todos os homens e todas as raças do mundo começam a falar, perguntar sobre as questões acerca da condição humana e a encontrar as respostas sobre várias formas e modos de expressão (...)” (MULUNDWE e TSHAHWA, 2007, p. 9), o que nos remete a pensar na existência e na condição humana que valoriza o mito frente à racionalidade.

A inserção obrigatória da Filosofia no currículo da Educação Básica em todo o território nacional completou seu primeiro decênio em 2018. Tal situação evidencia que o Ensino de Filosofia no Brasil ainda carece de iniciativas que ampliem seu repertório conceitual e bibliográfico. Uma ausência importante no currículo, a despeito dos avanços advindos das reflexões sobre a educação e as relações étnico raciais, é o ensino da Filosofia Africana.

No presente, definimos como problema a necessidade de superarmos a ausência da Filosofia Africana no Currículo do IFBA\ Eunápolis. Propomos a inserção de seus conteúdos através da elaboração deste Manual Complementar de Filosofia Africana, como estratégia de ensino-aprendizagem.

Percebemos que o plano de aula quando aplicado a partir da relação entre Filosofia e ciência se torna mais atraente para os estudantes, cuja base epistemológica ultrapassa o caráter contemplativo e teórico da Filosofia Ocidental. Ao final, propusemos modificações no Projeto Político Pedagógico que, a nosso ver, indicava a possibilidade de alteração curricular para que contemplasse os conteúdos da Filosofia Africana já presente na Ementa de Filosofia.

4.1 Cheikh Anta Diop e a historiografia da ciência e filosofia africana

Cheikh Anta Diop nasceu em 29 de dezembro de 1923 em Caytu, Diourbel, Senegal e, seu falecimento se deu em 7 de fevereiro de 1986, aos 62 anos. O trabalho desse intelectual pode ser dividido em três fases:

□ **Escritos da Juventude** no Senegal (até 1945) quando diploma-se em Matemática e Filosofia pelo Liceu Van Vallenhover, o que demonstra seu duplo interesse pelas ciências exatas e humanas, bem como suas primeiras reflexões sobre a África;

□ **Escrituras da Maturidade** em Paris (de 1946 a 1954) quando da recusa de sua tese “Nações negras e cultura: da antiguidade negra egípcia aos problemas culturais da África Negra hoje” pela banca da Sorbonne Université após seu doutor em Letras sob a orientação de Gaston Bachelard, Química Geral, Química Aplicada e Egiptologia sob a orientação de Marcel Griaule;

□ **Clássicos da Posteridade** Paris\Senegal (de 1955 a 1986) após o incentivo de Aimé Césaire, sua docência em Física e Química no Liceu Voltaire e Claude Bernard, sua especialização em Física e Química nuclear no Collège de France, sob a orientação de Frédéric Joliot-Curie, depois de ser orientado pelo especialista em pré-história André Leroi-Gourhan, a criação do laboratório de datação por radiocarbono, em Dacar, beneficiando as áreas de arqueologia, pré-história, história, geologia, climatologia, entre outras.

Diop criou o partido político Bloco das Massas Senegalesas – BMS, se opondo a Senghor que acaba com o partido em 1963, levando Diop a criar a Frente Nacional Senegalesa – FNS também dissolvida no ano seguinte. Diop recebe o prêmio do 1º Festival de Artes Negras compartilhado com William Edgard Burghardt Du Bois (em memória), convite oficial do diretor geral da UNESCO René Maheu para tornar-se membro do Comitê Científico Internacional para a redação dos oito volumes sobre a História Geral da África. Obra cujo oitavo volume, em seu capítulo 21, intitulado de “Tendências da filosofia e da ciência a África” produzido por Mazrui e Ajayi em sua homenagem, discorre sobre as contribuições da Diop para historiografia da ciência e filosofia.

Diop prefacia o primeiro livro de Théophile Obenga, seu colega e seguidor; Participa da realização do Colóquio Internacional do Cairo de 1974, no qual defende o rompimento com a lógica hegeliana de se escrever a história, apresentando novas bases epistemológicas para a historiografia; Recebeu o prêmio de mérito científico e a cátedra de História na Faculdade de Dacar após 27 anos de impedimento\interdição.

Percebemos que as contribuições dos historiadores, cientistas e filósofos africanos são silenciadas e, em especial a de Cheikh Anta Diop, pela reconhecida abordagem da historiografia da ciência e da filosofia africana. Ressaltamos aqui o pensamento do filósofo ganês Kwame Anthony Appiah, história, filosofia e ciência são rótulos de maior *status* no humanismo ocidental. Reivindicar uma história, uma filosofia, uma ciência africana é pleitear um espaço dentro do que a Europa classifica como *establishment* que determina como devemos estudar o mundo. Cheikh Anta Diop vai de encontro a esse modelo, promovendo desconforto, incômodo e desarranjos epistêmicos que, resultam em uma ameaça ao *status quo* ocidental.

Diop marca a história com sua exegese sobre a origem da humanidade, cuja hermenêutica utilizada foi única, marca indelével em suas obras, em especial: “Civilização ou barbárie – antropologia sem condescendência”, editada em Paris pela Editora Presença Africana em 1981 e, reeditada em 1988.

Trabalhamos com a primeira edição desta obra, em uma tradução espanhola de Albert Roca Álvarez, pela editora Bellaterra – Barcelona, 2015. Esta última obra realizada por Diop ainda vivo, trata-se de uma coletânea de textos conclusivos de suas teses, dedicada a divulgar os resultados da pesquisa científica nas áreas da arqueologia pré-histórica, análise da evolução sóciohistórica das sociedades humanas, visando a reconciliação consigo mesma e suas contribuições para ciência e filosofia.

O que chamamos aqui de abordagem científica trata da análise de Diop sobre a Matemática egípcia, em especial os teoremas atribuídos a Tales e a Pitágoras; o princípio da mecânica atribuído a Arquimedes; e o método diagnóstico da Medicina atribuído a Hipócrates. E, na Filosofia, a apropriação de Platão sobre a validade da escrita e Aristóteles que retoma essa discussão para definir o conhecimento, a justiça e a verdade.

Dessa forma, chegamos à conclusão que a ciência, medicina, filosofia, arquitetura, engenharia, arte, ou seja, grande parte do que é atribuído à civilização ocidental, surgiu no

vale do Nilo, região do Kemet (terra negra), entre o Egito e a Núbia e, foram transmitidas à Grécia Continental, responsável pelo desenvolvimento no norte do Mediterrâneo e por fim na Europa.

Um dos pioneiros brasileiros a se dedicar na pesquisa sobre história do Egito Antigo foi o historiador Ciro Flamarion Santana Cardoso (1942-2013), orientado por Frédéric Mauro, chegou a ganhar o prêmio Delavignette pela França em 2000, com a publicação da obra em 1985, intitulada “O Egito Antigo”⁴. Nesta obra o autor aborda a vida intelectual dos egípcios, dentre outros aspectos (sociais, políticos, religiosos e econômicos). Logo na introdução ele apresenta as suas motivações, afirmando que o Egito faraônico não somente representa o primeiro reino unificado historicamente conhecido, como também chama atenção para sua longevidade da experiência humana documentada através de registros que demonstram a continuidade política e cultural, no mínimo por 2.700 anos (de 3.000 a 332 A.E.C.) muito embora reconheça que a língua egípcia se manteve, relativamente, estável durante 4.500 anos.

Cardoso registra em sua obra que, em 1974, reuniram-se no Colóquio do Cairo inúmeros cientistas para definirem a questão do povoamento do Egito e que, essa reunião não chegou a um resultado conclusivo e, segundo Cardoso (1985), caracterizava um debate estéril e dogmático.

Cardoso ainda afirma que o Rei-Faraó no Egito Antigo não era o único proprietário das terras que, ao lado das extensas propriedades que ficavam ao lado dos Templos, eram formadas aldeias por doações reais e que eram isentas de impostos e seus habitantes também isentos de trabalhos forçados para o governo. Portanto, a base da economia no Antigo Egito era camponesa comportando a maioria absoluta da população, diferente da interpretação histórica até aquele momento que apontava para conceitos de escravismo, feudalismo, modo de produção asiático, dentre outras formas anacrônicas e inadequadas à realidade da população que vivia às margens do Nilo. Segundo o autor, o Egito nunca foi escravista no sentido que foi a Grécia Clássica e helenística, bem como em Roma dos finais da República e do Alto Império.

Ainda segundo esse autor, o Reino Novo no Egito representou o auge da riqueza e do refinamento da civilização faraônica (XVIII – XX dinastias) compreendida entre 1.550-

⁴ Ver CARDOSO, Ciro Flamarion. O Egito Antigo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

1070 A.E.C. muito embora, não controlasse os recursos naturais na interpretação de Cardoso, tendo em vista que a Ásia Ocidental, na mesma época, já dominava a tecnologia de fundição do ferro, este conhecimento já era conhecido e praticado pelos egípcios.

O matriarcado no Egito foi outro aspecto investigado. Para os egípcios, segundo Cardoso, o caráter divino dos reis transmitia-se pelas mulheres, ou seja, era preciso que o herdeiro do trono fosse filho não só de um rei, mas também de uma princesa, rainha de sangue também real. E por último, a ordem cósmica e político-social encarnada na deusa Maat (justiça-verdade-norma justa do mundo) encontrado no Livro dos Mortos⁵ que é composto de uma coletânea de ensinamentos para orientação do morto quando renascesse.

Pois bem, inúmeros trabalhos acadêmicos, em especial no campo historiográfico, abordam não só o Egito, mas o papel do intelectual e cientista Cheikh Anta Diop para a nova historiografia da África. A monografia de Bacharelado e Licenciatura em História pela UERJ, 2016, de Jorge Henrique Almeida de Jesus, intitulada “O despertar da África: as ideias historiográficas e políticas de Cheikh Anta Diop”, embora não trabalhe com a obra conclusiva “Civilização ou Barbárie”, apresenta o sequenciamento de argumentos elaborados por Diop, bem como em seu artigo de 2016, intitulado “Cheikh Anta Diop: filósofo da história”. O referido autor apresenta com clareza as contribuições de Diop para a historiografia da África.

A Dissertação de Mestrado em História de Claudia Silva Lima intitulada “De uma África sem História e Razão à Filosofia Africana”, defendida em 2017 na Universidade Federal do Maranhão, tem Diop, como objeto de pesquisa. Também destacamos o artigo mais recente sobre Diop, de 2018, apresentado no II Congresso Nacional de Formação de Professores, em que o professor Ricardo Matheus Benedicto apresenta seu texto intitulado “As origens africanas da filosofia grega: mito ou realidade?”.

Enfim, dentre outros trabalhos que questionam o lugar da África na Filosofia e na Ciência, destaco aqui algumas obras e autores que contribuíram diretamente com esta pesquisa: José Nunes Carreira em “Filosofia antes dos gregos”; Edward Zeller em “Greek Philosophy”; William Turner em “History of Philosophy”; Martin Bernal em “Atenea Negra”; George James em “Stolen Legacy”; entre outros intelectuais que reconstroem o lugar da África na história e questionam o local de nascimento e tradição da filosofia.

⁵ SELEEM, Ramses. O livro dos mortos. trad. Ligia Copobianco. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2005.

4.2 Egito Antigo: artéria da ciência

A obra de Cheikh Anta Diop permanece como objeto de investigação e demanda análises que aprofundem suas contribuições em torno dos elementos por ele pesquisados, seus argumentos científicos e conclusões. Suas pesquisas relativas ao conhecimento sobre o continente africano se concentraram no papel do Egito Antigo na história do pensamento, que segundo ele, representa para os estudos históricos africanos o mesmo ponto de partida que a Grécia representa para o Ocidente, sendo necessário avançar através de novas perspectivas epistemológicas em relação ao que se produziu. Identificamos a necessidade de investigar sua obra atentando para as suas contribuições no campo historiográfico da Filosofia e da Ciência a partir do Egito Antigo. Buscamos uma correlação entre este conhecimento e a prática dos professores em salas de aula da Educação Básica.

Em 1954, Diop publicou “Nações negras e cultura: da antiguidade negra egípcia aos problemas culturais da África negra hoje”, na qual apresentou duas teses: na primeira discutiu a origem única da humanidade e defendia que a humanidade descendia da “raça negra africana”⁶; e na segunda que o Egito foi a primeira civilização conhecida pela humanidade, e os antigos faraós eram negros. Em “The african origin of civilization: myth or reality”, (1955) Diop apresentou os resultados de suas pesquisas nos campos da egiptologia, antropologia, arqueologia, linguística e história e utilizou técnicas como: a tradução de papiros; a aplicação do radiocarbono; e as análises fisionômicas, dentre outras. Ele defendeu uma base genética única, ou monogenética e que de acordo com o legado da ciência para a análise das fases do “homo sapiens-sapiens” seria impossível que a proto-história deste homem tivesse início fora do continente africano.

Ressalto que “Civilização ou barbárie: uma antropologia sem condescendência” (1981) reúne suas teses: a origem africana da humanidade; a anterioridade da civilização a partir da Núbia/Egito; a evolução da humanidade deve ser estudada a partir do Egito Antigo e aborda as contribuições da África para a humanidade nas ciências e na filosofia. Nesta obra Diop reuniu contribuições dos egípcios na matemática (geometria, álgebra e aritmética), astronomia, medicina, química e arquitetura. Neste trabalho destacamos as pesquisas sobre os filósofos gregos Tales, Arquimedes, Platão e Pitágoras, como exemplos da amplitude da fundamentação do autor e como sugestões para a problematização e embasamento de discussões pelos professores da Educação Básica.

⁶ Tradução nossa de “black african” expressão utilizada recorrentemente por Diop.

Neste trabalho, a ideia de trazer o Egito Antigo como artéria da ciência e da filosofia na África, está assentada nas análises de Diop sobre as seguintes fontes: a) carta de Arquimedes ao seu amigo Eratóstenes; b) tradução do Papiro de Moscou e c) leitura do Tratado do Método de Arquimedes.

Diop afirma que desde a publicação dos estudos sobre o Papiro de Moscou, em 1934, a comunidade científica internacional tomou conhecimento, que dois mil anos antes de Arquimedes os egípcios haviam estabelecido uma “progressão aritmética” e o estabelecimento de grandezas⁷ como volume, superfície e capacidade, e suas proporcionalidades⁸. Ou seja, que os estudos envolvendo razão e proporções eram desenvolvidas no Egito Antigo.

No capítulo IV de “Civilização e barbárie” Diop indica a possibilidade de relacionarmos a matemática egípcia às descobertas atribuídas a Platão, no que tange aos “sólidos platônicos” conhecidos na atualidade como “sólidos geométricos”. Os estudos relativos ao volume dos corpos, em especial das pirâmides (triângulo equilátero), ou seja, uma figura geométrica triangular de base quadrada representava para os egípcios antigos o equilíbrio, a estabilidade e a solidez. Estava em estudo o estabelecimento de duas grandezas: I- o entendimento de uma superfície plana, ou seja, o estudo da parte externa e visível dos corpos; II – a capacidade de contenção de um volume, ou seja, o estudo do espaço interno de um corpo.

Atividade (sala de aula) - Utilizando quatro palitos de picolé colados nas extremidades obtém-se um quadrado, figura geométrica que possui quatro lados e ângulos iguais (quadrilátero). A figura materializada se tornará mais sólida, estável e rígida, quando transpassada por mais um palito de picolé colado em suas extremidades (estrutura treliçada). A partir deste exemplo o professor poderá propor aos estudantes a confecção de pontes, muros, prédios a serem submetidos a uma carga para teste de resistência. E utilizando doze palitos de picolé o professor pode propor aos estudantes que façam um cubo (poliedro regular com seis faces iguais), e o desenhem em um papel em branco⁹.

⁷ Grandeza é uma propriedade mensurável de um corpo.

⁸ Proporcionalidade é a relação entre duas grandezas.

⁹ É necessário que o professor faça o estudante perceber, que utilizando apenas uma das extremidades internas de um quadrado (denominada de ângulo), poderá medir o comprimento das duas retas perpendiculares que dão origem a este ângulo. E que as multiplicando, obterá uma área em centímetros **quadrados**. Bem como, no experimento do cubo o estudante multiplicará o resultado obtido em centímetros quadrados, pela reta que indique a profundidade, e obterá o resultado em centímetros **cúbicos**.

O Papiro de Moscou (Figura 1), estudado por Diop, é uma fonte histórica egípcia que contém os cálculos relativos ao volume da pirâmide. Nele chamam a atenção os numerais: 2 inscrito no interior do trapézio isósceles (quadrilátero convexo com dois lados paralelos) que representa a quantidade de diagonais, ou seja, duas diagonais, e o numeral 4, na área externa do trapézio que representa a quantidade de lados desta figura geométrica.

Figura 1- O Papiro de Moscou

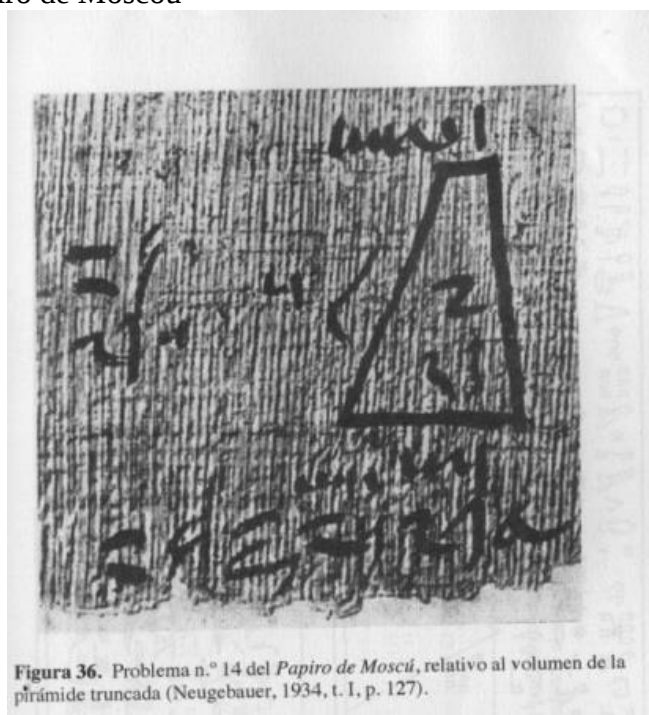


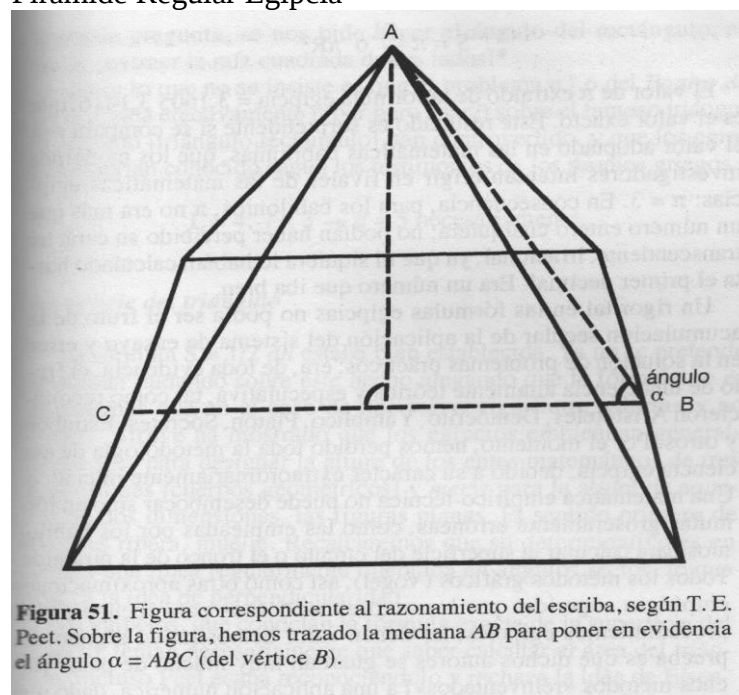
Figura 36. Problema n.º 14 del *Papiro de Moscú*, relativo al volumen de la pirámide truncada (Neugebauer, 1934, t. I, p. 127).

Fonte: DIOP, 2015, p.309.

Na Figura 2, Diop apresenta a relação entre o triângulo isósceles e o triângulo retângulo contidos no interior desta pirâmide regular. A pirâmide é regular porque possui em sua base um polígono regular, ou seja, quatro lados iguais. Se observarmos a letra A em direção ao centro da pirâmide, veremos que este vértice possui a mesma medida da aresta tracejada A-B, ou apótema (mediatriz) da pirâmide que, relacionada ao apótema da base desta mesma pirâmide formam um triângulo retângulo, aquele atribuído a Pitágoras.

Para encontrarmos o volume desta pirâmide é necessário multiplicar a sua área pela altura, cujo resultado é dividido por três, da mesma forma que para sabermos a sua área total, soma-se a área da base pela área lateral. Para esta figura ser representada como um sólido é necessário o estabelecimento de uma mediatriz no segmento de reta B-C, origem de um novo ângulo de 90° , que representa a profundidade da pirâmide, ou seja, os egípcios já sabiam, segundo Diop que, a soma de todos os ângulos se igualam a 360° tanto para ângulos internos quanto externos.

Figura 2- Pirâmide Regular Egípcia



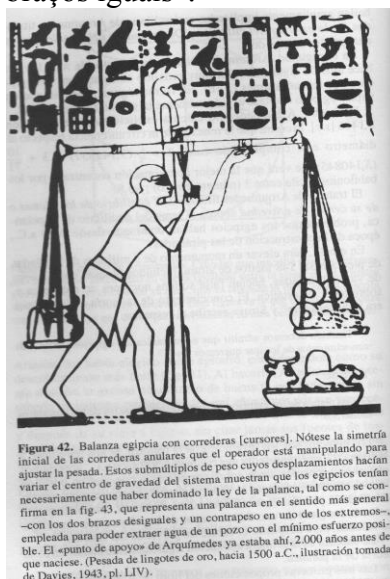
Fonte: Idem. Ibidem. p. 341.

Segundo Diop, os egípcios inventaram o triângulo retângulo, aquele atribuído a Pitágoras. Os triângulos retângulos possuem lados proporcionais a 3-4-5, respectivamente, e eram conhecidos como triângulos sagrados no Egito Antigo. Diop destaca uma passagem do filósofo Plutarco na qual este afirma que os gregos sabiam que o teorema atribuído a Pitágoras era descoberta egípcia (DIOP, 2015, p.348.).

Atividade (sala de aula) - O professor pode solicitar aos estudantes que comparem a altura de dois objetos desproporcionais sobre uma folha em branco observando as sombras projetadas neste plano. Os estudantes compararão as duas imagens formadas pelas sombras, aplicando a razão áurea, que é a própria comparação e, identificarão a proporção áurea, que é o estabelecimento da igualdade entre os objetos.

Outro exemplo é a comparação entre a “Balança de braços iguais” (Figura 3) e da “Balança de braços desiguais” (Figura 4). Segundo Diop foram os egípcios os primeiros a fazerem uma aplicação científica da teoria das balanças. A primeira busca estabelecer um centro de gravidade dentro de um sistema métrico. Pode-se colocar um objeto em uma de suas extremidades, forçando o deslocamento de um dos braços para baixo, cujo operador, simbolizado pela figura ao centro, busca reestabelecer o equilíbrio colocando objetos como contrapesos na outra extremidade do braço, em linha horizontal.

Figura 3 - “Balança de braços iguais”.



Fonte: Idem. Ibidem. p. 316.

A segunda, a “Balança de braços desiguais” abaixo, permitia que o operador, figura que se deslocava em uma das extremidades da reta, erguesse um objeto, desde que fosse estabelecido um ponto de apoio, empregando um mínimo de esforço sobre um dos braços. Segundo Diop, foram os estudos dos instrumentos das Figuras 3 e 4 que permitiram a Arquimedes formular sua teoria sobre o “ponto de apoio”.

Figura 4 - “Balança de braços desiguais”



Fonte: Idem. Ibidem. p. 317.

Atividade (sala de aula) - O professor utilizando dois palitos de picolé solicita aos estudantes que estabeleçam a mediatriz em um dos palitos e perfurem-no com um alfinete preso a uma das extremidades do outro palito formando uma letra T (maiúscula). Assim, formam-se os braços de uma balança para mensurar a proporcionalidade do peso/massa

entre dois objetos distintos. Ex: um lápis em uma das extremidades, fixado por um barbante e uma borracha fixada por outro barbante no braço oposto.

O professor pode solicitar aos estudantes que observem qual dos dois braços é empurrado para baixo, e que a ação de um corpo sobre o outro gera o estudo de outras grandezas como massa e gravidade. Observa-se na Figura 3 que o operador se posicionou ao centro buscando o equilíbrio e na Figura 4, o operador, para estabelecer o equilíbrio se deslocou para uma das extremidades do plano movimentando o braço da balança. Esta atividade permite ao professor problematizar a força da gravidade.

Outro exemplo é a discussão em torno da proporcionalidade. Segundo Diop esta deriva de uma técnica egípcia antiga que permitiu uma reprodução fiel das proporções anatômicas do ser, designada na história da ciência quadriculação ou razão áurea. A proporção áurea e sua equivalência, segundo Diop haviam sido estabelecidas, desde a XXX Dinastia no Egito Antigo, antes dos exemplos propostos por Tales de Mileto. A escultura da Figura 5 permite aferir as medidas entre a ponta do nariz e as costas da orelha, que são proporcionais à ponta do queixo e à frente da testa, cujas regularidades lhes dão a aparência circular.

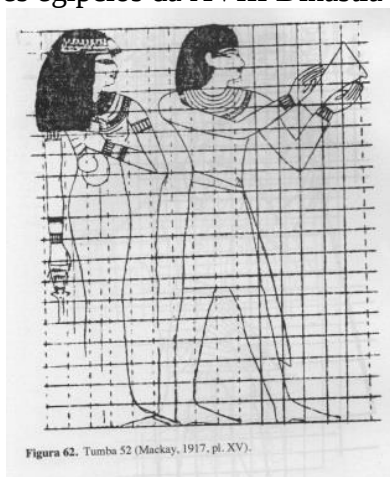
Figura 5 – Cabeça de homem, escultura da XXX Dinastia.



Fonte: Idem. Ibidem. p. 388.

O equilíbrio é a harmonia das formas demonstrada pela proporcionalidade. A análise da Figura 6 permite identificar na técnica de quadriculação o equilíbrio entre as formas, ou a razão áurea. Observe-se a regularidade nas proporcionalidades anatômicas dos personagens, masculino e feminino. A espacialização entre a ponta do nariz e a testa se enquadra na segunda linha, bem como a ponta dos cotovelos estão escoradas na sétima linha. Cada forma anatômica obedecia a uma proporção que equivalia rigorosamente à proporção áurea da arte grega.

Figura 6 – Croqui de pintores egípcios da XVIII Dinastia



Fonte: Idem. Ibidem. p. 383.

Atividade (sala de aula) - O professor pode utilizar esta pesquisa para discutir exemplos de legados dos egípcios antigos solicitando que os estudantes desenhem em uma folha quadriculada qualquer objeto, e depois façam outro desenho deste mesmo objeto reduzindo-o à metade de suas dimensões o que possibilitará a repetição da técnica egípcia de quadriculação.

4.3 Egito Antigo: artéria da filosofia

Para Diop a Filosofia dever ser consciente de si mesma e de sua própria existência enquanto pensamento e, deve separar mito de conceito, ou mito de realidade. Ele analisou a cosmogonia egípcia, entre elas a de origem dogon e discutiu o papel dos gramáticos e os sentidos de paraíso e inferno na religião egípcia além do conceito de vida pós-morte ou ressurreição adotado por todas as religiões reveladas.

Figura 7 – Representação egípcia do inferno, XIX Dinastia.



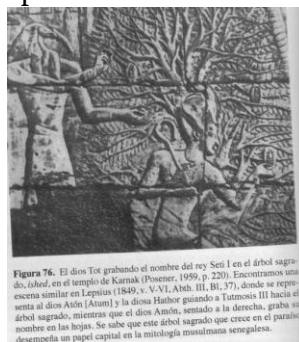
Fonte: Idem. Ibidem. p. 422.

Diop identificou quatro sistemas ou doutrinas: hermopolitano, heliopolitano, menfita e tebano. A cosmogonia egípcia é de natureza materialista, pois postula a existência de uma matéria eterna de princípio próprio. Rá (deus Sol) é o primeiro e único deus na

história do pensamento religioso do Egito Antigo e como conclusão, um componente idealista (espiritualista) se introduziu na cosmogonia egípcia com a aparição de um demiurgo, Amon Rá (faraó da XVIII Dinastia), Deus que se encontra na base do pensamento de todas as religiões reveladas.

A cosmogonia egípcia diz igualmente: “eu era um, eu me converto em três”. Esta noção de trindade que está na base do pensamento egípcio se assemelha à tríade Osiris-Isis-Hórus. Segundo Diop, o termo “Cristo” não vem de uma raiz indo-europeia. Mas sim, de uma expressão egípcia faraônica *Kher sesheta* “o que vem dos mistérios”. Hórus, filho que tudo vê e reencarna na terra para salvação da humanidade. Ou seja, o monoteísmo teve origem no Egito Antigo, na personificação de Amon Rá, o deus sol. E o sol era a comprovação da existência.

Figura 8 - Deus Tot no Templo de Karnak



Fonte: Idem. Ibidem. p. 424.

Para Diop, “não se poderá construir um corpo de disciplinas em ciências humanas se não forem legitimadas e sistematizadas no retorno ao Egito” (DIOP, 2015, p. 395). No que compete à filosofia o seu retorno ao Egito Antigo implica no abandono da racionalidade, pela adesão às paixões, ao amor. Na Figura 7, observa-se que mesmo estando no inferno que devora os homens é preciso ascender ao paraíso; e complementa esse pensamento, com a Figura 8, afirmando a possibilidade da salvação por meio da gravação do “nome” na árvore sagrada que cresce no paraíso, exemplo que está na base da mitologia muçulmana senegalesa.

Atividade (sala de aula): O professor indica a leitura da obra de Aristóteles “Ética a Nicômaco”, na qual os estudantes devem identificar a distinção entre os vícios e as virtudes, comparando-a com as expressões: “mundo sensível” e “mundo inteligível”, que integram o Livro VI da “República” de Platão. Em seguida, estas análises devem ser contrastadas com o conceito de Maat, a partir do exercício filosófico que compõe o item 6 deste trabalho.

5. MANUAL COMPLEMENTAR DE FILOSOFIA AFRICANA

O Manual Complementar de Filosofia Africana possui um formato didático-pedagógico de manual auxiliar para ser trabalhado em consonância com o livro didático de Filosofia. O manual é um produto que tem como público alvo principal os professores de Filosofia do Ensino Médio e tem como objetivo complementar ao seu trabalho no que diz respeito ao cumprimento da Lei 10.639/2003, tendo em vista a necessidade de renovação do ensino de filosofia, no país, para incorporar as dimensões étnico-raciais conforme exigido pela Lei supracitada. Sua organização por temáticas, e não por temporalidades como é comum nos livros didáticos, permite que o mesmo seja utilizado como referencial teórico-metodológico, tanto quanto aplicado, nas diversas etapas deste nível de ensino.

O Manual Complementar ao Livro Didático de Filosofia¹⁰ surgiu da necessidade de suprir uma lacuna presente no livro didático de Filosofia disponibilizado pela instituição IFBA – Eunápolis para estudantes e professores. Estes últimos se esforçavam para pesquisar, coletar, discutir as ideias e os textos dos filósofos africanos e, dessa forma enriquecer as aulas com novos conteúdos.

No âmbito da aplicação da Lei 10.639/2003 acrescenta-se que na ementa da disciplina de Filosofia do 1º ao 4º ano da EBTT, está prevista a necessidade de ser trabalhado o conceito de “racismo”, cabendo ao professor planejar a melhor forma de abordagem deste conceito em suas aulas. Ocorre que os livros didáticos disponibilizados aos estudantes não contemplavam as temáticas concernentes ao racismo ou à Filosofia Africana.

Dado a sua relevância, reunimos livros e selecionamos textos a serem trabalhados, até que ocorresse a escolha do Livro Didático pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2019-2022). Este processo resultou na constituição de um conjunto inicial de materiais para a composição de um manual que pudesse ser utilizado como suporte pedagógico, pelo professor\professora da EBTT do 1º ao 4º ano.

¹⁰ Para fins de contextualização do trabalho aqui desenvolvido e do produto apresentado, chamamos de “manual” uma série de capítulos separados, que poderiam ser separatas, posto que seja conteúdos finalizados em si, e que podem/visam contribuir de modo a complementar o material didático já disponível a estudantes do 1º ao 4º ano.

A seleção dos filósofos utilizados neste manual reflete o esforço em trabalharmos com pensadores africanos contemporâneos, sem perder de vista os autores clássicos da filosofia a exemplo de Platão, Aristóteles ou Kant. É objetivo deste trabalho, ampliar o conhecimento e acesso às obras de autores africanos tais como Amadou Hampâté Bâ, Cheikh Anta Diop, Kwame Appiah, Théophile Obenga, Frantz Fanon, Chimamanda Adichie, Yoporeka Somet, Joseph Kizerbo, Mogobe Ramose, Dismas Masolo, Molefi Assante e Achille Mbembe

No universo intelectual acrescentamos autores fundamentais ao trabalho com as temáticas e que possuem origens fora do continente africano, destacando-se o filósofo francês Jean-Paul Sartre em função de suas contribuições específicas para o debate intelectual sobre o racismo e o filósofo brasileiro Renato Noguera que apresenta uma reflexão teórico-metodológica importante para o aprofundamento do estudo da filosofia fora do continente africano.

O manual inclui ainda autores que se constituem em referenciais importantes em campos do conhecimento diversos a exemplo, de Abdias do Nascimento, Elisa Nascimento, Viveiros de Castro, Ramses Seleem, Sueli Carneiro, Ramón Grosfoguel e Lionel Casson.

Destacamos que neste trabalho a relação entre as contribuições no campo historiográfico tanto da filosofia quanto da ciência de Cheikh Anta Diop e da afroperspectividade, enquanto uma metodologia proposta por Renato Noguera se articulam. Esta relação tem como ponto de partida o Egito, especificamente na região de Kemet, onde se constituiu uma atividade humana simultaneamente especulativa e prática conhecida como Filosofia Kemética¹¹.

¹¹ A este respeito ver as obras de Edward Zeller (1886), William Turner (1903), George James (1954), Anatole Fogou (1989), Martin Bernal (1993), Jaques Depelchin (2018) e Martin Bernal (1993).

5.1 Capítulo 1

A ORALIDADE EM PLATÃO E A TRADIÇÃO ORAL EM HAMPÂTÉ BÂ

Utilizamos aqui o diálogo entre Fedro e Sócrates na obra de Platão¹².

SÓCRATES: Posso revelar alguma coisa que ouvi dos antigos, embora se é verdadeiro só eles sabiam. Entretanto, se pudermos descobri-lo nós mesmos, haverá razão para continuar-nos a nos importar com opiniões humanas?

FEDRO: Essa seria uma pergunta ridícula. Mas relata-me o que declaras ter ouvido.

SÓCRATES: O que ouvi foi que em Naucratis, no Egito, havia um dos antigos deuses daquela nação, ao qual a ave consagrada é chamada de Íbis, sendo o nome desse próprio deus Thoth. Foi ele que primeiramente concebeu os números, o cálculo, a geometria e a astronomia, além do jogo de damas, os dados e — o mais importante de tudo — as letras. Ora, o rei de todo o Egito naquela época era Tamos, que vivia na megalópole da região superior chamada pelos gregos de Tebas egípcia, chamando estes o próprio deus de Amon. A este dirigiu-se Thoth para mostrar suas invenções, alegando ele que deviam ser distribuídas entre os outros egípcios. O Rei Tamos, entretanto, perguntou-lhe acerca dos usos de cada uma delas e à medida que Thoth indicava seus usos exteriorizou louvor ou censura, com base em sua aprovação ou reprovação. A história relata que o Rei Tamos declarou muitas coisas a Thoth elogiando ou censurando as várias artes, o que seria excessivo aqui repetir; todavia, quando ele apresentou as letras, no dizer de ‘Thoth: ‘Isto, ó rei, uma vez aprendido tornará os egípcios mais sábios e aprimorará suas memórias: trata-se de uma poção para a memória e a sabedoria por mim descoberta. O Rei Tamos, contudo, respondeu: ‘Sumamente engenhoso Thoth, uma pessoa é capaz de conceber as artes, mas a capacidade de julgar de sua utilidade ou nocividade aos que farão uso delas cabe a uma outra pessoa. E tu, agora, pai das letras, foste levado pelo afeto a elas a conferir-lhes um poder que corresponde ao oposto do poder que elas realmente possuem. O fato é que essa invenção irá gerar esquecimento nas mentes dos que farão o seu aprendizado, visto que deixarão de praticar com sua memória. A confiança que passarão a depositar na escrita, produzida por esses caracteres externos que não fazem parte deles próprios, os desestimulará quanto ao uso de sua própria memória, que lhes é interior. O que descobriste não é uma poção para a memória, mas sim para a evocação; proporcionarás aos teus discípulos a aparência da sabedoria, mas não a verdadeira sabedoria, porque lerão muitas coisas sem se instruírem, com o que parecerão conhecer muitas coisas, mas na realidade permanecerão majoritariamente ignorantes, incapazes de acompanhar essas matérias, visto que não são sábios, mas tão só parecem ser sábios.

FEDRO: Sócrates, crias com facilidade histórias do Egito ou de qualquer outro país que queiras.

SÓCRATES: Costumavam dizer, meu amigo, que as palavras do carvalho no templo de Zeus em Dodoma foram as primeiras profecias. As pessoas daquele tempo, não sendo tão sábias quanto vós, jovens de hoje, satisfaziam-se em sua simplicidade em ouvir um carvalho ou uma rocha,

¹² PLATÃO. **Fedro**. in Coleção Livros que mudaram o Mundo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

contanto apenas que proferissem a verdade. Para ti, entretanto, talvez faça diferença quem é o orador e qual a origem deste. Por que, a despeito disso, não te limitas a considerar se o que ele diz é certo ou errado? (PLATÃO, 2010, p. 274).

Interagindo com o conhecimento.

- 1- No fragmento “Posso revelar alguma coisa que ouvi dos antigos, embora se é verdadeiro só eles sabiam.” **Podemos dizer que Sócrates conhecia os antigos egípcios?** Sim, Aristóteles¹³ confirma essa assertiva no Livro I da Metafísica e acrescenta em nota: “No antigo Egito, as ciências eram cultivadas e desenvolvidas pelos sacerdotes [egípcios] a descoberta da aritmética, da geometria e da astronomia eram atribuídas ao deus Thoth (*Tahuti* em copta)”.
- 2- No fragmento “O que ouvi foi que em Naucratis, no Egito, havia um dos antigos deuses daquela nação, ao qual a ave consagrada é chamada de Íbis, sendo o nome desse próprio deus Thoth.” **Podemos confirmar tais informações sobre Naucratis, Íbis e Thoth?** Sim, segundo Aristóteles¹⁴ no Livro I da Metafísica, Naucrátis era uma “colônia comercial helênica no Egito”; Íbis uma ave sagrada da família *threskiornithidae* que habita o norte e nordeste da África; Thoth era um deus que segundo Cheikh Anta Diop¹⁵ registra o nome do rei Seti I na árvore sagrada.
- 3- No fragmento “Foi ele que primeiramente concebeu os números, o cálculo, a geometria e a astronomia, além do jogo de damas, os dados e — o mais importante de tudo — as letras.” **Podemos atribuir a Thoth e conferir ao Egito o título de primeira civilização do mundo antigo?** Sim, segundo Cheikh Anta Diop¹⁶ o Egito desempenha o mesmo papel para África negra que a civilização greco-latina para o Ocidente [T. N.].
- 4- No fragmento “o rei de todo o Egito naquela época era Tamos, que vivia na megalópole da região superior chamada pelos gregos de Tebas egípcia, chamando estes o próprio deus de Amon.” **Podemos confirmar a existência de uma “Tebas egípcia” e de um único “deus Amon”?** Sim, segundo Cheikh Anta Diop, na cosmogonia tebana [no Egito] o deus Amón dirá: Eu sou o deus que se tornou ele mesmo e de forma alguma foi criado. [T. N.].

¹³ ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Edson Bini, 2 ed. São Paulo: Edipro, 2012, p. 43.

¹⁴ Id. Ibid.

¹⁵ DIOP, Cheikh Anta. **Civilización y barbarie: una antropología sin condescendencia**. Trad. Albert Roca Álvarez, Barcelona: Edicions Bellaterra SL, 2015, p. 424.

¹⁶ Id. Ibid., p. 395.

- 5- No fragmento “no dizer de Thoth: Isto, ó rei, uma vez aprendido tornará os egípcios mais sábios e aprimorará suas memórias: trata-se de uma poção para a memória e a sabedoria por mim descoberta.” **Podemos dizer que a escrita é mais confiável que a oralidade?** Não, segundo Amadou Hampâté Bâ¹⁷ no texto intitulado “A tradição viva” que compõe o capítulo oito da obra História Geral da África (2010) volume I, diz:

Nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração. As crônicas das guerras modernas servem para mostrar que, como se diz (na África), cada partido ou nação ‘enxerga o meio-dia da porta de sua casa’ – através do prisma das paixões, da mentalidade particular, dos interesses ou, ainda; da avidez em justificar um ponto de vista. Além disso, os próprios documentos escritos nem sempre se mantiveram livres de falsificações ou alterações, intencionais ou não, ao passarem sucessivamente pelas mãos dos copistas – fenômeno que originou, entre outras, as controvérsias sobre as ‘Sagradas Escrituras’. O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. Em compensação, ao mesmo tempo que se difunde, vemos que a escrita pouca a pouco vai substituindo a palavra falada, tornando-se a única prova e o único recurso; vemos a assinatura tornar -se o único compromisso reconhecido, enquanto o laço sagrado e profundo que unia o homem à palavra desaparece progressivamente para dar lugar a títulos universitários convencionais. (KI-ZERBO, 2010, p. 168).

- 6- No fragmento “Tamos, contudo, respondeu: Sumamente engenhoso Thoth, uma pessoa é capaz de conceber as artes, mas a capacidade de julgar de sua utilidade ou nocividade aos que farão uso delas cabe a uma outra pessoa.” **Podemos afirmar que o artista, por trabalhar com a oralidade, não está comprometido com a verdade?** Não, segundo Jan Vansina¹⁸ no texto intitulado “A tradição oral e sua metodologia” que compõe o capítulo sete da obra História Geral da África (2010) volume I, diz: O artista é completamente livre, mas somente do ponto de vista

¹⁷ KIZERBO, Joseph. **História geral da África**: Metodologia e pré-história da África. Vol. I. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 168.

¹⁸ Id. Ibid., p. 144.

literário: o seu meio social pode, às vezes, impor-lhe uma fidelidade rígida às fontes.

- 7- No fragmento “O fato é que essa invenção irá gerar esquecimento nas mentes dos que farão o seu aprendizado, visto que deixarão de praticar com sua memória.”

Podemos dizer que o fato de exercitarmos a escrita perderíamos a memória?

Sim, segundo Amadou Hampâté Bâ¹⁹ no texto intitulado “A tradição viva” que compõe o capítulo oito da obra História Geral da África (2010) volume I, diz:

Entre todos os povos do mundo, constatou-se que os que não escreviam possuíam uma memória mais desenvolvida. Demos o exemplo dos genealogistas que conseguem reter uma inacreditável quantidade de elementos, mas poderíamos mencionar também o caso de certos comerciantes iletrados (ainda conheço muitos deles) que dirigem negócios envolvendo por vezes dezenas de milhões de francos, e emprestam dinheiro a muitas pessoas no curso das suas viagens, guardando de memória a mais precisa contabilidade de todos esses movimentos de mercadorias e dinheiro, sem uma única nota escrita e sem cometer o menor engano. O dado a ser retido fica imediatamente inscrito na memória do tradicionalista, como em cera virgem, e lá permanece sempre disponível, em sua totalidade (KI-ZERBO, 2010, p. 144).²⁰

- 8- No fragmento “O que descobriste não é uma poção para a memória, mas sim para a evocação; proporcionarás aos teus discípulos a aparência da sabedoria, mas não a verdadeira sabedoria, porque lerão muitas coisas sem se instruírem, com o que parecerão conhecer muitas coisas, mas na realidade permanecerão majoritariamente ignorantes, incapazes de acompanhar essas matérias, visto que não são sábios, mas tão só parecem ser sábios.” **Podemos afirmar que o fato de uma pessoa saber escrever representa que ela é sábia?**

Não, a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente²¹.

¹⁹ Id. Ibid., p. 207-208.

²⁰ Ver explicação: Esse fenômeno poderia estar relacionado com o fato de as faculdades sensoriais do homem serem mais desenvolvidas onde há necessidade de se fazer grande uso delas e se atrofiarem em meio à vida moderna. O caçador africano tradicional, por exemplo, pode ouvir e identificar determinados sons a vários quilômetros de distância. Sua visão é particularmente acurada. Alguns têm a capacidade de “sentir” a água, como verdadeiros adivinhos. Os tuaregues do deserto possuem um senso de direção que, está próximo do miraculoso. E como esses há dezenas de exemplos. O homem moderno, imerso na multiplicidade de ruídos e informações, vê suas faculdades se atrofiarem progressivamente. Está cientificamente provado que os habitantes das grandes cidades perdem cada vez mais sua capacidade auditiva.

²¹ Pensamento de Tierno Bokar utilizado como epígrafe na abertura do texto “A tradição viva” de Amadou Hampâté Bâ que compõe o capítulo oito da obra História Geral da África (2010) volume I.

9- Reflexão: “As pessoas daquele tempo, não sendo tão sábias quanto vós, jovens de hoje, satisfaziam-se em sua simplicidade em ouvir um carvalho ou uma rocha, contando apenas que proferissem a verdade. Para ti, entretanto, talvez faça diferença quem é o orador e qual a origem deste. Por que, a despeito disso, não te limitas a considerar se o que ele diz é certo ou errado?” **Certamente os jovens de hoje não se contentam com qualquer verdade, mas, se tivéssemos de improvisar uma história por não podermos dizer a verdade, os mesmos jovens saberiam distingui-las pelo viés da educação tradicional?** Segundo Amadou Hampâté Bâ no texto intitulado “A tradição viva” que compõe o capítulo oito da obra História Geral da África (2010) volume I, diz:

A fórmula ‘pôr na palha’, que consiste em enganar uma pessoa com alguma história improvisada quando não se pode dizer a verdade, foi inventada a partir do momento em que o poder colonial passou a enviar seus agentes ou representantes com o propósito de fazer pesquisas etnológicas sem aceitar viver sob as condições exigidas. Muitos etnólogos foram vítimas inconscientes desta tática... Quantos não pensavam ter compreendido completamente determinada realidade quando, sem vivê-la, não poderiam verdadeiramente tê-la conhecido [...] a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. Os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles (KI-ZERBO, 2010, p. 183).²²

Problematização: Até agora questionamos a validade da oralidade e da escrita como se essas questões não envolvessem o trabalho do historiador, pois bem, um dos grandes desafios no trabalho do historiador é encontrar uma grande quantidade de fontes para se chegar a uma conclusão confiável. Diante desse dilema, uma questão metodológica: como estabelecer uma concordância entre fontes orais, escritas e arqueológicas no momento de contradições, sendo que elas são do mesmo período estudado? Segundo Jan Vansina²³ no texto “A tradição oral e sua metodologia” explica:

Geralmente, estabelecer uma concordância entre fonte oral e escrita fica difícil porque tratam de coisas diferentes. Um estrangeiro que escreve sobre um país habitualmente se restringe a fatos econômicos e políticos, muitas vezes ainda mal compreendidos. A fonte oral voltada para o interior menciona os estrangeiros apenas de passagem; quando o faz. Assim sendo, em muitos casos as duas fontes não têm nada em comum, ainda que se refiram ao mesmo período. Casos de concordância,

²² KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África: Metodologia e pré-história da África**. Vol. I. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 183.

²³ Id. Ibid., p. 161-162.

cronológica principalmente, são encontrados em locais onde os estrangeiros se estabeleceram por tempo suficientemente longo para se interessarem pela política local e entendê-la [...] Em caso de contradição entre fontes orais, deve-se escolher a mais provável. A prática, muito difundida, de tentar encontrar um acordo não faz sentido. Uma contradição flagrante entre uma fonte oral e uma fonte arqueológica se resolve em favor da última, se esta for um dado imediato, isto é, se a fonte for um objeto e não uma inferência, pois neste caso a probabilidade da fonte oral pode ser maior. Um conflito entre uma fonte escrita e uma oral se resolve exatamente como se se tratasse de duas fontes orais. Devemos ter em mente que a informação quantitativa escrita, de modo geral, é mais digna de confiança, mas que a informação oral relativa aos motivos é geralmente mais precisa que a das fontes escritas. Por fim, cabe ao historiador tentar estabelecer o que é mais provável. Num caso extremo, se dispomos de apenas uma fonte oral, cujas prováveis deformações pudemos demonstrar, devemos interpretá-la tendo em conta as deformações e utilizá-la. Enfim, acontece frequentemente de o historiador não se sentir satisfeito com as informações orais de que dispõe. Pode registrar o seu descrédito em relação à validade das informações, mas, na falta de algo melhor, é obrigado a utilizá-las, enquanto outras fontes não forem descobertas (KI-ZERBO, 2010, p. 161-162).

10- Curiosidade: Muitos estrangeiros se aventuraram em escrever sobre a História da África, tendo por base epistemológica as correntes de pensamento e metodologias aceitas no Ocidente. Como lançar luz suficiente sobre espaços e temporalidades desconhecidas? No prefácio *História Geral da África: Metodologia e pré-história da África*. Vol. I, assinado pelo Diretor Geral da UNESCO (1974-1987), M. Amadou Mahtar M'Bow nos responde:

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história. Apesar de importantes trabalhos efetuados desde as primeiras décadas do século XX por pioneiros como Leo Frobenius, Maurice Delafosse e Arturo Labriola, um grande número de especialistas não africanos, ligados a certos postulados, sustentava que essas sociedades não podiam ser objeto de um estudo científico, notadamente por falta de fontes e documentos escritos. Se a *Ilíada* e a *Odisseia* podiam ser devidamente consideradas como fontes essenciais da história da Grécia antiga, em contrapartida, negava-se todo valor à tradição oral africana, essa memória dos povos que fornece, em suas vidas, a trama de tantos acontecimentos marcantes. Ao escrever a história de grande parte da África, recorria-se somente a fontes externas à África, oferecendo uma visão não do que poderia ser o percurso dos povos africanos, mas daquilo que se pensava que ele deveria ser. Com efeito, havia uma recusa a considerar o povo africano como o criador de culturas originais que floresceram e se perpetuaram, através dos séculos, por vias que lhes são próprias e que o historiador só pode apreender renunciando a certos preconceitos e renovando seu método [...] Um outro fenômeno que grandes danos causou ao estudo objetivo do passado africano foi o aparecimento, com o tráfico negreiro e a colonização, de estereótipos raciais criadores de desprezo e incompreensão, tão profundamente

consolidados que corromperam inclusive os próprios conceitos da historiografia. Desde que foram empregadas às noções de ‘brancos’ e ‘negros’, para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria entre outras, e destinado ao trabalho forçado, o africano veio a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior: a de negro. Este processo de falsa identificação depreciou a história dos povos africanos no espírito de muitos, rebaixando-a a uma etno-história, em cuja apreciação das realidades históricas e culturais não podia ser senão falseada (KI-ZERBO, 2010, p. 122).

5.2 Capítulo 2

A ESCRITA EGÍPCIA E ARISTÓTELES DE ALEXANDRIA

Foi no Egito e na Mesopotâmia, terras abundantemente irrigadas por grandes rios, que surgiu a civilização. É lá que encontramos os mais antigos exemplos desse aspecto fundamental da civilização: a escrita. (CASSON, 2018, p.11)²⁴.

A epígrafe acima determina a escrita como aspecto fundamental da civilização, muito embora saibamos que escrevemos para esquecer, conforme mencionamos no capítulo anterior, seguiremos nossa investigação através de registros escritos para identificarmos o local de nascimento dessa escrita, seu formato e, a descoberta de Aristóteles (384-322 A.E.C.) da Biblioteca de Alexandria, tendo em vista que, esta foi a fonte para este filósofo estagirita, que viveu 62 anos e publicou 78 obras. Aristocles, apelidado de “Platão” (427-347), que em grego significa “ombros largos” ao longo de seus 80 anos de vida publicou 35 diálogos e um conjunto 13 cartas, somando 48 obras, portanto 30 livros a menos que seu discípulo Aristóteles que deveria contar com um exército de discípulos escrevendo para ele.

O professor de Estudos Clássicos da Universidade de Nova York, Lionel Casson, em sua investigação arqueológica ao sul da Mesopotâmia, identificou tabuletas de argila que datam 3 mil anos A.E.C. pertencentes aos sumérios que suportaram o fogo, quando os conquistadores provocavam incêndios. O autor afirma que os rios da Mesopotâmia (Tigre e Eufrates) eram ricos em argila de boa qualidade, embora não possuísse o junco de que é feito o papiro, planta que só se encontrava em abundância nas margens do Nilo, cuja técnica os faraós já dominavam a cerca de 6 mil A.E.C. Por outro lado, sabemos que o papiro, o couro, a madeira, são inferiores em resistência, comparados a argila para a finalidade de registros escritos e, os egípcios sabiam disso, uma vez que registraram seus feitos também nas paredes, tetos e faixadas das pirâmides, sarcófagos, salões, etc.

²⁴ Ver CASSON, Lionel. **Bibliotecas no mundo antigo**. Trad. Cristina Antunes. 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2018.

Segundo Casson, os gregos surgiram na história entre 1.600 a 1.200 A.E.C., a chamada “Era Micênica”, e seus registros foram encontrados em tabuletas de argila as quais não possuíam escritos literários, ou seja, os gregos importaram o papiro do Egito.

Vale salientar que em 700 A.E.C. já existia uma edificação desse porte, a Biblioteca de Nínive, também conhecida como Biblioteca de Assurbanípal, localizada na Assíria (atual Iraque-Ásia). Composta de uma coleção de milhares de placas em argila contendo textos em escrita cuneiforme sobre vários assuntos, dentre estes a famosa Epopeia de Gilgamesh, texto literário em forma de poema épico da antiga Mesopotâmia, composto em doze cantos com cerca de 300 versos cada um, escrita em língua acádica em 2.100 A.E.C., uma das primeiras obras conhecidas da literatura mundial do autor Stephen Mitchell, mas não anterior ao poema de amor egípcio extraído de um papiro de 3.000 A.E.C., traduzido em hieróglifo na estátua de Ramsés II, faraó da XIX dinastia dedicado a sua esposa Nefertari. Ao lado deste o conto, intitulado "Tale of the Shipwrecked Sailor" ou Conto do Marinheiro Naufragado, apresentado em forma de poesia ou prosa conforme as diferentes edições. Esse é o mais antigo poema escrito de que há registros. Datado de 2.500 A.E.C., escrito em hierático, escrita de que se serviam os sacerdotes egípcios como abreviatura dos hieróglifos.

Segundo Casson, a biblioteca de Alexandria era a maior em espaço físico, possuía um museu, salão de festa e biblioteca e, a mais completa em termos de exemplares, segundo o autor:

Apesar de sua extensão e variedade, a coleção de Aristóteles era estritamente pessoal, uma ferramenta para seus estudos. A Biblioteca de Alexandria era abrangente, reunindo livros de todos os tipos oriundos de todos os lugares, e era pública, aberta para qualquer pessoa academicamente apta ou com qualificações literárias (CASSON, 2018, p.43.).

Uma questão fica sem resposta nessa pesquisa, quem era considerada “pessoa academicamente apta ou com qualificações literárias?” O que se sabe, segundo o autor é que:

Depois que Roma tomou o comando do Egito em 30 a.C., os imperadores mantiveram ambos funcionando, o Museu e a biblioteca. Mas a filiação ao Museu agora era uma concessão, em sua maior parte, não para homens do saber, mas para homens que haviam se distinguido nos serviços governamentais, militares e até mesmo atléticos – o equivalente, de certo modo, aos graus honorários atuais (CASSON, 2018, p.60.).

O fim da biblioteca, segundo o autor, se deu provavelmente em 270 D.E.C., quando o imperador Aureliano devastou com a cidade de Alexandria, sua biblioteca e seus exemplares. Após a morte de Aristóteles em 322 A.E.C., seus alunos atenienses, sem a autoridade do Estado, comprometeram-se a compilar uma história da filosofia, reconhecida na época como a Sophia ou Sabedoria dos Egípcios, que havia se tornado corrente e tradicional no mundo antigo, tal compilação por ter pertencido à escola de Aristóteles se tornou grega, o que denominamos de legado roubado, seus métodos de dominação estão assentados no genocídio\epistemicídio.

O sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel²⁵ demonstra como essa lógica racional ocidental preceda o período pós-colonial e apresenta o caso de Al-Andalus.

Os métodos de colonização e dominação utilizados em Al-Andalus foram transportados para as Américas (Garrido Aranda, 1980). A conquista de Al-Andalus foi tão importante para a mentalidade dos conquistadores espanhóis que Hernán Cortés – o conquistador do México – confundiu os templos astecas com mesquitas. Além do genocídio, a conquista da região de Al-Andalus foi acompanhada por um epistemicídio. A queima das bibliotecas, por exemplo, foi um método fundamental para a conquista da região. A biblioteca de Córdoba, com um acervo de 500 mil livros, quando a maior biblioteca cristã da Europa não continha mais de mil livros, foi queimada no século XIII. Até a conclusão da conquista de Al-Andalus, muitas outras bibliotecas tiveram o mesmo destino, culminando com a queima dos 250 mil volumes da biblioteca de Granada pelo cardeal Cisneros, no início do século XVI. Estes métodos eram estendidos aos ameríndios. Assim, o mesmo aconteceu com os códices indígenas – a parte escrita da prática utilizada pelos ameríndios na busca pelo conhecimento. O genocídio e o epistemicídio caminharam juntos no processo de conquista das Américas e de Al-Andalus. Um processo similar aconteceu com os métodos de evangelização empregados contra os povos indígenas nas Américas (Garrido Aranda 1980; Martín de la Hoz 2010). Este foi inspirado nos métodos utilizados contra os muçulmanos na Península Ibérica (Garrido Aranda 1980), que consistia simultaneamente em uma forma de aniquilação da espiritualidade e de epistemicídio. A destruição do conhecimento e da espiritualidade caminharam juntas, tanto na conquista de Al-Andalus quanto na conquista das Américas [...] Ao contrário do que ocorreu com o epistemicídio contra as populações indígenas e muçulmanas, quando milhares de livros foram queimados, no caso do genocídio contra as mulheres indo-europeias não houve livros queimados, pois, a transmissão de conhecimento acontecia, de geração para geração, por meio da tradição oral. Os ‘livros’ eram os corpos das mulheres e, de modo análogo ao que aconteceu com os códices indígenas

²⁵GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016, 25-49. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/302983549_A_estrutura_do_conhecimento_nas_universidades_ocidentalizadas_Racismosexismo_epistemico_e_os_quatro_genocidiosepistemicidios_do_longo_seculo_XVI>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

e com os livros dos muçulmanos, elas foram queimadas vivas [...] A perseguição dessas mulheres começou na Baixa Idade Média. Entretanto, intensificou-se nos séculos XVI e XVII, com o advento das estruturas ‘modernas, coloniais, capitalistas e patriarcais’ de poder. Milhões de mulheres foram queimadas vivas, acusadas de bruxaria, ainda nos primórdios da Modernidade. Dadas as suas qualidades de autoridade e liderança, os ataques constituíram uma estratégia de consolidação do patriarcado centrado na cristandade, que também destruía formas autônomas e comunais de relação com a terra. A Inquisição foi a vanguarda dos ataques. A acusação era um ataque a milhares de mulheres, cuja autonomia, liderança e conhecimento ameaçavam o poder da aristocracia, que se tornava a classe capitalista transnacional tanto nas colônias quanto na agricultura europeia (GROSFOGUEL, 2016, p. 34-42).

Justificamos a extensão dessa citação devido o silenciamento histórico sobre a relação entre a conquista de Al-Andalus e a conquista das Américas, pouco explorada pela literatura nacional brasileira. Por outro lado, o esforço dessa pesquisa nos faz entender que o epistemicídio no passado condenou livros à fogueira, mesmo o ocidente desconhecendo o conteúdo destes e, quando se sentiram ameaçados pelas mulheres, queimaram-nas vivas, para legitimar o seu patriarcado e, se após essa leitura, ainda não se sentir indignado, vejamos o que a filósofa Sueli Carneiro ressalta em nossa realidade:

Na sua versão mais contemporânea nas universidades brasileiras, o epistemicídio [...] se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro. Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações raciais dialoga entre si, deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema. Isso é claramente manifesto nas listas bibliográficas utilizadas onde, via de regra, figuram autores negros não-brasileiros, ou no fato de quão poucos intelectuais negros brasileiros alcançaram prestígio nacional e internacional. Os ativistas negros, por sua vez, com honrosas exceções, são tratados, pelos especialistas da questão racial, como fontes de saber mas não de autoridade sobre o tema. Os pesquisadores negros em geral são reduzidos também à condição de fonte e não de interlocutores reais no diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema do negro (CARNEIRO, 2005, p.60).

Para Grosfoguel, essa prática já operava no ocidente desde o século XVI e foi esse modelo o adotado para toda América Latina e Caribe. Vejamos a versão do autor:

As universidades ocidentalizadas, desde o início, internalizaram as estruturas racistas/sexistas criadas pelos quatro genocídios/epistemicídios do século XVI. Essas estruturas eurocêntricas de conhecimento se tornaram consensuais. Considera-se normal haver homens ocidentais de cinco países que produzem o cânone de todas as disciplinas daquela universidade. Não há um escândalo nisso, é tudo um reflexo da

naturalização das estruturas epistêmicas racistas/sexistas de conhecimento que imperam no mundo moderno e colonial. No fim do século XVIII, quando as ditas universidades deixaram de ser cristãs e teológicas e se transformaram em seculares e humboltianas, utilizou-se a ideia antropológica kantiana de que a racionalidade está encarnada no homem branco ao norte dos Pirineus. A Península Ibérica foi relacionada ao estigma da irracionalidade, ao lado dos povos de pele negra, vermelha e amarela. As pessoas sem racionalidade foram epistemologicamente excluídas das estruturas de conhecimento das universidades. É a partir da estrutura kantiana que o cânone da universidade ocidental é fundado. (GROSFOGUEL, 2016, p. 43).

5.3 Capítulo 3

SARTRE E O RACISMO COMO QUESTÃO FILOSÓFICA UNIVERSAL

O esforço de Sartre para reconhecer que o racismo antinegro tem uma característica peculiar significa que ele, Sartre, operou dentro de uma lógica racional não eurocêntrica?

Um judeu, branco entre os brancos, pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre os homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: êle é prêto. Está pois encurralado na autenticidade: insultado, avassalado, reergue-se, apanha a palavra ‘prêto’ que lhes atiram qual uma pedra; reivindica-se como negro, perante o branco, na altivez [...] êste racismo anti-racista é o único caminho capaz de levar à abolição das diferenças de raça. E como poderia ser de outra maneira? Podem os negros contar com a ajuda do proletariado branco, distante, distraído por suas próprias lutas, antes que estejam unidos e organizados em seu solo? (SARTRE, 1968, p. 94)²⁶.

Sim, conforme a epígrafe acima, retirada da obra *Reflexões sobre o racismo* (1960) do filósofo francês Jean-Paul Sartre, geralmente é lembrada como seu manifesto poético anti-racismo, dividida em dois ensaios: o primeiro intitulado “Reflexões sobre a questão judaica” e o segundo, de menor fôlego, segundo Renato Nogueira, denominado “Orfeu negro”. Sartre, no mínimo, comunica três implicações ontológicas (para o ser do negro):

- 1) perceber que um judeu branco, entre os brancos, pode disfarçar o racismo, o negro não;
- 2) (res)significar o racismo antinegro como caminho capaz de levar à abolição das diferenças raciais;
- 3) reconhecer que a luta contra o racismo antinegro não pode ser confundida com as lutas de classe explicadas pelas teorias marxistas;

Registramos também, três momentos de comprometimento do autor com a questão racial: em 1960, quando escreveu *Reflexões sobre o racismo*; em 1961, quando prefaciou a

²⁶ Extraído da obra: SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**: I Reflexões sobre a questão judaica, II Orfeu negro. Trad. J. Guinsburg, 5 ed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo: 1968, p. 94.

obra *Os condenados da terra*, do psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Omar Fanon²⁷, mas também desde 1946, quando publicou *A prostituta respeitosa*²⁸, em que a questão racial se torna tão latente.

Muito embora tenhamos certeza que, o racismo epistêmico confere invisibilidade para autores e autoras negras, e mesmo quando indivíduos conseguem furar esse bloqueio e ascender à academia, sua produção é rejeitada. Então, por que insistir?

Por acreditarmos que o combate ao racismo em todas as suas roupagens merecem ser desnudados, para além da dimensão comportamental, mas mental. E era esse o propósito do médico psiquiatra e filósofo Frantz Fanon que, muito embora tenha lutado junto aos soldados franceses, o tratamento recebido por estes, sempre foi de desconfiança, evidenciando o racismo de uma forma, no mínimo, diferente que serviu de base para escrever uma das obras mais importantes sobre o racismo, traduzido em português como *Pele Negra, Máscaras Brancas*²⁹. Envolvido na luta pela independência da Argélia, Fanon se engajou no pan-africanismo que lutava pela libertação da África, e percebeu similaridades no panorama da geopolítica internacional, a mesma que operava nas Américas. Suas relações de subordinação à Europa pelos processos de colonização e escravização traziam consequências psíquicas indeléveis para a humanidade, como a naturalização do ser violento e, embora Sartre tenha se solidarizado com a questão, prefaciando a obra *Os condenados da terra*, por tentar entender essa questão dentro da lógica existencialista, gravitou em círculo sem atingir o núcleo do problema, a saber: uma vez que não nascemos racistas, quando se origina o ódio racial no ser humano?

Outro texto de Sartre, intitulado *A prostituta respeitosa*, relata um caso real de segregação racial seguido de homicídio nos Estados Unidos na década de 40. Lizzie, a única personagem feminina, é uma prostituta branca que deixa Nova York para tentar a vida em uma cidade sulista. Na viagem de trem, testemunha o assassinato de um negro cometido por um branco, sobrinho do senador. A partir daí, a família deste vai fazer de tudo para comprar um falso testemunho. Escrita em 1946, baseada num fato real, a peça retrata a

²⁷ Ver prefácio em: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, p. 23-48.

²⁸ SARTRE, Jean-Paul. **A prostituta respeitosa**. Trad. Miroel Silveira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1961.

²⁹ A primeira edição em português foi de 1963 e, logo se tornou um clássico do pensamento da diáspora africana, sobre a descolonização, a psicológica, a filosofia, por analisar os efeitos do racismo para a sociedade.

angústia de Sartre pela falsa moral e ética americana da época. Lizzie sabia que foi um branco o autor do crime e tenta resistir a todos os subornos que lhe são oferecidos pela família do assassino. No entanto, rende-se a aparência, ao corporativismo branco, síntese de tudo aquilo que imperava na sociedade americana da época. Por fim, compactua com o assassino que escapa impune ao crime que cometera. Cabe registrar que, não encontrando o negro que procuravam, a elite branca acabou ateando fogo em outro negro, tão inocente quanto o primeiro. Não que postulasse um final feliz em nossa realidade, contudo, o fato da elite se vingar queimando um inocente só por ser negro, desperta a necessidade urgente de estudarmos a psique do não negro em vias de uma patologia adquirida que rapidamente se espalha enquanto vírus que se camufla no tecido social vivo. Ou a condição humana poderia inferir o contrário?

5.4 Capítulo 4

A FILOSOFIA E A CIÊNCIA EM AFRO-PERSPECTIVA

Segundo Renato Noguera, precisamos ampliar as possibilidades de leitura, reescrever a história da filosofia, incorporarmos uma epistemologia em afroperspectivista e descolonizar o pensamento. Contudo, adotando essas estratégias conseguiríamos superar o racismo?

A Afroperspectividade é uma resposta a “razão metonímica” que é dicotômica e hierarquizante, e que opera dentro de uma lógica filosófica dos opostos, e está presente na base de alguns argumentos filosóficos instrumentalizando o epistemicídio, ou seja, segundo Noguera³⁰ “desqualifica e recusa os saberes que não se enquadram em seus registros”. Ainda seguindo a orientação de Noguera, faz-se necessário investir em um pluralismo de perspectivas epistêmicas.

Na esteira dessas reflexões, cabe aqui uma crítica ao conceito de universal nas análises do filósofo sul-africano Mogobe Ramose, que investiga a base etimológica desse conceito e apresenta sua contradição, bem como uma solução lógica, o conceito de pluriversalidade que, desloca o paradigma, antes entendido pela ciência como um cosmos dotado de um centro. Pluriversalidade não se opõe a universalidade, pelo contrário, inclui todos os sistemas racionais sem hierarquias entre centro e periferia. Segundo o filósofo queniano Dismas Masolo, para lidarmos com essa diversidade cultural e suas perspectivas histórias precisamos estar abertos para aprendermos técnicas polirracionais capazes de lidar com o pluralismo intelectual e a diversidade de filosofias contrárias a filosofia africana.

Para Renato Noguera, considerando a divisão do continente africano em cinco regiões, a saber, África Setentrional, África Ocidental, África Oriental, África Central e África Meridional, podemos nomear uma sexta região, a Afrodiáspora, ou seja, “África fora do continente”. Afrodiáspora não é um conceito romântico e alusivo à dispersão ou às migrações forçada, além desse conceito incluir os processos de escravização, colonização,

³⁰ NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.

desmantelo das estruturas políticas no continente africano, ele ainda dá conta de explicar os agenciamentos entre elites europeias e africanas, contradições e tensões entre povos africanos, bem como, as articulações entre relações étnico-raciais e tendências eurocêntricas que atravessam a filosofia condenando naturalmente os africanos e seus descendentes a incapacidade de pensarem seu sistema-mundo a partir de parâmetros tanto endógenos quanto exógenos oriundos da tradição africana. Nesse sentido, a apreensão afrodiaspórica se apresenta como alternativa para o combate ao epistemicídio que desqualifica e inviabiliza as produções africanas.

Uma historiografia filosófica antirracista não goza do privilégio de excluir outras perspectivas explicativas de nossa realidade. Dito isto, apresentamos a filosofia em afroperspectiva que esta amparada em três referenciais teóricos, a saber:

- a) O quilombismo de Abdias do Nascimento³¹, que defende uma lógica intelectual, política e econômica pan-africana capaz de vencer a barreira da colonização mental imposta pelo capitalismo, o que não representa uma adesão ao comunismo marxista ou socialismo crítico. O quilombismo se apresenta como comunhão existencial e solidária adepta dos sete princípios da tradição banto, pautada na unidade, trabalho e responsabilidade coletiva, autodeterminação, economia cooperativa, propósito, criatividade e fé.
- b) A afrocentricidade de Molefi Assante³², que advoga pela lógica intelectual e geopolítica capaz de justificar e legitimar o próprio contexto cultural e histórico a partir de uma perspectiva africana. Essa teoria e método de análise recoloca a África no centro das reflexões após o deslocamento provocado pelo racismo epistêmico antinegro.
- c) O perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro³³, que apresenta uma lógica intelectual multinaturalista, ou seja, dentro de uma cosmovisão

³¹ NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. 2 ed. Brasília, Rio de Janeiro: Fundação Palmares\OR Editor Produtor Editora, 2002.

³² ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. **Ensaio Filosófico**, Volume XIV– Dezembro/2016. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/molefi_kete_asante_-_afrocentricidade_como_cr%C3%ADtica_do_paradigma_hegem%C3%B4nico_ocidental_introdu%C3%A7%C3%A3o_a_uma_ideia.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

³³ CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**. Disponível em: <<http://oquenofazpensar.fil.puc->

ameríndia só existe uma única cultura compartilhada por todos os seres humanos, a cultura humana. Diferente da cosmovisão ocidental que afirma existir diversas culturas, argumento utilizado para discriminar povos de culturas civilizadas e não-civilizadas. Contudo, Noguera aponta para necessidade de atentarmos para o conceito de perspectividade como capacidade ou potência humana para aceitar e ocupar outro ponto de vista tendo as práticas corporais como amalgama de um *habitus* e um *ethos*.

A filosofia afroperspectivista, segundo Noguera (2014), parte de um pressuposto geopolítico que amplia e orienta nossa lógica intelectual para vislumbrarmos outras possibilidades de leituras de nossa realidade que, na atualidade envolvem disputas acadêmicas nas quais seus membros estão comprometidos com suas agendas políticas e intelectuais que não permitem uma análise e revisão cautelosa da historiografia filosófica e de seus postulados para perceberem os textos filosóficos anteriores aos gregos, entendidos como quimeras ou suposições e essa atitude. Isso só demonstra nossa arrogância pretenciosa de considerarmos não relevante uma leitura e análise antirracista que poderia levar a luz alguns pontos cegos desse debate para além do relativismo do que se entende como verdade.

6. Exercício filosófico: formação docente em tempos de pós-verdade

Designamos aqui como Filosofia Africana, o ensino de filosofia dentro de uma perspectiva africana endógena ou, segundo o filósofo brasileiro Renato Nogueira³⁴, “afroperspectivada”.

Conforme o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel³⁵ o filósofo, historiador e educador congolês Théophile Obenga³⁶ o princípio dos grandes sistemas especulativos da humanidade, presentes no Antigo Egito, cujos conceitos de verdade, justiça e equilíbrio estão irmanados em um só termo: “Maat”, como nos orienta o professor e filósofo afro-americano Molefi Asante³⁷. Esse é um saber que sugerimos como prática na formação docente, uma alternativa para sairmos da encruzilhada da pós-verdade³⁸. Alinhada com as chamadas *fake news*, essa falência tende a propagar os “bons resultados” pautados no distanciamento, cada vez maior entre estudantes e professores através dos modelos educacionais, do tipo: *unschooling*, *homeschooling*, entre outros do gênero.

Diante dos avanços das tecnologias da informação e comunicação, urge investigarmos como essas informações são aceitas pela multidão, mesmo diante das evidências do avanço científico em nossas vidas por meio da pesquisa e da educação. Essas informações são noticiadas com discurso de desescolarização, desvacinação, dentre outros “des” que, são construídos dentro de uma lógica filosófica ocidental e norte americana, com base em uma epistemologia que defende a aquisição do conhecimento em casa, sem *bullying*, sem “ideologias”, sem “gênero”, sem “racismo”, mas que, por outro lado, é também sem sujeito da aprendizagem, sem práticas, sem professores e, na ausência do mais importante, as vivências sociais. Tudo isso remete-nos ao problema do relativismo da verdade e da negação do conhecimento do outro, que denominamos aqui de epistemicídio,

³⁴NOGUEIRA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.

³⁵GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016, 25-49. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/302983549_A_estrutura_do_conhecimento_nas_universidades_ocidentalizadas_Racismo_sexismo_epistemico_e_os_quatro_genocidios_epistemicidios_do_longo_seculo_XVI> Acesso em: 10 de julho de 2019.

³⁶OBENGA, Théophile. **Egito: história antiga da filosofia africana**. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat_egito_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

³⁷Ver último capítulo intitulado: “The living word of Maat” na obra: ASANTE, Molefi Kete. *The Egyptian Philosophers: ancient african voices from Imhotep to Akhenaten*. Chicago, Illinois: First Edition, 2000.

³⁸Com relação a esse termo, ver as obras dos jornalistas americanos: D’ANCONA, Matthew. *Pós-verdade*. Trad. Carlos Szlak, 1 ed. Barueri: Faro Editorial, 2018. MICHIKO, Kakutani. *A morte da verdade*. Trad. André Czarnobai e Marcela Duarte. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

conforme a orientação do professor português Boaventura de Sousa Santos³⁹, com o objetivo de difundir o conhecimento sobre a verdade dentro de uma perspectiva africana a partir do conceito de “Maat”, como estratégia para superarmos o epistemicídio e a pós-verdade, construindo narrativas que reconhecem os saberes e práticas dos povos africanos.

Foi nessa perspectiva investigativa sobre o conceito de verdade na tradição faraônica que surgiu a iniciativa de formatação e aplicação do curso de intervenção como resultado da pesquisa sobre a filosofia africana em Cheikh Anta Diop⁴⁰, por este apresentar narrativas filosóficas e científicas silenciadas na academia. A metodologia adotada foi a afroperspectivista, orientada por Renato Noguera, por partir de um pressuposto geopolítico que amplia e orienta nossa lógica filosófica para vislumbrarmos outras possibilidades de leituras de nossa realidade cuja verdade se torna obsoleta diante dos discursos pseudocientíficos.

O curso de 40 horas denominado “História da Filosofia em afroperspectiva: diálogos comparativos de uma antropologia filosófica africana”, realizado na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, entre os dias 11 de abril e 30 de agosto do ano em curso (2019), como atividade do Projeto Permanente “O homem o que ele é?”, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas - DFCH e à Pró-Reitoria de Extensão PROEX, desta instituição, teve como objetivo aproximar os estudantes do curso de filosofia dos temas e filósofos africanos.

Como resultado, percebemos que o epistemicídio é um complicador para a formação docente porque uma formação democrática não comporta a exclusão de saberes, por serem oriundos de povos diferentes ou por possuírem práticas sociais diferentes. A formação docente não pode permitir a continuidade da subordinação, marginalização, ou negação das práticas e saberes africanos.

A formação docente deve reconhecer o processo de civilização do outro e, o *modus operandi* do empreendimento colonial que se serviu da violência humana, tanto na prática quanto na teoria. A formação docente deve estranhar que todo o conhecimento do mundo seja gestado por apenas cinco países do ocidente. A formação docente deve abrir espaço para se suspeitar de que toda teoria, lei e axiomas construídos com base na realidade do

³⁹ Com relação ao conceito de “epistemicídio” ver: SANTOS, Boaventura de Sousa, Epistemologias do sul. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf Acesso em: 10/07/2019.

⁴⁰ Polímata senegalês Cheikh Anta Diop (1923-1986), o primeiro negro a conquistar o doutorado em egiptologia na Sorbonne, com a tese “Nações negras e cultura” (1960), advoga em defesa da capacidade dos intelectuais africanos de conduzirem suas investigações e comparações com os registros apresentados pela historiografia universalmente aceita que, nega a possibilidade de uma ciência e filosofia genuinamente negra.

colonizador possa dar respostas para realidade brasileira. Por fim, a formação docente deve contemplar em seus currículos demandas sugeridas pela Lei nº 10.639/2003 em todas às áreas do conhecimento humano, buscando sempre uma articulação com a África e a Diáspora Negra.

Quando discutimos o conceito de epistemicídio de Boaventura Santos com base no artigo das pesquisadoras Ariane da Silva e Camila Maria Santos de Pinho⁴¹, comparando com o mesmo conceito discutido na tese de doutorado da filósofa brasileira Sueli Carneiro⁴², percebemos que todos partem de uma fundamentação baseada nos dispositivos de racialidade/biopoder como operadores disciplinares de inferiorização intelectual do negro. Uma espécie de *modus operandi* que recusa e omite as narrativas africanas na história da humanidade, ofertando em seu lugar narrativas ou discursos enviesados sobre o percurso histórico, que os fixam numa posição animalizada e inferior dentro de uma concepção foucaultiana. Contudo, vale lembrar que em análise recente do filósofo camaronês Joseph-Achille Mbembe⁴³, o conceito de biopoder foucaultiano “é insuficientes para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte [...] nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de mortos-vivos” (MBEMBE, 2018, p. 71).

Esse exemplo de utilização do método afroperspectivista para o ensino de filosofia pode combater o epistemicídio, pois sua abordagem amplia as possibilidades de leitura e interpretação das narrativas e discursos construídos dentro de uma lógica filosófica ocidental, incorporando novas perspectivas para o ensino de filosofia na formação docente. Tendo em vista que a “razão metonímica” dicotômica e hierarquizante que opera dentro da lógica filosófica dos opostos está presente na base dos argumentos filosóficos, instrumentalizando o epistemicídio, segundo Nogueira (2014), esse pensamento desqualifica as práticas e recusa os saberes que não se enquadram nos cânones e registros acadêmicos, sendo necessário investir em um pluralismo de perspectivas epistêmicas capazes de enfrentar o etnocentrismo europeu reconhecido como universal, a exemplo da dúvida metódica, do relativismo, do desconstrutivismo, do indeterminismo. É possível até admitir

⁴¹SILVA, Ariane e PINHO, Camila. **Epistemicídio, racismo e educação**: considerações epistemológicas a partir de Boaventura de Sousa Santos. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/109089.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

⁴² CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. (Tese doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de São Paulo em 2005. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

⁴³MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini, 2 ed. São Paulo: n 1 Edições, 2018, p. 71.

uma possibilidade quântica para filosofia e para realidade, conforme nos aponta o físico e cosmologista italiano Carlo Rovelli em sua obra “A realidade não é o que parece: a estrutura elementar das coisas”⁴⁴, em que o autor questiona “de que é feita a realidade?”. Para responder a esta questão somos levados a acreditar no movimento inverso dos conceitos ou, teoria dos opostos. Acontece que, segundo o pensamento do filósofo ganês Kwasi Wiredu⁴⁵, quando pensamos na realidade na cultura akan, pensamos a verdade, pois a verdade esta ligada a moral, não a cognição ou linguística. Portanto, seu antônimo seria a falsidade que possui tanta verdade quanto, não a mentira como se pratica no ocidente e no Brasil.

Essa discussão nos leva ao conceito de “Maat” que, para o filósofo e egiptólogo burquinês Yoporeka Somet⁴⁶, “Maat” representa a moral suprema. Conceito tão importante e essencial no Egito Antigo que era atribuído ao nome próprio como “Maatkarê”, para atribuir a justiça e a ordem mundial, conforme relata o romance “Faraona de Tebas: Hatchepsut, filha do Sol” do historiador francês Francis Fèvre⁴⁷. Todavia, segundo Noguera (2014), “Maat” foi traduzido pela cultura ocidental erroneamente, atribuindo-o ao “Livro dos Mortos”, obra proibida e banida do Ocidente, embora, segundo o autor, Maat era a deusa na cultura do Kemet (Região entre a Núbia e o Egito) e não pode ser traduzida em uma só palavra. Segundo o autor da tradução do “O Livro dos Mortos do Antigo Egito” o professor egípcio Ramses Seleem⁴⁸ explica que a deusa Maat realmente está presente no “Livro dos Mortos” por representar a balança da justiça no julgamento final dos faraós e, sua importância se revela o Egito antigo até nossos dias. E ainda, segundo o filósofo camaronês Marcien Towa⁴⁹, “Maat” é valor fundamental aplicável às situações concretas, uma virtude, objeto de ensino.

Concluimos que, na esteira dessas reflexões, faz-se necessário uma análise e revisão cautelosa da historiografia filosófica e científica, bem como seus postulados, para uma leitura e análise antirracista que leve luz a alguns pontos cegos do debate sobre o papel da

44

Disponível

em:

<https://www.academia.edu/36546236/A_REALIDADE_N%C3%83O_%C3%89_O_QUE_PARECE_-_A_estrutura_Elementar_das_Coisas_-_Carlo_Rovelli>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

⁴⁵ Ver texto intitulado “El concepto de verdad en la lengua akan” na obra: EZE, Emmanuel Chukwudi. Pensamiento africano. Trad. Miguel Salazar. España: Edicions Bellaterra, 2002, p. 177-186.

⁴⁶ Ver capítulo terceiro da obra: SOMET, Yoporeka. L’Afrique dans la philosophie: introduction à la philosophie africaine pharaonique. France: Khepera, 2005.

⁴⁷ FÈVRE, Francis. Faraona de Tebas: Hatchepsut, filha do Sol. Trad. Gilda Stuart, São Paulo: Editora Mercuryo, 1991.

⁴⁸ SELEEM, Ramses. O Livro dos Mortos, Trad. Ligia Copobianco. 2 ed. São Paulo: Madras, 2005.

⁴⁹ TOWA, Marcien. A ideia de uma filosofia negro-africana. Trad. Roberto Jardim da Silva. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

verdade, da justiça e do amor⁵⁰, esse último, pode reverter essa sociedade “líquida”, embora pareça *demode*, o amor entre Osíris e Isis, renovam nossas esperanças para o futuro da humanidade, esperança que nunca esteve presa na caixa de Pandora, sempre livre no Egito.

⁵⁰ Ver obra: DEPELCHIN, Jacques.et. al. SKHMKHT EA: on love sublime a multilingual translation of an ancient African love. Trad. Simone de Jesus Santos. Senegal: Per Ankh Publishers the African cooperative, 2018.

7. Considerações Finais

Concluimos que, as contribuições de Cheikh Anta Diop são silenciadas, sobretudo, aquelas que abordam a historiografia da ciência e da filosofia africana. Em uma perspectiva africana de difusão do conhecimento, apresentamos sugestões de atividades, questões reflexivas e textos para leitura. O produto gerado foi um Manual Complementar de Filosofia Africana que tentou enfatizar aspectos relativos à ciência, e que foi elaborado a partir das pesquisas sobre a temática e desenvolvido no interior das atividades realizadas em sala de aula tanto no IFBA\ Eunápolis quanto na UESC\ Ilhéus. O projeto-intervenção envolveu os estudantes da disciplina de Filosofia do Curso Integrado em Meio Ambiente das turmas do primeiro ao quarto ano, nas quais fui professor, e esse manual complementar tem como público alvo os professores de filosofia do ensino médio\ técnico do 1º ao 4º ano.

O Manual Complementar produzido ainda não foi disponibilizado em sua versão física, contudo, após aprimorarmos, poderá ser disponibilizado virtualmente com acesso gratuito. Também podendo ser impresso e distribuídos nas escolas públicas para os professores de Filosofia do Ensino médio\ técnico. O produto final foi diagramado em quatro capítulos, um para cada ano letivo. Além de texto sobre reflexão livre e atual, tal como a questão da pós-verdade no Brasil contemporâneo. Trabalhamos com filósofos africanos como: Diop, Appiah e Mudimbe, entre outros, investigando métodos de construção do conhecimento, com ênfase na relação entre Filosofia e Ciência. A organização da escrita levou em conta as temporalidades históricas de elaboração do conhecimento com a apresentação cronológica dos conteúdos, experiências, problematizações, métodos utilizados e resultados alcançados. Portanto, as reflexões teórico-metodológicas foram produzidas em torno de sua elaboração.

8. Referências bibliográficas

ASANTE, Molefi Kete. **The Egyptian Philosophers**: ancient african voices from Imhotep to Akhenaten. Chicago, Illinois: First Edition, 2000.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Pietro Nassetti, 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Metafísica**. Trad. Edson Bini, 2ª ed. São Paulo: Edipro, 2012.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Trad. Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena, Casa das Áfricas, 2003.

_____. “A Tradição Viva”. In: **História Geral da África**, vol. I, Brasília: UNESCO, 2010.

BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita**: espaços de aprendizagem. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL/MEC. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BERNAL, Martin. **Atenea Negra**: las raíces afroasiáticas de la civilización clásica. Vol. I, Trad. Castellana Teófilo de Lozoya, Barcelona: Hurope, 1993.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. (Tese doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de São Paulo em 2005. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso em: 10\07\2019.

CARREIRA, José Nunes. **Filosofia antes dos gregos**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1994.

COTRIM, Gilberto e FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 1ª ed. vol. Único, São Paulo: Saraiva, 2010.

DIOP, Cheikh Anta. **The african origin of civilization**: myth or reality. Translated from the french by Mercer Cook. Chicago Review Press, 1974.

_____. **Civilización y barbarie**: una antropología sin condescendencia. Trad. Albert Roca Álvarez, Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

_____. Origem dos antigos egípcios. In: **História Geral da África**, A África antiga, vol. II, São Paulo/Paris: Ática/UNESCO, (org.) G. Mokhtar, 1983.

_____. **Panorama histórico da vida, do pensamento e da obra de Cheikh Anta Diop**. Trad. Humberto Luiz Lima de Oliveira. Recife: Editora UFPE, 2018.

DEPELCHIN, Jacques. et. al. **SKHMKHT EA**: on love sublime a multilingual translation of an ancient African love. Trad. Simone de Jesus Santos. Senegal: Per Ankh Publishers the African cooperative, 2018.

EZE. Emmanuel Chukwudi. (org.) **Pensamiento africano**: filosofia. Trad. Miguel Salazar. Barcelona: Edicions Bellaterra SL, 2002.

FANON. Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJR, 2005.

_____. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FÈVRE, Francis. **Faraona de Tebas**: Hatchepsut, filha do Sol. Trad. Gilda Stuart, São Paulo: Editora Mercuryo, 1991.

FINCH III, C. “Cheikh Anta Diop” Confirmado. In: NASCIMENTO, E. L. (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

FOGOU. Anatole. “Historie, conscience historique et devenir de l’Afrique: revisiter l’historiographie diopienne”. In: SALL, Babacar. **Histoire et conscience historique**: de la philosophie de l’histoire dans l’oeuvre de Cheikh Anta Diop In: Présence Africaine, 1989.

GOMES, Nilma Lino. “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>>. Acesso em: 19 de outubro de 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016, 25-49. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/302983549_A_estrutura_do_conhecimento_nas_universidades_ocidentalizadas_Racismosexismo_epistemico_e_os_quatro_genocidiosepistemicidios_do_longo_seculo_XVI>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

JAMES, George. **Stolen Legacy**: Greek Philosophi is stolen Egyptian Phylosophy. University of Arkansas, New York: by Philosophical Library, 1954.

MACHADO, Adilbênia Freire. “Filosofia africana e currículo: aproximações”. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio-out/2012, p. 4-27. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/14990/10742>>. Acesso em: 19 de outubro de 2019.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias; LORAS, Alexandra Baldeh. **Gênios da humanidade: ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “Del mito de la democracia racial a la descolonización del poder, del ser, y del conocer”. In: **Conferência Internacional A Reparação e a Descolonização do Conhecimento**. Salvador (Bahia): [UFBA]. Anais, 25-27 de maio de 2007. pp. 39-52.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do Ubuntu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2014.

MATA, Inocência. “Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêtricas”. **Civitas** Porto Alegre v. 14 n. 1 p. 27-42 jan.-abr. 2014. Disponível em: <http://www1.pucminas.br/imagetdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20161026130823.pdf>. Acesso em: 09 de junho de 2017.

MAZRUI, Ali A. et. al. **História Geral da África**, vol. VIII, Brasília: UNESCO, 2010.

MBEMBE, Achille. “As formas africanas de auto-inscrição”. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n1/a07v23n1.pdf>. Acesso em 09 de junho de 2017.

_____. **África insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial**. Ramada; Luan-da: Pedago; Mulemba, 2013.

_____. **Crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. **Necropolítica: biooder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini, 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. **O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e a escravidão**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. **Pichón: minha vida e a Revolução Cubana**. Trad. Rajão Tradutores. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

_____. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Ramada; Luanda: Pedago; Mulemba, 2013.

MULUNDWE, Banza Mwepu; TSHAHWA, Muhota. “Mito, mitologia e filosofia africana”. Tradução para uso didático de Kathya Barbosa Fernandes e Aurélio Oliveira Marques. **Revue des Cultures Africaines**. Vol. 4, Número especial, Out/ 2007, p. 17-24.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo.** 2ª ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Produtor Editor, 2002.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**, vol. 4, São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. “Outras vozes no ensino de filosofia”: o pensamento africano e afro-brasileiro. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação.** Número 18: maio-out/2012, p. 74-89. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/7049-22596-1-PB%20(3).pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2019.

NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as diversidades e os mitos femininos formaram a mulher atual.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

_____. **O ensino de filosofia e a lei 10.639.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

OBENGA, Théophile. **Egito: história antiga da filosofia africana.** Disponível em: <https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf>; Acesso em: 10 de julho de 2019.

_____. **O sentido da luta contra o africanismo eurocentrista.** Trad. Manuel Figueiredo Ferreira. Portugal: Edições Pedagogo LDA, 2013.

PAULA, Benjamin Xavier de; PERÓN, Cristina Mary Ribeiro. “A formação docente na perspectiva do combate ao racismo na escola: o projeto racismo e educação”. In: PAULA, Benjamin Xavier de; PERÓN, Cristina Mary Ribeiro (orgs.). **Educação, história e cultura da África e afro-brasileira: teorias e experiências.** Franca/SP: Ribeirão, Gráfica e Editora/Uberlândia/MG: PROEX/UFU, 2008.

PLATÃO. **A República.** 3ª ed. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

_____. **Fedro ou da beleza.** Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder.** 1ª ed. Buenos Aires, Clacso, 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140424014720/Cuestionesyhorizontes.pdf>>. Acesso em: 19 de outubro de 2019.

RAMOSE, M. B. “Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana”. **Ensaios Filosóficos, Volume IV** - outubro/2011. Disponível em: <http://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa, **Epistemologias do sul.** Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Trad. J. Guinsburg. 5ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

SELEEM, Ramses. **O Livro dos Mortos**, Trad. Ligia Copobianco. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2005.

SERTIMA, Ivan Van. **They came before Columbus**: The African presence in ancient America. USA: Random House Trade Paperback Edition, 1976.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. “Negros na Universidade e produção do conhecimento.” In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **Educação e ações afirmativas entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

SILVA, Ariane e PINHO, Camila. **Epistemicídio, racismo e educação**: considerações epistemológicas a partir de Boaventura de Sousa Santos. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/109089.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

SOMET, Yoporeka. **L’Afrique dans la philosophie**: introduction à la philosophie africaine pharaonique. Paris: Khepera, 2011.

TOWA. Marcien. **A ideia de uma filosofia negro-africana**. Trad. Roberto Jardim da Silva. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

TURNER, William. **History of Philosophy**. Boston: The Athenaeum Press, 1903.

VASCONCELOS, José Antonio. **Reflexões**: filosofia e cotidiano. vol. único, 1ª ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

ZELLER, Edward. **Greek Philosophy**. London: Longmans Green and Co., 1886.

9. Anexos

Anexo I

FILOSOFIA			
Curso: Técnico em Meio Ambiente	CH Teórica	CH Prática	CH Total
Serie/Forma: 1º Ano/Ensino Médio Integrado	30 h		30 h
Ementa: Desenvolver o senso crítico-filosófico e a ética no aluno, fazendo-o refletir sobre o seu papel como agente da sociedade, bem como sobre o mundo que o cerca. Fomentando, assim, o desenvolvimento da capacidade de contextualização e do estabelecimento de relações entre as diversas áreas do conhecimento, a vida prática e o pensamento crítico.			
Objetivos: - Desenvolver o senso crítico-filosófico do aluno em relação ao mundo em sua volta. - Incentivar a leitura filosófica e a compreensão de conceitos básicos referentes aos diversos temas abordados em sala de aula. - Compreender o desenvolvimento do pensamento filosófico e científico no decorrer da história ocidental e não ocidental. Desenvolver as potencialidades do pensamento crítico-filosófico em relação às questões atuais e urgentes da nossa sociedade: racismo, xenofobia, sexismo, diversidade cultural e direitos humanos.			
Bases Científico-Tecnológicas (Conteúdos): - A origem da filosofia e sua relação com a linguagem: o mundo prático e o mundo simbólico: - O pensamento grego e sua concepção de tempo, política e leis; - A relação entre Mito e Filosofia; Mito e cultura: grega, judaico-cristã, africanas, orientais. - Uma crítica à Filosofia ocidental: o antigo Egito e o pensamento filosófico. - O pensamento dos pré-socráticos: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito e Parmênides. - Filosofia e antiguidade: - O pensamento dos pré-socráticos: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito e Parmênides; - Os pensadores socráticos: Sócrates, Platão e Aristóteles - Trabalho e as necessidades humanas: - A cultura e a natureza humana; - A visão histórica e filosófica do trabalho; - O pensamento humanista renascentista e suas características gerais; - Ética, cultura e diversidade: - Respeito às diferenças: Cultura indígena e afro-brasileira; - Cidadania e direitos humanos: Estatuto da Igualdade racial e Cartilha contra o preconceito religioso.			
Bibliografia Básica: <i>Perceber o preconceito Religioso.</i> <i>Apreender por conteúdos contextualizados</i> <i>Valorizar o exatidão</i> <i>oralidade.</i> <i>Avaliando - valor</i> <i>link.</i> <i>Não cobrar mediamente?</i> <i>Porque?</i> <i>metodologias avaliativas.</i> <i>Prodotos</i> <i>Seminários</i> <i>GV/GO</i> <i>registros.</i>			

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- BORNHEIM, Gerd A. (Org.). **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- _____. **Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais**. 11 ed. São Paulo: Globo, 2003.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011a.

Bibliografia Complementar:

- ADICHIE, Chimamanda. **Os perigos de uma história única**, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>. Acesso em 12 jun. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.
- ELUNGU, P. E. A. **O Despertar Filosófico em África**. Tradução Narrativa Traçada. Ramada, Luanda, Angola: Mulemba; Portugal: Pedago, 2014. Coleção Reler África
- NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 2010. Disponível em <<http://africaeaficanidades.com.br/educacao11.html>>. Acesso em dez. 2014.
- _____. **Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas**. Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia, v.4, n.2, dez. 2011b.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. v. 3. 3ª. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

Anexo II

** Roteiro síntese dos livros - ler os clássicos. síntese.*

FILOSOFIA			
Curso: Técnico em Meio Ambiente	CH Teórica	CH Prática	CH Total
Serie/Forma: 2º Ano/Ensino Médio Integrado	60 h		60 h
Ementa: Desenvolver o senso crítico-filosófico e a ética no aluno, fazendo-o refletir sobre o seu papel como agente da sociedade, bem como sobre o mundo que o cerca. Fomentando, assim, o desenvolvimento da capacidade de contextualização e do estabelecimento de relações entre as diversas áreas do conhecimento, a vida prática e o pensamento crítico.			
Objetivos: • Desenvolver o senso crítico-filosófico do aluno em relação ao mundo em sua volta. • Incentivar a leitura filosófica e a compreensão de conceitos básicos referentes aos diversos temas abordados em sala de aula. • Compreender o desenvolvimento do pensamento filosófico e científico no decorrer da história ocidental e não ocidental. • Desenvolver as potencialidades do pensamento crítico-filosófico em relação às questões atuais e urgentes da nossa sociedade: racismo, xenofobia, sexismo, diversidade cultural e direitos humanos; • Fomentar a articulação entre filosofia e meio ambiente.			
Bases Científico-Tecnológicas (Conteúdos): 1. O homem e a busca do autoconhecimento; 1.2 Os tipos de saber: espontâneo (senso comum) e normativo (filosofia, ciência); 1.3 Racionalismo e Empirismo: Descartes, Lock e Hume. 1.4 Diferença entre a ciência antiga e a moderna: visões da epistemologia contemporânea; 1.5 Classificação das ciências: a matemática, as ciências da natureza, as ciências da vida, as ciências humanas. 2. O papel da ciência na atualidade: questões éticas. 2.1 A responsabilidade social do cientista; 2.2 Revolução verde: monocultivos e uso de agrotóxicos 2.3 A crise hídrica no Brasil. 2.4 Mineração e os impactos socioambientais 3. A política como categoria autônoma: formação do Estado nacional. 3.1 Soberania, jusnaturalismo e contrato social: Hobbes, Montesquieu e Rousseau 3.2 Liberalismo e Estado: A concepção marxista de Estado. 3.3 O patriarcado e as questões de gênero.			

4. Os limites da razão: práticas e pensamentos que marcaram os séculos XIX e XX.

4.1 O pensamento positivista;

4.2 A filosofia moderna e a recusa da diferença: Voltaire, Kant e Hegel, preconceito racial e colonialismo.

A negação do preconceito racial no Brasil e o mito da igualdade racial.

Bibliografia Básica:

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder. São Paulo: Best Bolso, 2014.
- HEGEL, G. W. **Filosofia da História**. Trad. Hans Harden e Maria Rodrigues. Brasília: UnB, 1999.
- KANT, Emmanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. Tradução Vinícius de Figueiredo. Campinas: São Paulo, Papirus, 1993.
- LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- LEFF, Henrique. **Epistemologia ambiental**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011a.
- OLIVEIRA, Pedro P. de. Macho Divinizado. In: _____. **A Construção Social da Masculinidade**. Minas Gerais: UFMG, 2014.

Bibliografia Complementar:

- ADICHIE, Chimamanda. **Os perigos de uma história única**, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>. Acesso em 12 jun. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo : Ática, 2005.
- ELUNGU, P. E. A. **O Despertar Filosófico em África**. Tradução Narrativa Traçada. Ramada, Luanda, Angola: Mulemba; Portugal: Pedago, 2014. Coleção Reler África
- NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 2010. Disponível em <<http://africaeaficanidades.com.br/edicao11.html>>. Acesso em dez. 2014.
- _____. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia, v.4, n.2, dez. 2011b.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da

cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- CARPA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: Um Conceito Antropológico. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. v. 4. 3ª. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- STRATHERN, Paul. **Hume, Locke, Descartes, Berkeley, Voltaire, Rousseau, Diderot, em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Anexo III

FILOSOFIA			
Curso: Técnico em Meio Ambiente Serie/Forma: 3º Ano/Ensino Médio Integrado	CH Teórica	CH Prática	CH Total
	60 h		60 h
Ementa: Desenvolver o senso crítico-filosófico e a ética no aluno, fazendo-o refletir sobre o seu papel como agente da sociedade, bem como sobre o mundo que o cerca. Fomentando, assim, o desenvolvimento da capacidade de contextualização e do estabelecimento de relações entre as diversas áreas do conhecimento, a vida prática e o pensamento crítico.			
Objetivos: • Desenvolver o senso crítico-filosófico do aluno em relação ao mundo em sua volta. • Incentivar a leitura filosófica e a compreensão de conceitos básicos referentes aos diversos temas abordados em sala de aula. • Compreender o desenvolvimento do pensamento filosófico e científico no decorrer da história ocidental e não ocidental. • Desenvolver as potencialidades do pensamento crítico-filosófico em relação às questões atuais e urgentes da nossa sociedade: dominação ideológica, totalitarismo, racismo, xenofobia e epistemicídio. Fomentar a articulação entre filosofia e arte; filosofia e crítica social.			
Bases Científico-Tecnológicas (Conteúdos): 1. O discurso ideológico e o discurso filosófico; o conceito marxista de alienação; 1.1 Alienação e Reificação: suas diferentes formas presentes na sociedade; 1.2 Alienação cultural, com ênfase nas culturas afro-brasileiras e indígenas; 2. Os desvios do poder: 2.1 Diferença entre totalitarismo e autoritarismo 2.2 As ditaduras na América Latina: Anistia, verdade e memória do passado; 2.3 Produção cultural na ditadura militar do Brasil. 3. Ideologia, epistemicídio, colonização e resistência na África: 3.1 Colonização e epistemicídio: África e América 3.2 Descolonização da mentes: Franz Fanon, Kwame Appiah, Jack Goody, Edward Said. 3.3 A filosofia de Sartre e sua crítica social. 4. Indústria Cultural: o engano e o controle das massas. Adorno e Horkheimer 4.1 Os limites e a possibilidade da arte: Walter Benjamin.			
Bibliografia Básica: • ADORNO, Theodor. A educação após Auschwitz. In: Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. P. 119-129. • APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.			

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I, II e III**. Editora Brasiliense.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. Col. Primeiros passos, 38ª edição, São Paulo: Editora brasiliense, 1994.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução José L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: **Lembrar. Escrever. Esquecer**. São Paulo: 34, 2006.
- GOODY, Jack. **O roubo da história**. Tradução Luiz Sérgio D. da Silva. São Paulo: Contexto, 2008.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

Filmes/documentários:

Zuzu Angel.

O dia que durou 21 anos.

Bibliografia Complementar:

- ADICHIE, Chimamanda. **Os perigos de uma história única**, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>. Acesso em 12 jun. 2014.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CARPA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo: Ática, 2005.
- DUARTE, Rodrigo. **Indústria Cultural**: uma introdução. São Paulo: FGV, 2010.
- ELUNGU, P. E. A. **O Despertar Filosófico em África**. Tradução Narrativa Traçada. Ramada, Luanda, Angola: Mulemba; Portugal: Pedago, 2014. Coleção Reler África.
- HEGEL, G. W. **Filosofia da História**. Trad. Hans Harden e Maria Rodrigues. Brasília: UnB, 1999.
- KANT, Emmanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. Tradução Vinícius de Figueiredo. Campinas: São Paulo, Papyrus, 1993.
- LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: Um Conceito Antropológico. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Coleção Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira 4).
- NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e educação**: os princípios gerais para um

currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 2010. Disponível em <<http://africaeaficanidades.com.br/edicao11.html>>. Acesso em dez. 2014.

- _____. **Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas**. Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia, v.4, n.2, dez. 2011b.
- _____. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011a.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 2004.
- STRATHERN, Paul. **Hume, Locke, Descartes, Berkeley, Voltaire, Rousseau, Diderot, em 90 minutos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997 REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. v. 4. 3ª.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

Anexo IV

FILOSOFIA			
Curso: Técnico em Meio Ambiente	CH Teórica	CH Prática	CH Total
Serie/Forma: 4º Ano/Ensino Médio Integrado	30 h		30 h
Ementa: Desenvolver o senso crítico-filosófico e a ética no aluno, fazendo-o refletir sobre o seu papel como agente da sociedade, bem como sobre o mundo que o cerca. Fomentando, assim, o desenvolvimento da capacidade de contextualização e do estabelecimento de relações entre as diversas áreas do conhecimento, a vida prática e o pensamento crítico.			
Objetivos: - Desenvolver o senso crítico-filosófico do aluno em relação ao mundo em sua volta. - Incentivar a leitura filosófica e a compreensão de conceitos básicos referentes aos diversos temas abordados em sala de aula. - Compreender o desenvolvimento do pensamento filosófico e científico no decorrer da história ocidental e não ocidental. - Desenvolver as potencialidades do pensamento crítico-filosófico em relação às questões atuais e urgentes da nossa sociedade: dominação ideológica, totalitarismo, racismo, xenofobia e epistemicídio. - Fomentar a articulação entre filosofia e arte; filosofia e crítica social.			
Bases Científico-Tecnológicas (Conteúdos): - Consumo: Hannah Arendt - Documentário: A História das Coisas - Os impactos do consumo ao Meio Ambiente. - Sigmund Freud e O mal estar na civilização. - Sociedade e opressão: - Violência contra a mulher. - Comunidade LGBT. - Extermínio da juventude negra. - Atuação do Estado na preservação da vida. - Comunidades tradicionais e negação de direitos. - Filosofia na contemporaneidade. - Nietzsche. - Zygmunt Bauman. - Jürgen Habermas. - Hans Jonas.			

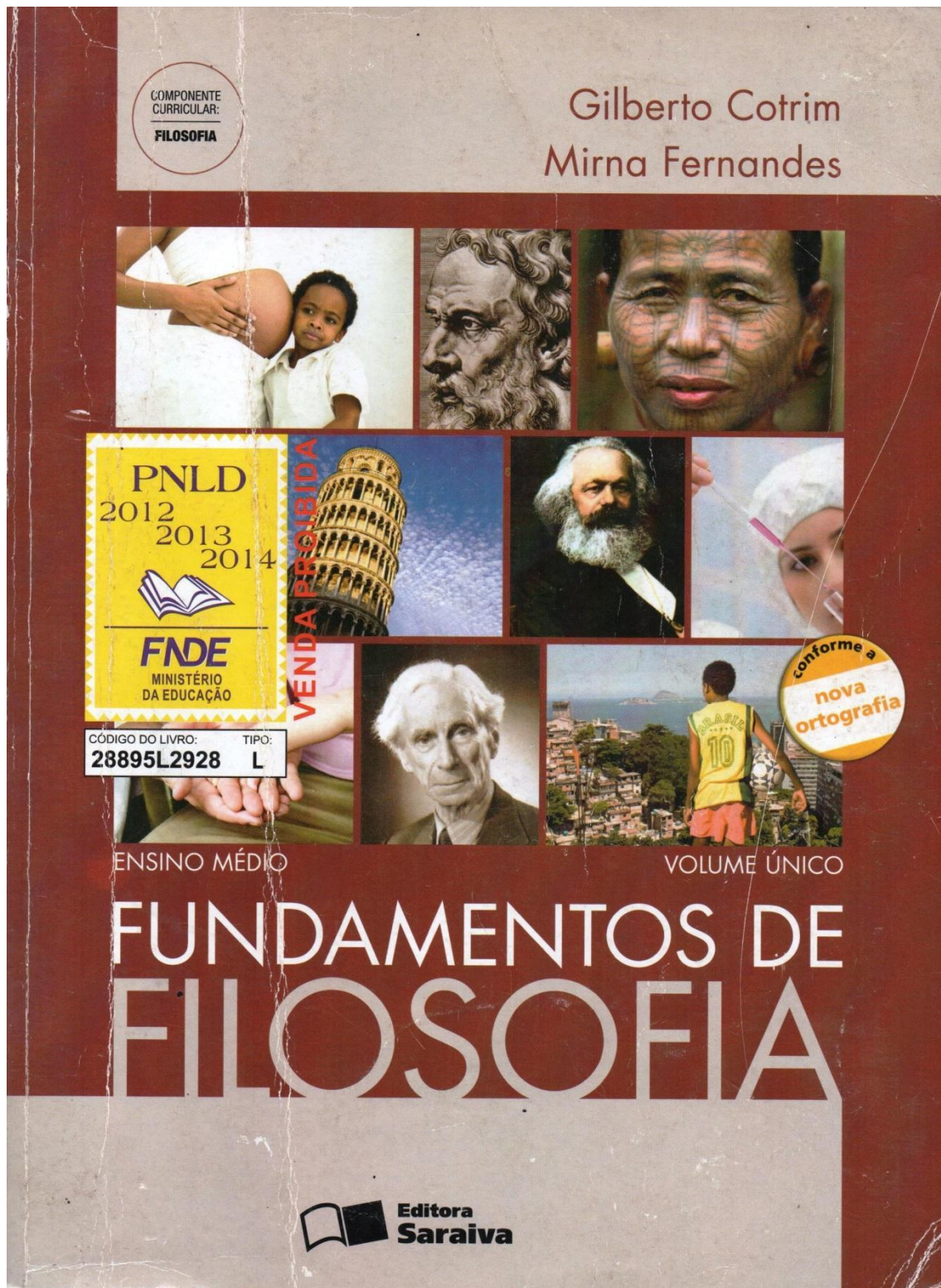
4.5 Guy Debord.

Bibliografia Básica:

1. ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.
2. ARENDT, Hannah. A Sociedade de Consumidores. In: **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
3. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
4. BRASIL. **Pensar o ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: MEC; UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>>. Acesso em 11 abr. 2016.
5. BRASIL. **Mapa da violência**. In: <http://www.mapadaviolencia.org.br/>. Acesso em 11 abr. 2016.
6. CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
7. CARPA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.
8. CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. Col. Primeiros passos, 38ª edição, São Paulo: Editora brasiliense, 1994.
9. FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; Penguin Classics, 2011.

Bibliografia Complementar:

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- Guattari, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: Um Conceito Antropológico. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011a.
- STRATHERN, Paul. **Hume, Locke, Descartes, Berkeley, Voltaire, Rousseau, Diderot, em 90 minutos**, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997 REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. v. 4. 3ª.ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- RACHELS, James; RACHELS, Stuart (Orgs.). **A coisa certa a fazer**: leituras básicas sobre filosofia moral. Trad. Delamar J. V. Dutra. 6. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2004.
- WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os clássicos da política I**: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "O federalista". 13. ed. São Paulo: Ática, 2000.



natureza, isto é, desenvolver a filosofia (o conhecimento de si e do mundo) e a consciência da vida em comunidade.

Apesar dessas diferentes acepções, podemos perceber em todas a existência de três ideias básicas, articuladas entre si: **desenvolvimento, formação e realização**. Essas ideias básicas estão também presentes no uso que damos à palavra cultura. Empregada por antropólogos, historiadores e sociólogos, cultura designa o conjunto dos modos de vida criados e transmitidos de uma geração a outra, entre os membros de uma sociedade. Abrange conhecimentos, crenças, artes, normas, costumes e muitos outros elementos desenvolvidos e consolidados pelas coletividades humanas.

A cultura pode ser considerada um amplo conjunto de conceitos, símbolos, valores e atitudes que modelam e caracterizam uma sociedade. Envolve o que pensamos, fazemos e temos como membros de um grupo social. Nesse sentido, todas as sociedades humanas, da pré-história aos dias atuais, possuem uma cultura. E cada cultura tem seus próprios valores, suas próprias “verdades”.



O que estaria pensando esse grupo de africanos de etnia massai diante desse inusitado equipamento da assim dita “civilização”?

Assim, podemos falar em cultura ocidental ou oriental (própria de um conjunto de povos com determinadas características comuns), cultura chinesa ou brasileira (própria de uma nação ou civilização), cultura tupi ou africana (própria de um grupo étnico), cultura cristã ou muçulmana (própria de um grupo religioso), cultura familiar ou empresarial (própria do conjunto de pessoas que constituem uma instituição) etc.

Em uma abordagem mais filosófica, cultura é, enfim, a resposta oferecida pelos grupos humanos ao desafio da existência. Essa resposta manifesta-se em termos de conhecimento (*logos*), paixão (*pathos*) e comportamento (*ethos*) – isto é, em termos de razão, sentimento e ação.

Características gerais

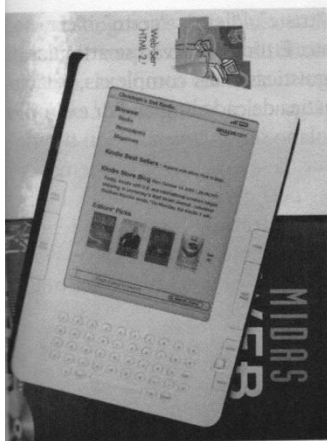
O arqueólogo norte-americano Robert Braidwood procurou indicar os principais elementos que caracterizam a cultura:

A cultura é duradoura embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. No entanto, a cultura também se modifica conforme mudam as normas e entendimentos.

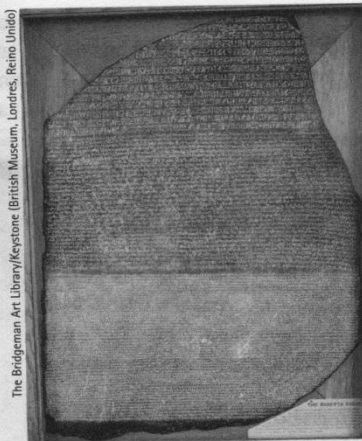
Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possuem. Mas as pessoas não nascem com ela; adquirem-na à medida que crescem. Suponha que um bebê húngaro recém-nascido seja adotado por uma família residente nos Estados Unidos, e que nunca digam a essa criança que ela é húngara. Ela crescerá tão alheia à cultura húngara quanto qualquer outro americano. Assim, quando falo da antiga cultura egípcia, refiro-me a todo o conjunto de entendimentos, crenças e conhecimentos pertencentes aos antigos egípcios. Significa, por exemplo, tanto suas crenças sobre o que faz o trigo crescer, quanto sua habilidade para fazer os implementos necessários à colheita. Ou seja, suas crenças a respeito da vida e da morte. Quando falo de cultura, estou pensando em algo que perdurou através do tempo. Se qualquer egípcio morresse, mesmo que fosse o faraó, isso não afetaria a cultura egípcia daquele momento determinado. (*Homenagens à pré-história*, p. 41-42).

Vários estudiosos concordam com os elementos apontados por Braidwood, caracterizando a cultura como:

- adquirida pela aprendizagem, e não herdada pelos instintos;
- transmitida de geração a geração, por meio da linguagem, nas diferentes sociedades;
- criação exclusiva dos seres humanos, incluindo produção material e não material;
- múltipla e variável, no tempo e no espaço, e específica para sociedade.



Leitor de livros eletrônicos (e-books).



The Bridgeman Art Library/Keystone (British Museum, Londres, Reino Unido)

Pedra de Roseta, bloco de granito com inscrições de um mesmo texto escrito em hieróglifos, egípcio demótico (popular, cotidiano) e grego clássico.

CONEXÕES

1. Observe atentamente essas duas imagens e reflita sobre as novas formas do texto escrito e do livro. Tente colocar-se no lugar de seus usuários. Depois, elabore considerações sobre as semelhanças e diferenças entre essas duas mídias (suportes de linguagem e comunicação), bem como sobre as vantagens e desvantagens que cada uma apresenta para seus usuários.

Seres linguísticos

Esse breve retrospecto histórico nos leva a fazer agora a seguinte pergunta: “Por que a linguagem e suas transformações causam tanto impacto nas sociedades humanas?”.

Nossa explicação é a de que somos **seres fundamentalmente linguísticos**, como afirmam diversos estudiosos (conforme vimos nos capítulos 3 e 6). De acordo com essa linha interpretativa, é por meio da linguagem que construímos boa parte do que somos e do mundo à nossa volta. Vejamos isso com mais detalhe.

Podemos dizer, de maneira geral e bem simplificada, que quase tudo o que experimentamos, desde a infância, do mundo exterior e do contato com as outras pessoas é captado por nossos canais sensoriais, traduzido em termos linguísticos e armazenado em nossa mente, formando uma parte do **repertório cognitivo** de que dispomos. A outra parte desse repertório resulta de processos internos, como a percepção de nosso corpo e de nossas emoções, bem como das relações que estabelecemos entre os

conteúdos linguísticos externos e internos, ou apenas internos.

Nesse processo, a linguagem constitui um instrumento natural poderoso que **filtra e confere sentido** a nossas experiências.

Toda forma de conferir sentido, toda forma de compreensão ou de entendimento pertence ao domínio da linguagem. Não há lugar fora da linguagem a partir do qual possamos observar nossa existência. É precisamente por meio do mecanismo de “reconstrução linguística” [...] que conseguimos ter acesso a fenômenos não linguísticos [das dimensões corporal e emocional]. (ECHEVERRÍA, *Ontología del lenguaje*, p. 33; tradução dos autores).

Assim, é por intermédio da linguagem que:

- identificamos, classificamos e entendemos nossas inumeráveis experiências do dia a dia – quando penso, por exemplo, “Este é um lince, aquela é uma onça”, “Tenho frio (mas faz calor!)”, “Sinto-me oprimido”, “Que gostoso!”;
- expressamos essas experiências às outras pessoas – quando digo para alguém, por exemplo, “O lince me fascina mais que a onça”, “Acho que estou com febre”, “Ele é um ditador”, “Chocolate é uma delícia”;
- reconhecemos as experiências alheias – quando digo ou penso, por exemplo, “Ele não consegue discernir entre um lince e uma onça”, “Ela parece doente”, “Lamento que você tenha sido injustiçada”, “Chocolate lhe dá alergia”;
- estabelecemos vínculos e acordos sociais – quando, por exemplo, assino um contrato ou acordo ou digo “Sim”, “Aceito”, “Concordo”, “Prometo”;

são absolutos, não valem de forma universal para todos os indivíduos e para todos os tempos. A liberdade, por exemplo, embora seja um valor universal, teve conteúdos diferenciados ao longo da história.

Com base no conceito de liberdade, Marx mostra como os valores morais, que são concebidos em meio a determinada forma de existência social, também **refletem essa existência**. A liberdade, de acordo com a Declaração dos Direitos do Homem, do final do século XVIII, é o poder que o indivíduo tem de fazer tudo o que não prejudique os direitos dos outros. Na análise do filósofo, esse sentido de liberdade, forjado pela modernidade, reflete a existência de indivíduos isolados, competitivos, ou seja, formados por uma sociabilidade que estimula a competitividade e a concorrência como valores.

Assim, a moral seria, para Marx, uma das formas assumidas pela **ideologia** dominante em sociedade, pois difunde determinados valores que são necessários à manutenção dessa sociedade. É a **fundamentação ideológica** da moral.

Ética discursiva

Outra busca de respostas e fundamentação para uma ética contemporânea desenvolveu-se no campo da análise da linguagem.

O filósofo alemão Jürgen Habermas (1929-) é um dos maiores representantes dessa corrente, com

sua **ética discursiva**, ou seja, fundada no **consenso** entre os sujeitos. O que se busca nesse diálogo é a razão que, tendo sido aceita pelos participantes do diálogo, sirva como fundamentação última para a ação moral.

Como vimos anteriormente (no capítulo sobre o conceito de **razão** em Habermas não é o mesmo do Iluminismo. Trata-se de uma **razão comunicativa** que não existe pronta nem acabada, mas se constrói a partir de uma argumentação que busca um entendimento entre os indivíduos. É uma **razão interpessoal** e não subjetiva; é uma **razão racional** e não definitiva e acabada.

Para que essa argumentação leve a um entendimento real entre os indivíduos é necessário que o diálogo seja um **diálogo livre**, sem constrangimentos de qualquer ordem, e que o consenso seja dado a partir de argumentos válidos e consistentes.

A ética discursiva de Habermas é, portanto, uma aposta na linguagem e na capacidade de entendimento entre as pessoas na busca de uma **ética democrática e não autoritária**, baseada em argumentos válidos e consensualmente aceitos.

A grande questão que permanece em relação a essa proposta ética é quanto às condições de realização de um diálogo livre e igualitário na sociedade hoje, marcada pela desigualdade e pelo autoritarismo.



Crianças refugiadas no Chade, África (2009).

Em termos de uma ética prática, segundo o filósofo australiano contemporâneo Peter Singer, "Devemos considerar as consequências tanto do que fazemos como do que decidimos não fazer. [...] o sofrimento dessas crianças, ou de seus pais, é tão terrível como nossa própria dor em situação semelhante; portanto não podemos fugir à responsabilidade por esse sofrimento pelo fato de que não tenhamos sido seus causadores. Onde tantos passam tanta necessidade, viver indulgentemente na luxúria não é moralmente neutro, e não basta que não tenhamos matado ninguém para que nos tornemos cidadãos decentes do mundo." (*Writings on ethical life*, p. xvi).

Por isso, em Hegel, a beleza artística não diz respeito apenas à sensação de prazer que determinada obra possa proporcionar, mas à capacidade que ela tem de sintetizar um dado conteúdo cultural de um determinado momento histórico.

Em outras palavras, a arte não é apenas fruição: tem como função mostrar, de modo sensível, a **evolução espiritual** dos seres humanos ao longo da história. Se uma obra consegue isso, ela é bela, de acordo com Hegel. Mesmo a representação de algo feio pode ser bela, e o será quanto mais conseguir comunicar às

pessoas o sentido de mostrar “aquele feio”.

Essa concepção hegeliana implica também a ideia de que a percepção da beleza é uma construção social que depende do alargamento da **capacidade de recepção** do indivíduo, ou seja, de sua capacidade de ver, ouvir, sentir. Em outras palavras, a **capacidade estética**, que é subjetiva, seria formada a partir das relações objetivas da vivência social de cada um. Portanto, para Hegel, tanto a definição do que é beleza quanto a capacidade individual de percebê-la são **construções histórico-sociais**.

Análise e entendimento

1. O que diferencia fundamentalmente o conhecimento que a estética pretende atingir do conhecimento lógico-matemático?
2. “Gosto não se discute.” O que você acha que opinariam sobre essa máxima uma pessoa que sustenta uma posição idealista e outra

que defende uma concepção empirista a respeito da beleza? Estariam de acordo com a frase? Por quê?

3. Analisando o relativo consenso entre as pessoas acerca de quais são as coisas ou pessoas belas, Kant e Hegel chegaram a conclusões distintas. Discorra sobre elas.

Conversa filosófica

1. O bom e o belo

Muitos pensadores procuraram associar o belo ao bom, entrelaçando os campos da estética e da ética. Será o sentimento do belo sempre bom? E a percepção do bem, será sempre bela? Como é para você? Procure recordar momentos que exemplifiquem essas condições e imaginar situações futuras. Depois, escreva uma reflexão sobre suas percepções e conclusões e comente-a com colegas.

ARTE

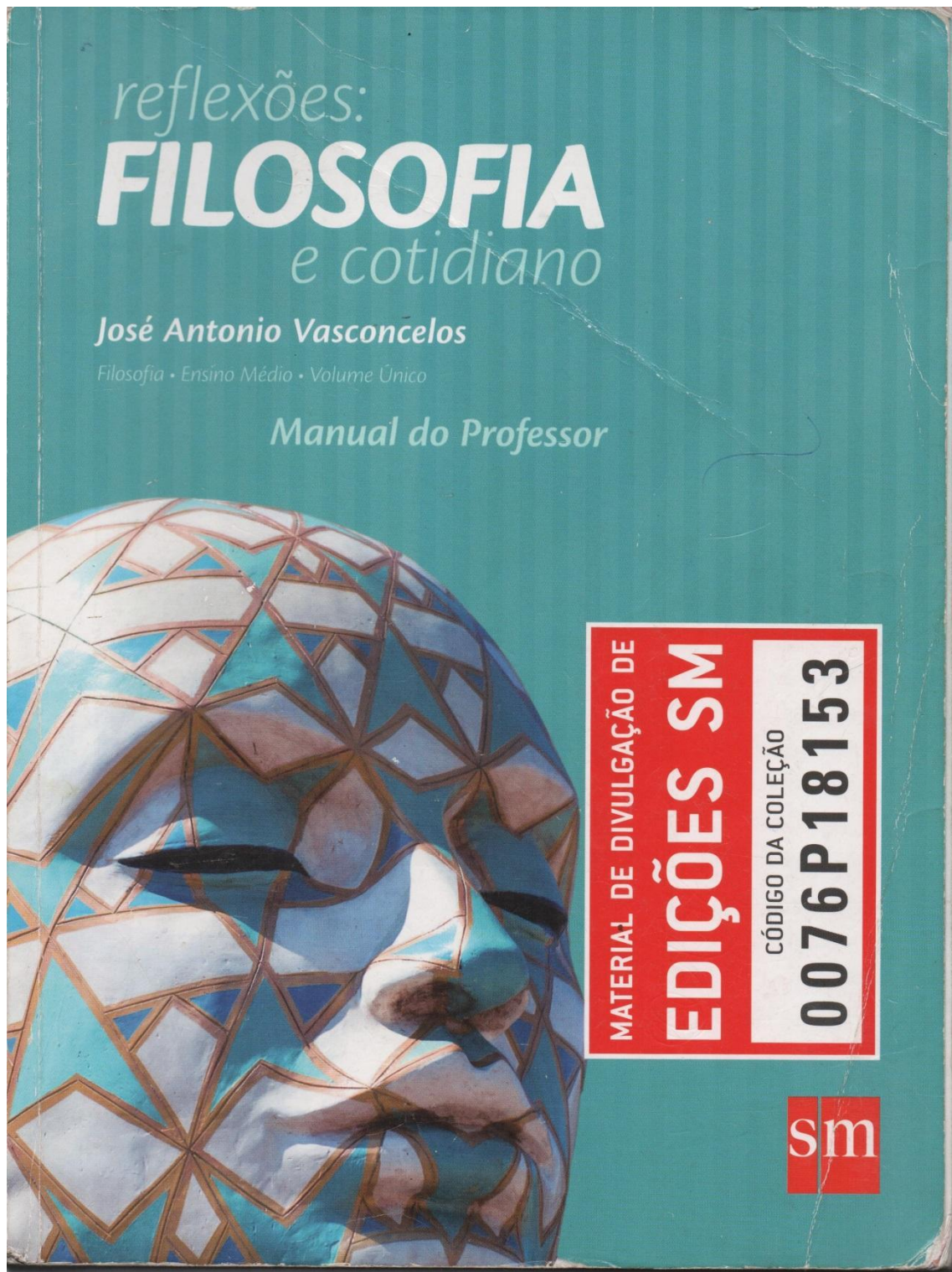
A expressão criativa da sensibilidade

Desde os tempos pré-históricos, o ser humano constrói no mundo suas próprias coisas, demonstrando maior ou menor habilidade para isso. Ao conjunto de coisas que se distinguem por revelar talento, perícia, habilidade e beleza costumamos associar o nome **arte**.

Em algum momento de nossas vidas, já sentimos o efeito agradável de alguma obra de arte: uma música, um romance, uma pintura, uma dança, um poema. Mas não é fácil explicar, exatamente, o que nos encanta ou entender os motivos pelos quais milhões de seres humanos, ao longo da história, são atraídos pela arte.



Colar de ouro usado pelo faraó Tutankamon, em que as 250 peças que compõem as asas apresentam incrustações de vidro colorido, exemplo de habilidade e beleza.



Anexo XI



ATA DE DEFESA EM SEMINÁRIO PROCESSUAL DE QUALIFICAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Aos 20 dias do mês de abril de 2018, das 14 às 18 horas, nas dependências do Auditório do Campus Jorge Amado, da Universidade Federal do Sul da Bahia, ocorreu o Seminário Processual de Qualificação de Mestrado Profissional, com a banca formada pelo Professor Rafael Siqueira de Guimarães (membro interno) e pela Professora Andrea Liliana Ortiz González (Universidad Sérgio Arboleda/Colômbia, membra externa). As/Os estudantes ADEMAR OLIVEIRA CIRNE FILHO, AILTON MARIO NASCIMENTO, ANTONIO CARLOS DOS SANTOS GONÇALVES, CARLA FERNANDA SANTOS LIMA, DAYSE BATISTA SANTOS, DIEGO MARADONA DA HORA MENDES, FATIMA SANTANA SANTOS, FLAVIO BARRETO DE MATOS, FRANCISCO CRUZ DO NASCIMENTO, ISABELLA DOS SANTOS SILVA, JULIANA SANTOS BARROS, KATU TUPINAMBA, LUCIA HELENA GOMES RAMOS, MARIA DOMINGAS MATEUS DE JESUS, MARIANNE GOIS BARBOSA, MITHER AMORIM MENDONÇA DE AZIZ LIMA, POLLINE ALMEIDA DE OLIVEIRA, RAIMUNDO NUNES DE OLIVEIRA e RONARA CHAGAS SANTOS MENDES apresentaram seus projetos em andamento, foram realizados comentários, discussões e questionamentos e em seguida a Banca decidiu pela APROVAÇÃO neste Seminário de todos os projetos, tendo realizado sugestões a serem discutidas com as/os orientadoras/es.

Sem mais nada havendo a tratar, Banca assina esta Ata.

Itabuna, 20 de abril de 2018.

Rafael Siqueira de Guimarães

Andrea Liliana Ortiz González

Anexo XII



ATA DE DEFESA EM SEMINÁRIO PROCESSUAL DE QUALIFICAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Aos 27 dias do mês de abril de 2018, das 8 às 12 horas, nas dependências do Auditório do Campus Jorge Amado, da Universidade Federal do Sul da Bahia, ocorreu o Seminário Processual de Qualificação de Mestrado Profissional, com a banca formada pelo Professor Rafael Siqueira de Guimarães (membro interno) e pela Professora Maya Victória Aguiluz-Ibarguen (UNAM/México). As/Os estudantes ADEMAR OLIVEIRA CIRNE FILHO, ANTONIO CARLOS DOS SANTOS GONÇALVES, CARLA FERNANDA SANTOS LIMA, DAYSE BATISTA SANTOS, DIEGO MARADONA DA HORA MENDES, FATIMA SANTANA SANTOS, FLAVIO BARRETO DE MATOS, FRANCISCO CRUZ DO NASCIMENTO, ISABELLA DOS SANTOS SILVA, JULIANA SANTOS BARROS, KATU TUPINAMBA, LUCIA HELENA GOMES RAMOS, MARIA DOMINGAS MATEUS DE JESUS, MARIANNE GOIS BARBOSA, MITHER AMORIM MENDONÇA DE AZIZ LIMA, POLLINE ALMEIDA DE OLIVEIRA, RAIMUNDO NUNES DE OLIVEIRA e RONARA CHAGAS SANTOS MENDES apresentaram seus projetos em andamento, foram realizados comentários, discussões e questionamentos e em seguida a Banca decidiu pela APROVAÇÃO neste Seminário de todos os projetos, tendo realizado sugestões a serem discutidas com as/os orientadoras/es.

O estudante AILTON MARIO NASCIMENTO não compareceu ao referido seminário, não sendo possível a avaliação do seu projeto.

Sem mais nada havendo a tratar, Banca assina esta Ata.

Itabuna, 27 de abril de 2018.

Rafael Siqueira de Guimarães

Maya Victória Aguiluz-Ibarguen

Anexo XIII



UFSCB
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO SUL DA BAHIA

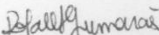
**Campus Jorge Amado
Itabuna, BA**

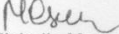
ATA DE SEMINÁRIO PROCESSUAL DE QUALIFICAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

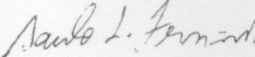
Aos 08 dias do mês de novembro de 2018, das 19 às 23 horas, nas dependências do Auditório do Campus Jorge Amado, da Universidade Federal do Sul da Bahia, ocorreu o Seminário Processual de Qualificação de Mestrado Profissional, com a participação de Saulo Luders Fernandes (UFAL), Michelle Mansur (Interlocuções/UESC) e Flávia Alessandra de Souza (UESC), com o tema "Os desafios da interseccionalidade para a formação docente". As/Os estudantes listadas/os em anexo participaram das discussões, foram realizados comentários, discussões e questionamentos, tendo realizado sugestões a serem discutidas com as/os orientadoras/es.

Sem mais nada havendo a tratar, Banca assina esta Ata.

Itabuna, 08 de novembro de 2018.


Rafael Siqueira de Guimarães


Michelle Mansur


Saulo Luders Fernandes


Flavia Alessandra de Souza



(RE) EXISTÊNCIA INTELECTUAL NEGRA E ANCESTRAL

18 ANOS DE ENFRENTAMENTO

12 A 17 OUTUBRO 2018 / UBERLÂNDIA - MG

CERTIFICADO

Certificamos que **Antonio Carlos dos Santos Gonçalves**, apresentou a comunicação de pesquisa/relato de experiência na Sessão Temática intitulada "**Sessão Temática 14. Filosofias Africanas e Afro-Diaspóricas**", com o trabalho **A filosofia única e o ensino das relações étnico-raciais**, no X Congresso Brasileiro de Pesquisador@s Negr@s, realizado na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Campus Santa Mônica, de 12 a 17 de outubro de 2018.



Professora Doutora **Luciane Ribeiro Dias Gonçalves**
Presidente do comitê organizador do X COPENE



Professor Doutor **Benjamim Xavier de Paula**
Presidente do comitê organizador do X COPENE

Uberlândia, 17 de outubro de 2018.

Realização




Apoio









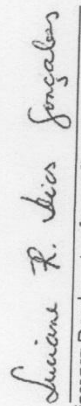

(RE) EXISTÊNCIA INTELECTUAL NEGRA E ANCESTRAL

18 ANOS DE ENFRENTAMENTO

12 A 17 OUTUBRO 2018 / UBERLÂNDIA - MG

CERTIFICADO

Certificamos que **Antonio Carlos dos Santos Gonçalves**, participou do minicurso intitulado **"Minicurso 36: FILOSOFIA AFRICANA: correntes, perspectivas para descolonização e potencialização do viver desde o feminino."**, com o total de 6 horas de atividades no X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre os dias 12 à 17 de outubro de 2018 na Universidade Federal de Uberlândia.



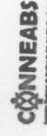
Professora Doutora Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
Presidente do comitê organizador do X COPENE



Professor Doutor Benjamim Xavier de Paula
Presidente do comitê organizador do X COPENE

Uberlândia, 17 de outubro de 2018.

Realização

Apoio








Anexo XVI



**FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA:
Desconstruindo o racismo
JESUS, Rodrigo Marcos de, *et al.*
(Orgs.). Cuiabá: EdUFMT, 2018, 102 p.**

**PHILOSOPHY AND BLACK
CONSCIOUSNESS: Deconstructing
racism**

Antonio Carlos dos Santos Gonçalves
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
tonuesc@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4320>

Um judeu, branco entre os brancos, pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre os homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: êle é preto. Está pois encurralado na autenticidade: insultado, avassalado, reergue-se, apanha a palavra 'preto' que lhes atiram qual uma pedra; reivindica-se como negro, perante o branco, na altivez [...] êste racismo anti-racista é o único caminho capaz de levar à abolição das diferenças de raça. E como poderia ser de outra maneira? Podem os negros contar com a ajuda do proletariado branco, distante, distraído por suas próprias lutas, antes que estejam unidos e organizados em seu solo?¹

O filósofo francês contemporâneo Jean-Paul Sartre defendeu o existencialismo ateu frente

¹ Extraído da obra: SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*: I Reflexões sobre a questão judaica, II Orfeu negro. Trad. J. Guinsburg, 5 ed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo: 1968, p. 94.

ao marxismo e buscou entender como o pensamento francês de liberdade, igualdade e fraternidade que, desde 1789 se constituía no maior lema de seu país, exemplo para outras nações, ao mesmo tempo ocultava práticas impiedosas, truculentas, desiguais e racistas em suas colônias por séculos. Essa questão despertou seu interesse em refletir sobre o racismo antissemita e antinegro desde 1961, quando prefaciou a obra *Os condenados da terra* do psiquiatra, filósofo e ensaísta martinicano Frantz Omar Fanon².

Dessa forma, Sartre tornou-se o único filósofo ocidental a inserir o racismo entre as questões “universais”, não fosse isso, não haveria possibilidade de validar este tema dentro da tradição filosófica clássica. A epígrafe acima, retirada da obra *Reflexões sobre o racismo* (1968) de Sartre, no mínimo³ comunica três implicações ontológicas (para o ser do negro) e antológicas do racismo: 1) perceber que um judeu branco, entre os brancos, pode disfarçar o racismo, o negro não; 2) (re)significar o racismo antinegro como caminho capaz de levar à abolição das diferenças raciais; e 3) reconhecer que a luta contra o racismo antinegro não pode ser confundida com as lutas de classe explicadas pelas teorias marxistas⁴.

As reflexões que precisamos fazer concentram-se em torno da aquisição da consciência negra, consciência esta que adquirimos coletivamente, nesse sentido, críticas individuais caem por terra ao tempo que brindamos a obra *Filosofia e consciência negra: desconstruindo o racismo*⁵. Esse trabalho tem o mérito de trazer à tona, mais uma vez, o racismo como tema central das reflexões filosóficas, o que desafia os “velhos” manuais didáticos e inova ao destacar o racismo antinegro como eixo mediador dessas reflexões, além de ressaltar suas implicações para uma questão tão presente, em especial, na sociedade brasileira contemporânea.

A obra integra a Coleção Saberes e Práticas 1 da EdUFMT, resultado da experiência de bolsistas PIBID, Estudantes da Licenciatura em Filosofia da UFMT do campus de Cuiabá, em atuação nas escolas estaduais sob a coordenação de professores com formação filosófica oriunda de instituições de tradição confessional. O conjunto da obra se configura como um convite à reflexão e à discussão sobre um dos principais problemas do mundo contemporâneo: o racismo.

² Ver prefácio em: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, 23-48 pp.

³ Segundo crítica de Renato Nogueira (2014), Sartre teria dedicado apenas 36 páginas para a questão racial, contrastando com as 83 laudas dedicadas às questões judaicas. Ver em: NOGUERA, Renato. *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas. Biblioteca Nacional, 2014.

⁴ De acordo com Carlos Moore (2010), Marx teria um viés racista pois, além de se nutrir do pensamento kantiano e hegeliano, operava por meio da epistemicida lógica eurocêntrica. A esse respeito ver: MOORE, Carlos. *O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.

⁵ Disponível em: www.editora.ufmt.br/index.php?route=product/product&product_id=671 Acesso em: 20/09/2018.

Nessa trajetória, os autores buscaram identificar as origens do racismo, investigaram sua estrutura e pontuaram seus defensores e opositores dentro de uma abordagem histórico-filosófica com linguagem acessível e prazerosa, pensada para estudantes da educação básica. Ainda conta com um caderno intitulado “Manual do Professor”, que amplia e aprofunda essas reflexões com suporte de textos de filósofos africanos contemporâneos e latino-americanos. Trata-se de um manual voltado ao trabalho docente que objetiva qualificar o discurso dos professores da educação básica em sala de aula e problematizar a temática para os estudantes, com destaque para a abordagem do racismo como tema central diante da tradição filosófica ocidental, bem como diante dos manuais didáticos atuais de Filosofia⁶.

Organizada para ser trabalhada em apenas um bimestre escolar, a obra foi estruturada em dois cadernos que, posteriormente, se transformaram em dois capítulos e um manual do professor constituído por: sugestões de atividades; indicações de autores, livros, periódicos e áudios visuais (documentários e filmes); tabelas; charges; caixas de textos com fotos; comentários de obras; biografia de autores; verbetes; *links* e *sites* que facilitam o estudo dos estudantes e a pesquisa dos professores, bem como inclui um apanhado de leis referentes à imigração, racismo, cotas e educação.

A obra de abordagem histórico-filosófica adota a diacronia sem excluir a sincronia, ultrapassa a sucessão de fatos e forja outra visão/realidade no mesmo tempo/espço, outra história não contada pelos cânones ocidentais. Ela se constitui em uma sofisticada narrativa poética que problematiza o pensamento filosófico-científico entre os séculos XIX e XX. Destaca-se a trajetória da apropriação, no Brasil, das teorias do racismo científico até a consolidação do mito da democracia racial. A obra ainda investiga o conceito de racismo enquanto problema filosófico e problematiza os discursos de médicos, sociólogos e antropólogos, sujeitos da ciência que forjaram o racismo como estrutura em nossa sociedade.

No primeiro capítulo intitulado *Racismo científico no Brasil e no mundo* são discutidos os caminhos das ideologias e teorias que sustentaram e influenciaram o pensamento brasileiro. Com o objetivo de apresentar e justificar a necessidade do ensino das relações étnico-raciais, os autores se utilizaram da poética artística como dinâmica sensibilizadora e dinamizadora, valendo-se de poemas de Elisa Lucinda e Sérgio Vaz. Ressalta-se o tópico que diz respeito ao racismo na história e que enfatiza os conceitos de eugenia em Francis Galton, acompanhados de questões abertas dissertativas. Destaca-se a apropriação e (re)significação das teorias de Charles Darwin

⁶ Rara exceção pode ser encontrada em: VASCONCELOS, José Antonio. *Reflexões: filosofia e cotidiano: filosofia: ensino médio*, vol. Único, 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

por Herbert Spencer pela elite intelectual e profissionais da época. Outro ponto que se sobressai é a problematização do conceito de “ser humano” frente à modernidade, o que nos permite um contraste com a tese de Rufino dos Santos⁷ acerca do proto-racismo grego assentado em bases frágeis utilizadas para desqualificar árabes, maometanos, egípcios, judeus, asiáticos, dentre outros.

Na sequência os autores passam para a análise da ideia de branqueamento e mestiçagem que resulta, segundo a obra, no mito da democracia racial. Neste item pareceu-nos desafortunada a indicação da música “Racismo é burrice” de Gabriel O Pensador – que contém em sua letra afirmativas tais como: “Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços”. Parece-nos que deve se considerar que “se a mestiçagem representou o caminho para nivelar todas as diferenças étnicas, raciais e culturais que prejudicavam a construção do povo brasileiro, se ela pavimentou o caminho não acabado do branqueamento, ela ficou e marcou significativamente o inconsciente e o imaginário coletivo do povo brasileiro” (MUNANGA, 1999, p.126)⁸.

Apesar disso, reconhecemos os esforços dos autores para a criação de espaços dialógicos e poéticos entre os clássicos da sociologia brasileira e seus expoentes como: Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, dentre outros, encarregados de distinguir racismo de preconceito racial. O texto é seguido de legislação que garantem as Ações Afirmativas, com sugestões de livros e filmes.

No segundo capítulo intitulado *Outras margens da filosofia: filosofias africana e latino-americana* os autores apresentam uma sistematização das correntes filosóficas contemporâneas e abordam o processo de descolonização da África e do Brasil como estratégias para o combate ao racismo estruturante em nossa sociedade. O objetivo do capítulo é apontar caminhos para o enfrentamento e superação do racismo. Para tanto, os autores problematizam a filosofia ocidental frente ao colonialismo, amparados nas concepções dos filósofos Joseph Omoregbe e Mogobe Ramose. Os autores apresentam um diagrama das principais correntes filosóficas contemporâneas africanas e latino americanas e os respectivos filósofos em três perspectivas classificadas como: *culturalista* (Etnofilosofia com Gyekye, Kagame e Temples; Sagacidade com Aruka; Ancestralidade com Somé); *ideológica* (Pan-africanismo com Nkrumah, Du Bois e Abdias Nascimento; Negritude com Césaire e Senghor; Anticolonialista com Fanon e Cabral) e *profissional* (Hountondj, Appiah, Towa, Wiredu, Mudimbe e Adotevi). No que tange à filosofia latino americana, são apresentados

⁷ SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁸ MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

textos, fotos e comentários dos brasileiros: Abdias Nascimento, Renato Nogueira e Eduardo Oliveira. Nesse ponto abrimos outro parêntese, ainda caro para a filosofia, o de reconhecer entre seus cânones o pensamento produzido por filósofas como Marimba Ani, Angela Davis e Adilbênia Freire Machado, esta última filósofa brasileira possui inúmeros artigos publicados no campo da Filosofia Africana, devendo incorporar o rol de autores brasileiros. Para não sermos contaminados pelo rótulo greco-falocêntrico, recomenda-se ao leitor(a) duas obras que reconduzem o feminino como protagonista do pensamento filosófico no Egito Antigo, “Faraona de Tebas” de Francis Fêver⁹ e, a mais recente “Mulheres e deusas” de Renato Nogueira¹⁰.

A obra *Filosofia e consciência negra* possui mérito próprio com ampla aceitação e circulação em formato PDF, com download gratuito nos sites da Editora da UFMT; Observatório da Evangelização e da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia - ANPOF e em diversos outros canais, o que amplia enormemente o seu alcance. Tal perspectiva constitui um repertório essencial para integrar o rol de textos diaspóricos disponibilizados pela plataforma da UnB sobre Filosofia Africana, coordenado pelo filósofo e professor Wanderson Flor do Nascimento¹¹.

Destaca-se também, por estar enriquecida pela sistematização das principais correntes da filosofia africana e afro-brasileira, acompanhada de um manual do professor com diversas sugestões de temáticas e aprofundamentos de estudos e pesquisas. Por fim, a amplitude da obra reside em seu formato e linguagem didático-pedagógica que facilita a compreensão do pensamento africano e afro-brasileiro, estruturalmente diferentes da matriz judaico-cristã, incorporando, conforme Renato Nogueira, uma epistemologia afroperspectivista e descolonizadora do pensamento.

Antonio Carlos dos Santos Gonçalves: é ativista do Movimento Negro em Itabuna, Bahia, Mestre na Capoeira, Graduado em Filosofia - UESC; Especialização em História do Brasil – UESC; Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Estudos do Atlântico e da Diáspora Africana - GPEADA - CNPq/UESC - Linha de Pesquisa Experiências Atlânticas: Economia, Política e Sociedade. Pesquisa em Filosofia da Ciência em Cheikh Anta Diop. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia – PPGER/UFSB, sob a orientação da Professora Doutora Francismary Alves da Silva, historiadora.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2018.

⁹ Ver FÊVRE, Francis. *Faraona de Tebas*: Hatchepsut, filha do sol. Trad. Gilda Stuart. São Paulo: Editora Mercuryo, 1991.

¹⁰ NOGUEIRA, Renato. *Mulheres e deusas*: como as divindades e os mitos femininos formam a mulher atual. 1 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

¹¹ Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-diaspocutericos.html> Acesso em: 16/03/2017.

Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Ano 2018, Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018.

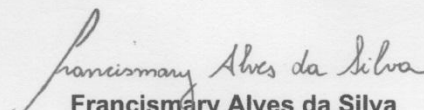
Anexo XVII



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Apresento – para fins de envio de proposta de minicurso de Filosofia Africana, proposta intitulada *"História da Filosofia em afroperspectiva: diálogos comparativos de uma antropologia filosófica africana"* (40h), atividade a ser desenvolvida na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – o estudante **ANTONIO CARLOS DOS SANTOS GONÇALVES**, matrícula 2017101138, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais / PPGER (Mestrado Profissional) da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, sob minha orientação no referido Mestrado Profissional, Profa. Dra. Francismary Alves da Silva, SIAPE 1032375, docente da UFSB, Campus Jorge Amado.

Itabuna, 14 de março de 2019.


Francismary Alves da Silva
Docente da UFSB
SIAPE 1032375

EDITAL UESC Nº 51/2019**ABERTURA DE INSCRIÇÕES**

Curso de extensão: História da Filosofia em afroperspectiva: diálogos comparativos de uma antropologia filosófica africana.

A Reitora da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, no uso de suas atribuições, torna pública a abertura de inscrições para o curso **História da Filosofia em afroperspectiva: diálogos comparativos de uma antropologia filosófica africana**, ação promovida pelo projeto de extensão *O Homem o que ele é?* vinculado ao Departamento de Filosofia e ciências Humanas DFCH/UESC.

1. DAS INSCRIÇÕES:

PERÍODO	De 08 a 10 de abril de 2019.
HORÁRIO	Das 08 às 21 horas
LOCAL	Protocolo Geral da UESC, térreo do Pavilhão Adonias Filho
CLIENTELA	Comunidade acadêmica (professores, estudantes, servidores e funcionários) e comunidade externa (professores de escolas públicas, estudantes, pessoas e grupos da sociedade civil em geral).
VAGAS	40 (quarenta), preenchidas por ordem de inscrição.
TAXA	Gratuito
DOCUMENTOS	FICHA DE INSCRIÇÃO preenchida
REQUISITO NECESSÁRIO PARA PARTICIPAÇÃO	Não Há.

2. DO CURSO:

OBJETIVOS	Analisar as obras que fundamentam a Filosofia Africana a partir da antropologia filosófica de Cheikh Anta Diop e etnofilosofia de Kwame Anthony Appiah, procurando identificar as contribuições dos autores africanos e diaspóricos no campo historiográfico da filosofia e da ciência.
VAGAS	40 vagas
LOCAL	Sala de aula da UNATI, Pavilhão Adonias Filho Térreo.
DATA DO CURSO	O curso será oferecido no período de 11/04/2019 à 14/06/2019 às quintas e sextas-feiras das 17:00 as 19:00h. No mês de junho o curso ocorrerá nas quartas, quintas e sextas-feiras.
CARGA HORÁRIA	40 horas
MINISTRANTE	Antonio Carlos dos Santos Gonçalves mestrando UFSB
COORDENADOR	Prof. José Fredson Souza Silva

3. DOS CERTIFICADOS – serão fornecidos aos inscritos que obtenham mais de 75% de frequência.

Campus Prof. Soane Nazaré de Andrade, 28 de março de 2019.

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO
REITORA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC

Campus Prof. Soane Nazaré de Andrade – Rodovia Jorge Amado, Km 16

Tel: Reitoria (73) 3680-5311 – Fax: (73) 3689-1126

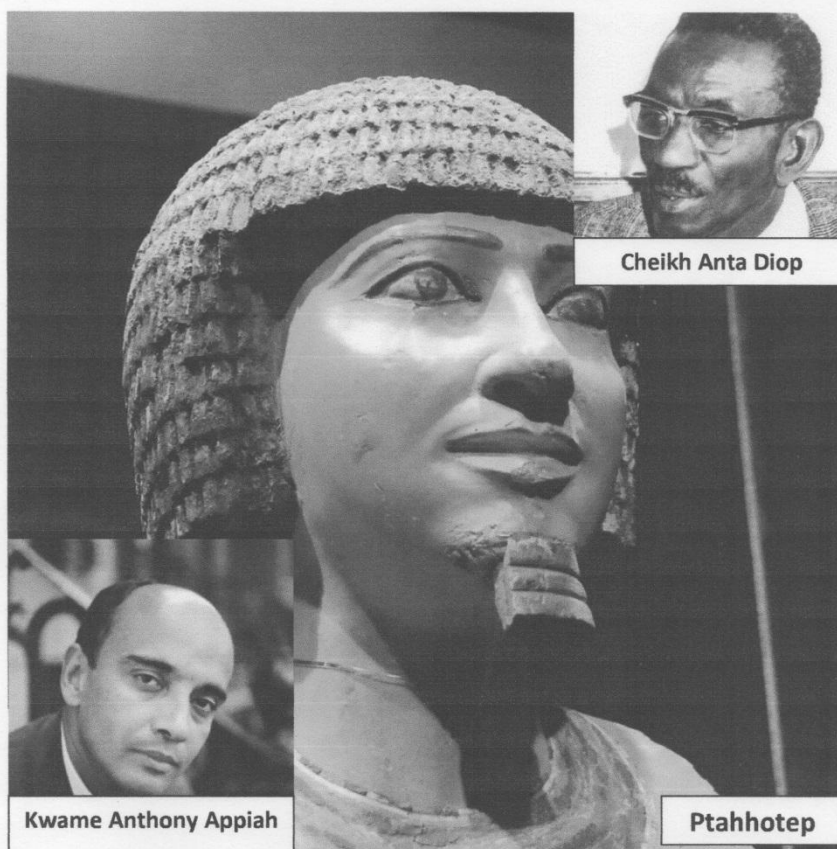
CEP: 45.662-900 – Ilhéus – Bahia – Brasil

E-mail: reitoria@uesc.br

13

O Projeto de Extensão *O Homem o que ele é?*

Apresenta: **CURSO DE HISTÓRIA DA
FILOSOFIA EM AFROPERSPECTIVA:**
diálogos comparativos de uma antropologia filosófica africana.



INSCRIÇÃO: 8, 9 e 10 DE ABRIL NO PROTOCOLO DA UESC

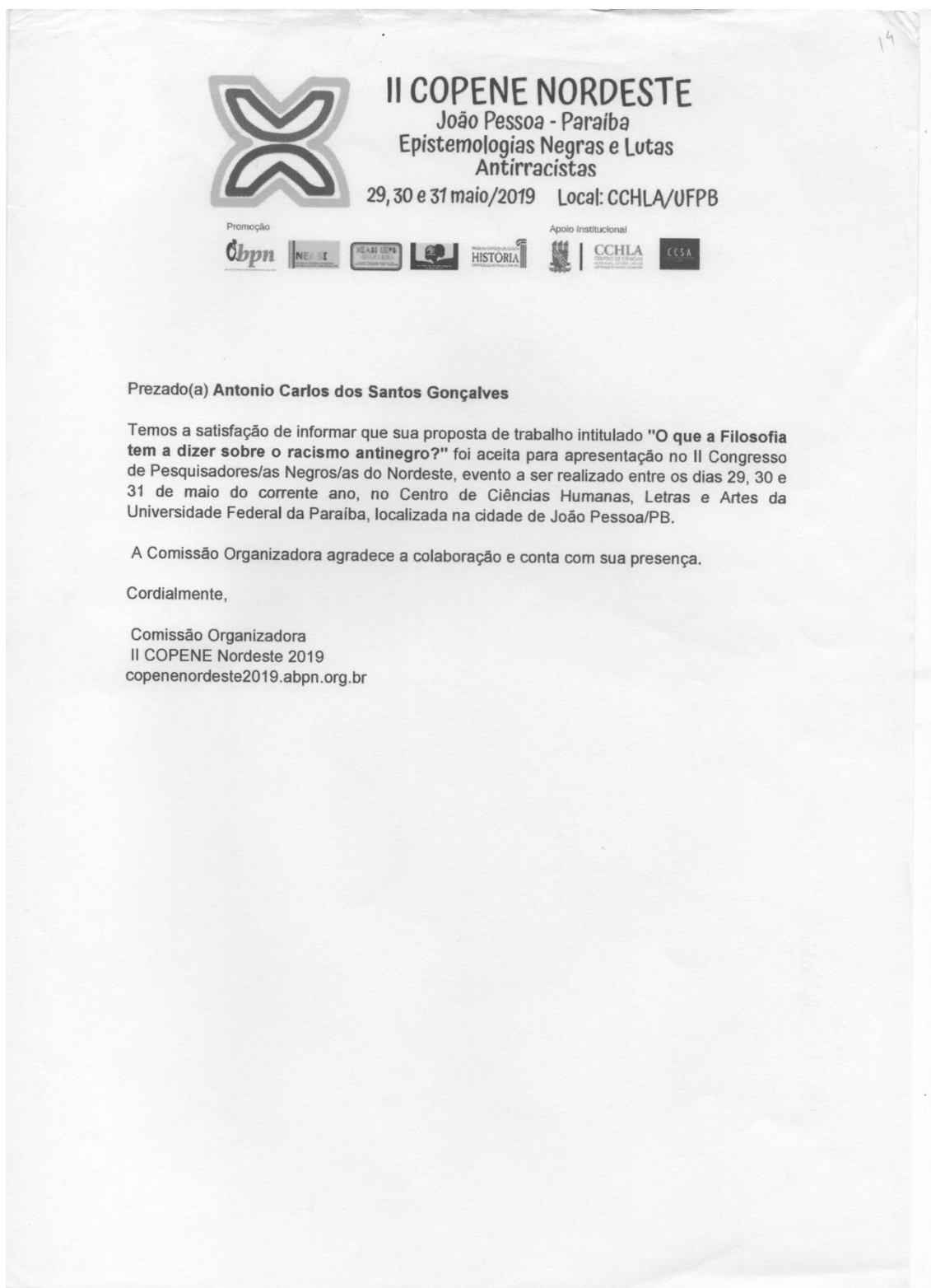
Início do curso: 11 de abril de 2019 (UNATI)

Dias: quintas e sextas-feiras das 17 às 19h

Carga horária: 40h (certificado)



Anexo XVIII

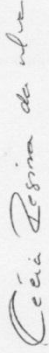


II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-raciais

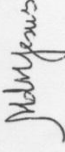
CERTIFICADO



Certificamos que Antonio Carlos dos Santos Gonçalves
 participou do **II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais**,
 realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2019, na Universidade Federal do Sul
 da Bahia campus Jorge Amado – Itabuna – BA, com carga horária total de 30
 horas.



Profa Célia Regina da Silva
Coordenadora Docente

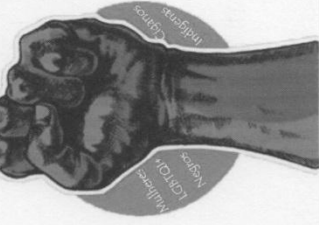


Profª Maria Domingas M. de Jesus
Coordenadora Discente

Itabuna – BA, 01 de junho de 2019









II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais

II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais

Anexo XX



O APRESENTAÇÃO

O II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais, com o tema **“Aquilombar-se: Desafios e perspectivas da resistência no Sul da Bahia”** tem como objetivo debater questões sobre mulheres, LGBTQI+, negrxs, ciganxs e indígenas a partir de uma perspectiva decolonial.

PROGRAMAÇÃO

30/05-Manhã

8h- Credenciamento
9h- Mesa (Ato de abertura)
Reitoria, UESC, PPGER, PROSIS, Fórum Regional de Educação, SEPRONI, representante discente e docente, Secretaria de Educação de Itabuna, Ministério Público
10h- Mesa: **Aquilombar-se: Desafios e Perspectivas da Resistência no Sul da Bahia**
Composição: Prof. Dr. Jeanes Lachert; Rui Póvoas; Mãe Ilza Mukalé; Solange Brito (Teia dos povos), Lótolá (Grupo Humanos), Mestre Jorge Rasta (Casa dos Bonecos de Itacaré), Ivone Miranda (Rede Feminista de Itabuna); Cacique Valdelice (Tupinambá) Cosme Rebouças (cigano), Moacir Pinho (MNU); Janira França (EACMA);
Mediador:
12h- Intervalo p' almoço

Tarde

14h- Conferência de Abertura: Kabenguê Munanga-
Aquilombar-se para (re)existir: Desafios à Educação Brasileira em tempos de polaridades
Mediadora: Fátima Santana Santos
17h- Momento Cultural

31/05 Manhã

8h30min- Minicursos e oficinas

1-A Dança Bate-Barriga em Helvécia no Sul da Bahia: histórias, lutas e resistência. Ministrante: Bruno Oliveira Santos

2- Mosaico Malungo
3- Literatura Indígena: Tecendo aprendizagens (Marcilêa de Freitas)

4- A Literatura Infantil Africana e Afro-Brasileira nas Práticas Pedagógicas da Educação Infantil (Ananda da Luz Ferreira e Fátima Santana)

5- Movimento Negro no Brasil: A Lei nº 10.639/03 como Política Pública no Combate à desigualdade. Ministrantes: André Almeida Santos e Jackeline Santana Gomes

6- Oficina Caça ao Tesouro: um debate sobre diferença e igualdade.

7-Filosofia: do universo eurocêntrico à pluriversalidade epistêmica. (Maurício de Novais Reis)

8- A Luta Tupinambá e os conflitos de terras no Sul da Bahia (Katu Tupinambá)

9-Oficina de Tambores Sagrados Ajagunan\ Raimundo Nunes e Mithier Amorim

10- Etnia Cigana: mitos, histórias, memórias e identidade (Deise Santos)

11- Intolerância e Racismo Religioso com crianças e jovens de terreiro no Sul da Bahia (Ademar Cirne)

12- O Protagonismo das Mulheres Negras a partir do filme Pantera Negra (Juliana Barros e Maria Domingas M. de Jesus)

13- Cotidiano Escolar e Docência: Como as opressões aos LGBTQIs podem ser percebidas e combatidas no chão da escola (Adriano Caribé Cardoso Cardim e Lis Pimentel Almeida)

14- Descolonização Estética e Afirmção da Identidade Negra (Lúcia Ramos e Ronara Chagas)

Tarde

13h30min- Mesa 1 – **Perspectivas Educacionais Decoloniais: A Educação da diferença a partir da visibilidade dos diferentes povos e seus etnosaberes**

Convidadx: Mediadora: Prof. Dra. Cynthia de Cássia dos Santos Barra (UESB)

Prof. Dr. Marise Santana (UESB)

Prof. Dr. Casé Angatu Xukuru Tupinambá (UESC/UESB)

Prof. Cigano (a definir)

Prof. Dr. Eliana Póvoas (PPGER/UESB)

Mesa 2

13h30min- **Relações de gênero e dissidências sexuais no contexto educacional**

Convidadx: Mediadora: Prof. Dr. Célia Regina da Silva (UESB)

Prof. Dr. Cláudia Miranda (UNIRIO)

Prof. Dr. Livia Natália (UFBA)

Maria Clara Araújo dos Passos (pesquisadora) assessora parlamentar de Érica Malunguinho

01/05

Manhã

8h30min- Apresentação de Trabalho nos Gts
GT1 Gênero, Mídia e Educação.

GT2- Práticas educativas no contexto das Relações étnico-raciais no âmbito escolar

GT3- Currículo, etnosaberes e formação docente

GT5- Palavras da Educação Infantil: relações étnico-raciais e práticas antirracista

GT6- Filosofia da ancestralidade e educação: Experiências, saberes e práticas

GT7- Tecnologias da Comunicação e Informação no/para o ensino das relações étnico-raciais

GT8- Literatura, ensino e relações étnico-raciais

GT9- Educação, identidade e relações raciais no Sul da Bahia

GT10- Juventude de Terreiros

GT11- Educação Indígena e práticas educativas no contexto das relações étnico-raciais

GT12- Sustentabilidade, Direitos e Relações étnico-raciais

GT13 - Avanços e desafios na implementação da Lei nº 10.639/2003 em escolas do Sul da Bahia: vivências e pesquisas de campo.

11h- Literatura afro-brasileira: Pedagogias e Pretagorias

Prof. Dr. Daniela Galdino (UNEB)

Prof. Dr. Basille Malomalo (UNILAB)

Prof. Mestra Ladjane Alves Souza (UFRB)

Mediador: Yuri Miguel

12h- Apresentação Cultural

Encerramento

Anexo XXIII



Anexo XXIV

QUESTÕES DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (2009-2018)

selecionadas pelos professores do IFBA Eunápolis em 10 de setembro de 2018.

Lembramos que tanto a reunião da área de humanidades realizada em 13 de agosto de 2018, das 14 às 17h, realizada nas dependências do IFBA, campus Eunápolis, quando a reunião extraordinária realizada no dia 10 de setembro de 2018, das 14 às 17h, ambas presididas pelo professor Aldineto Miranda teve por base a solicitação de análise das questões do ENEM nos últimos dez anos para composição de um Manual Didático de Filosofia Africana a pedido do professor Antonio Gonçalves e, por fazer parte de uma demanda particular para efeito acadêmico, não constou em ata de reunião.

*Em **negrito** a alternativa correta, conforme gabarito divulgado pelo INEP\MEC.

Questão 24 (2009.2) Caderno História

O Egito é visitado anualmente por milhões de turistas de todos os quadrantes do planeta, desejosos de ver com os próprios olhos a grandiosidade do poder esculpida em pedra há milênios: as pirâmides de Gize, as tumbas do Vale dos Reis e os numerosos templos construídos ao longo do Nilo. O que hoje se transformou em atração turística era, no passado, interpretado de forma muito diferente, pois:

A) significava, entre outros aspectos, o poder que os faraós tinham para escravizar grandes contingentes populacionais que trabalhavam nesses monumentos.

B) representava para as populações do alto Egito a possibilidade de migrar para o sul e encontrar trabalho nos canteiros faraônicos.

C) significava a solução para os problemas econômicos, uma vez que os faraós sacrificavam aos deuses suas riquezas, construindo templos.

D) representava a possibilidade de o faraó ordenar a sociedade, obrigando os desocupados a trabalharem em obras públicas, que engrandeceram o próprio Egito.

E) significava um peso para a população egípcia, que condenava o luxo faraônico e a religião baseada em crenças e superstições.

Questão 51 (2009.3) Caderno História

Os faraós das primeiras dinastias construíam grandes pirâmides para proteger as suas câmaras mortuárias. Conforme a crença egípcia antiga, a alma vagaria sem destino se o corpo, sua habitação, fosse destruído. No Egito contemporâneo, os muçulmanos são sepultados envoltos apenas em mortalhas, poucas horas após a morte, em túmulos simples e sem identificação individual. A diferença entre as grandes pirâmides de outrora e os ritos e túmulos simples de hoje deve-se ao fato de a religião muçulmana:

A) ter surgido, precisamente, como reação contra a religião dos faraós.

B) entender como errado construir pirâmides só para os ricos, e não, para todos.

C) querer evitar os assaltos aos monumentos funerários, que eram comuns no Egito antigo.

D) ignorar o corpo como morada da alma e considerar os homens como iguais frente à morte.

E) ser descrente quanto à existência de vida após a morte.

Questão 46 (2011.1) Caderno Filosofia e Sociologia

A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, inclui no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e determina que o conteúdo programático incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, além de instituir, no calendário escolar, o dia 20 de novembro como data comemorativa do “Dia da Consciência Negra”. (Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2010 - adaptado). A referida lei representa um avanço não só para a educação nacional, mas também para a sociedade brasileira, porque:

- A) legitima o ensino das ciências humanas nas escolas.
- B) divulga conhecimentos para a população afro-brasileira.
- C) reforça a concepção etnocêntrica sobre a África e sua cultura.
- D) garante aos afrodescendentes a igualdade no acesso à educação.
- E) impulsiona o reconhecimento da pluralidade étnico-racial do país.**

Questão 97 (2013.1) Caderno Filosofia e Sociologia

A África também já serviu como ponto de partida para comédias bem vulgares, mas de muito sucesso, como *Um príncipe em Nova York* e *Ace Ventura: um maluco na África*; em ambas, a África parece um lugar cheio de tribos doidas e rituais de desenho animado. A animação *O rei Leão, da Disney*, o mais bem-sucedido filme americano ambientado na África, não chegava a contar com elenco de seres humanos. (LEIBOWITZ, E. Filmes de Hollywood sobre África ficam no clichê. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br>. Acesso em 17 abr, 2010). A produção cinematográfica referida no texto contribui para a constituição de uma memória sobre a África e seus habitantes. Essa memória enfatiza e negligencia, respectivamente, os seguintes aspectos do continente africano:

- A) A história e a natureza.
- B) O exotismo e as culturas.**

- C) A sociedade e a economia.
- D) O comércio e o ambiente.
- E) A diversidade e a política.

Questão 105 (2013.1) Caderno Filosofia e Sociologia

Tendo encarado a besta do passado olho no olho, tendo pedido e recebido perdão e tendo feito correções, viremos agora a página — não para esquecê-lo, mas para não deixá-lo aprisionar-nos para sempre. Avancemos em direção a um futuro glorioso de uma nova sociedade sul-africana, em que as pessoas valham não em razão de irrelevâncias biológicas ou de outros estranhos atributos, mas porque são pessoas de valor infinito criadas à imagem de Deus. (Desmond Tutu, no encerramento da Comissão da Verdade na África do Sul. Disponível em: <http://td.camara.leg.br>. Acesso em: 17 dez. 2012 - adaptado). No texto, relaciona-se a consolidação da democracia na África do Sul à superação de um legado:

- A) populista, que favorecia a cooptação de dissidentes políticos.
- B) totalitarista, que bloqueava o diálogo com os movimentos sociais.
- C) segregacionista, que impedia a universalização da cidadania.**
- D) estagnacionista, que disseminava a pauperização social.
- E) fundamentalista, que engendrava conflitos religiosos.

Questão 140 (2014.1) Caderno Filosofia e Sociologia

Parecer CNE/CP no 3/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Procura-se oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas. Propõe a divulgação e a produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial — descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos — para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos igualmente tenham seus direitos garantidos. (BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Disponível em:

www.semesp.org.br. Acesso em: 21 novo 2013 - adaptado). A orientação adotada por esse parecer fundamenta uma política pública e associa o princípio da inclusão social a:

- A) práticas de valorização identitária.**
- B) medidas de compensação econômica.
- C) dispositivos de liberdade de expressão.
- D) estratégias de qualificação profissional.
- E) instrumentos de modernização jurídica.

Questão 210 (2014.2) Caderno História

Em busca de matérias-primas e de mercados por causa da acelerada industrialização, os europeus retalharam entre si a África. Mais do que alegações econômicas, havia justificativas políticas, científicas, ideológicas e até filantrópicas. O rei belga Leopoldo II defendia o trabalho missionário e a civilização dos nativos do Congo, argumento desmascarado pelas atrocidades praticadas contra a população. (NASCIMENTO, C. Partilha da África: o assombro do continente mutilado. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 7, n. 75, dez. 2011 - adaptado). A atuação dos países europeus contribuiu para que a África – entre 1880 e 1914 – se transformasse em uma espécie de grande “colcha de retalhos”. Esse processo foi motivado pelo(a):

- A) busca de acesso à infraestrutura energética dos países africanos.
- B) tentativa de regulação da atividade comercial com os países africanos.
- C) resgate humanitário das populações africanas em situação de extrema pobreza.
- D) domínio sobre os recursos considerados estratégicos para o fortalecimento das nações europeias.**
- E) necessidade de expandir as fronteiras culturais da Europa pelo contato com outras civilizações.

Questão 175 (2015.1) Caderno Filosofia e Sociologia

Voz do sangue

Palpitam-me os sons do batuque e os ritmos melancólicos do blue.
Ó negro esfarrapado do Harlem ó dançarino de Chicago ó negro servidor do South
Ó negro da África negros de todo o mundo
Eu junto ao vosso magnífico canto a minha pobre voz os meus humildes ritmos.
Eu vos acompanho pelas emaranhadas áfricas do nosso Rumo.
Eu vos sinto negros de todo o mundo eu vivo a nossa história meus irmãos.

(Disponível em: www.agostinhoneto.org. Acesso em: 30 jun. 2015). Nesse poema, o líder angolano Agostinho Neto, na década de 1940, evoca o pan-africanismo com o objetivo de:

- A) incitar a luta por políticas de ações afirmativas América e na África.
- B) reconhecer as desigualdades sociais entre os negros de Angola e dos Estados Unidos.
- C) descrever o quadro de pobreza após os processos de independência no continente africano.
- D) solicitar o engajamento dos negros estadunidenses na luta armada pela independência em Angola.
- E) conclamar as populações negras de diferentes países a apoiar as lutas por igualdade e independência.**

Questão 236 (2015.1) Caderno História

A participação da África na Segunda Guerra Mundial deve ser apreciada sob a ótica da escolha entre vários demônios. O seu engajamento não foi um processo de colaboração com o imperialismo, mas uma luta contra uma forma de hegemonia ainda mais perigosa. (MAZRUI, A. "Procurai primeiramente o reino do político." In: MAZRUI, A.; WONDJI, C. (Org.) História Geral da África: África desde 1925. Brasília: Unesco, 2010). Para o autor, a "forma de hegemonia" e uma de suas características que explicam o engajamento dos africanos no processo analisado foram:

- A) Comunismo / rejeição da democracia liberal.
- B) Capitalismo / devastação do ambiente natural.
- C) Fascismo / adoção do determinismo biológico.**

- D) Socialismo / planificação da economia nacional.
- E) Colonialismo / imposição da missão civilizatória.

Questão 230 (2016.2) Caderno Filosofia e Sociologia

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais. Brasília: Ministério da Educação, 2005). A alteração legal no Brasil contemporâneo descrita no texto é resultado do processo de:

- A) aumento da renda nacional.
- B) mobilização do movimento negro.**
- C) melhoria da infraestrutura escolar.
- D) ampliação das disciplinas obrigatórias.
- E) politização das universidades públicas.

Questão 289 (2017.1) Caderno História

No império africano do Mali, no século XIV, Tombuctu foi centro de um Comércio internacional onde tudo era negociado – Sal, escravos, marfim, etc. Havia também um grande comércio de livros de história, medicina, astronomia e matemática, além de grande concentração de estudantes. A importância cultural de Tombuctu pode ser percebida por meio de um velho provérbio: “O sal vem do norte, o ouro vem do Sul, mas as palavras de Deus e os tesouros da sabedoria Vêm de Ombuctu”. (Assumpção, J E. África: Uma história para ser escrita. Desvendando a história da África. Porto Alegre, UFRGS, 2008 - adaptado). Uma explicação para o dinamismo dessa cidade e sua importância histórica no período mencionado era o(a):

- A) isolamento geográfico do Saara Ocidental.

- B) exploração intensiva de recursos naturais.
- C) posição relativa nas redes de circulação.**
- D) tráfico transatlântico de mão de obra Servil.
- E) competição econômica dos reinos da região.

Questão 294 (2017.2) Caderno Filosofia e Sociologia

TEXTO I

Frantz Fanon publicou pela primeira vez, em 1952, seu estudo sobre colonialismo e racismo, *Pele negra, máscaras brancas*. Ao dizer que “para o negro, há somente um destino” e que esse destino é branco, Fanon revelou que as aspirações de muitos povos colonizados foram formadas pelo pensamento colonial predominante. (BUCKINGHAM, W. et al. O livro da filosofia. São Paulo: Globo, 2011 - adaptado).

TEXTO II

Mesmo que não queiramos cobrar desses estabelecimentos (salões de beleza) política nos moldes tradicionais da militância, uma vez que são estabelecimentos comerciais e não entidades do movimento negro, o fato é que, ao se autodenominarem “étnicos” e se apregoarem como divulgadores de uma autoimagem positiva do negro em uma sociedade racista, os salões se colocam no cerne de uma luta política e ideológica. (GOMES, N. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Disponível em: www.rizoma.ufsc.br. Acesso em: 13 fev. 2013). Os textos apresentam uma mudança relevante na constituição identitária frente à discriminação racial. No Brasil, o desdobramento dessa mudança revela o(a):

- A) valorização de traços culturais.**
- B) utilização de resistência violenta.
- C) fortalecimento da organização partidária.
- D) enfraquecimento dos vínculos comunitários.
- E) aceitação de estruturas de submissão social.

Questão 306 (2018.1) Caderno História

Figura 1



(Disponível em: www.thehenryford.org. Acesso em: 3 maio 2018)

Figura 2



(Disponível em: www.abc.net.au. Acesso em: 3 maio 2018)

Esse ônibus relaciona-se ao ato praticado em 1955, por Rosa Parks, apresentada em fotografia ao lado de Martin Luther King. O veículo alcançou o estatuto de obra museológica por simbolizar o(a):

- A) impacto do medo da corrida armamentista.
- B) democratização do acesso à escola pública.
- C) preconceito de gênero no transporte coletivo.
- D) deflagração do movimento por igualdade civil.**
- E) eclosão da rebeldia no comportamento juvenil.

Questão 317 (2018.2) Caderno Filosofia e Sociologia

Os níveis de desigualdade construídos historicamente não se referem apenas a uma questão de mérito individual, mas à falta de condições iguais de oportunidades de acesso a educação, trabalho, saúde, moradia e lazer. As pesquisas mostram que há um grande abismo racial no Brasil, e as estatísticas, ao apontarem as condições de vida, emprego e

escolaridade entre negros e brancos, comprovam que essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica, que atinge toda a população brasileira e, de modo particular, os negros. (MUNANGA, K.; GOMES, N. L. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global; Educativa, 2004). O conjunto de ações adotado pelo Estado brasileiro, a partir da última década do século XX, para enfrentar os problemas sociais descritos no texto resultaram na:

- A) ampliação de planos viários de urbanização.
- B) democratização da instrução escolar pública.**
- C) manutenção da rede hospitalar universitária.
- D) preservação de espaços de entretenimento locais.
- E) descentralização do sistema nacional de habitação.

Questão 324 (2018.2) Caderno História

Na África, os europeus morriam como moscas; aqui eram os índios que morriam: agentes patogênicos da varíola, do sarampo, da coqueluche, da catapora, do tifo, da difteria, da gripe, da peste bubônica, e possivelmente da malária, provocaram no Novo Mundo o que Dobyns chamou de “um dos maiores cataclismos biológicos do mundo”. No entanto, é importante enfatizar que a falta de imunidade, devido ao seu isolamento, não basta para explicar a mortandade, mesmo quando ela foi de origem patogênica. (CUNHA, M. C. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012). Uma ação empreendida pelos colonizadores que contribuiu para o desastre mencionado foi o(a):

- A) desqualificação do trabalho das populações nativas.
- B) abertura do mercado da colônia às outras nações.
- C) interdição de Portugal aos saberes autóctones.
- D) incentivo da metrópole à emigração feminina.
- E) estímulo dos europeus às guerras intertribais.**